John Henry Jowett

O PREGADOR
sua vida e obra

Casa Editora Presbiteriana
Sociedade Civil

Gratidão:

A Deus, pela vida e obra de
John Henry Jowett.

A "Harper & Brothers Publishers"
pela divulgação feita de obra tão inspiradora.

Ao Dr. Oliveiros Valim e a sua digna esposa,
em cujo lar fiz a presente tradução.

UMA PALAVRA AO LEITOR

No dia 6 de abril de 1960, data em que concluí a tradução deste livro na cidade de Osvaldo Cruz, escrevi o seguinte:

Este livro contém sete inspiradoras preleções apresentadas pelo autor, John Henry Jowett, na Universidade de Yale, depois de já ter servido muitos anos no pastorado.

Para mim sua leitura foi uma bênção preciosa. Convicto de que o será para muitos corações, ofereço esta tradução. Espero em Deus não fazer jus ao ditado: "Traduttori, traditori", pois julgo ter conservado, tanto quanto possível, a letra e o espírito da obra original.

Quem será leitor deste livro?

Fiz a tradução na certeza de que a mensagem do livro será benéfica,instrutiva e inspiradora para pastores, evangelistas e pregadores leigos, presbíteros, diáconos, professores da Escola Dominical e... para todos os crentes em Cristo. Estas especificações não se restringem a uma ou duas denominações evangélicas, mas abrangem todo o evangelismo.

Verá o leitor que não exagero.

JOHN HENRY JOWETT

A Deus, graças, louvor e glória pela vida e pela obra de John Henry Jowett!
A Deus, súplicas para que esta obra seja poderoso instrumento da graça divina, veículo de bênçãos ricas e abundantes para a área brasileira de Sua Seara.
Amém.

Estou certo de que as palavras acima são válidas hoje, especialmente em sua referência ao benefício que as preleções de Jowett comunicarão aos que trabalham nas fileiras do Mestre — já como membros de igreja, já como obreiros — nesta hora de conturbação total.

Neste momento histórico, quando as mensagens e ações negativas, desagregadoras, forçam entrada no coração dos poderosos e dos simples, a obra de Jowett vale por um contundente e animador grito de

EXCELSIOR!

cujos ecos ficam retinindo construtivamente nas fibras da alma do leitor atento. É estimulante como aquele vigoroso estribilho do
Salmo 24:

"Levantai, ó portas, as vossas cabeças,
levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória!"

Campinas, janeiro de 1969.

ÍNDICE

Uma palavra ao leitor

PRELEÇÕES

1 — A vocação do Pregador.....07

2 — Perigos do Pregador.....25

3 — Os Temas do Pregador.....45

4 — O Pregador no Gabinete.....67

5 — O Pregador no Púlpito.....87

6 — O Pregador nos Lares.....105

7 — O Pregador como Homem de Negócio.....124

A VOCAÇÃO DO PREGADOR

Primeira preleção

"Separado para o Evangelho de Deus."

No decurso destas preleções, pretendo falar sobre o seguinte tema geral: "O pregador — sua vida e obra." Há pouca ou nenhuma necessidade de introdução. A única palavra de prefácio que desejo pronunciar é esta: Já trabalhei no ministério cristão mais de vinte anos. Amo esta minha vocação. Gozo ardente deleite nos seus serviços. Minha consciência não me acusa de extravio para qualquer tipo de rivais que apelem para o meu vigor e minha obediência. Uma só é minha paixão e por ela tenha vivido: A obra obsorventemente árdua, gloriosa embora, de proclamar a graça e o amor de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Portanto, levanto-me diante dos senhores como um companheiro de serviço, que se atarefa com certa parte do campo, e meu objetivo simples é mergulhar no lago da minha experiência, referir determinadas opiniões e descobertas, e dar conselhos e exortações nascidos dos meus próprios êxitos e fracassos.

Presumo estar falando a homens que estão olhando o campo do ponto de vista da circunferência, que estão contemplando a obra do ministério, disciplinando agora as suas forças, preparando os seus instrumentos e, de modo geral, elaborando os seus planos para a jornada num terreno que, para eles, é ainda região inexplorada. Percorri diversos caminhos e quero contar-lhes algo daquilo que encontrei.

I

Devo falar-lhes hoje sobre a vocação e a missão do pregador. É de momentosa importância a maneira como um homem entra no ministério. Há uma "porta" neste aprisco, como também há "outro caminho." O indivíduo pode entrar influenciado apenas por um raciocínio pessoal ou pode fazê-lo constrangido por conselhos puramente seculares de amigos. Pode ele compreender o ministério como uma profissão, como um meio de ganhar a vida, como uma distinção social desejável, como um negócio que oferece oportunidades agradavelmente favoráveis de lazer bafejado pela cultura, de cobiçadas lideranças e de atraente publicidade. Há quem se torne ministro porque, depois de pesar cuidadosamente vantagens relativas, prefere o ministério ao direito, ou à medicina, ou à ciência, ou à indústria e comércio. O ministério é posto em fila com outras muitas alternativas seculares e é escolhido por causa de algum atrativo saliente que apele para o gosto pessoal. Ora, em todas estas decisões o candidato ao ministério bate em porta errada. Sua visão é totalmente horizontal. Sua perspectiva é a do "homem do mundo": Predominam considerações,

semelhantes usam-se as mesmas balanças de opinião. O motivo constrangedor é a ambição e a meta cobiçada é o triunfo. Não há nada que seja vertical no seu modo de ver. Não há uma elevação dos olhos "para os montes." Nada há que seja "de cima." Não há nenhum mistério espantoso como de "um vento que sopra onde quer." O homem resolveu sobre a sua vocação, mas "Deus não estava em seus pensamentos."

Pois eu afirmo, com profunda convicção, que antes de alguém escolher o ministério cristão como a sua carreira, deve ter a certeza de que a seleção foi imposta imperativamente pelo Deus eterno. O chamado do Eterno tem que ressoar através das recamaras da sua alma de modo tão claro como o som dos sinos matinais ressoa pelos vales da Suíça, convocando os campônios para a primeira oração e louvor. O candidato ao ministério tem que se mover como um homem aprisionado por algemas misteriosas. "A necessidade é infligida" a ele. Sua escolha não é uma preferência entre alternativas. Em última instância, ele não tem alternativa: Todas as outras possibilidades se calaram; permanece apenas um chamado inconfundível, ecoando como a imperiosa intimação do Deus eterno.

Ora, ninguém pode definir ou descrever a outrem a aparência e a forma da vocação divina. As circunstâncias da vocação deste e as daquele não são exatamente mensuráveis, e a natureza das circunstâncias da nossa vocação a torna distinta e original. Além disso, o Senhor honra a nossa individualidade na própria singularidade do chamado que Ele nos dirige. A singularidade da nossa circunstância e a espantosa singularidade de nossas

almas fornece o meio pelo qual ouvimos a voz do Senhor. Conforme as Escrituras, quão estranhamente variados são os "aparelhos" pelos quais a voz divina determina a vocação dos homens! Aqui é Amos, pobre boieiro meditativo e solitário no seio das franzinas pastagens de Técoa. Chegam-lhe aos ouvidos os rumores de negros atos praticados nas altas rodas da nação: A riqueza gerando a prodigalidade; a luxúria gerando a insensibilidade; a injustiça galopando a freios soltos e "a verdade jazendo caída pelas ruas." E, segundo o estro do pastor humilde, "lavrava o fogo." Naquelas vastidões desertas, ele ouviu um chamamento misterioso e viu acenos de mão! Para ele não havia caminho alternativo. "O Senhor me tirou de após o gado, e o Senhor me disse: Vai, e profetiza."

Mas nas condições em que Isaías foi chamado, que diferença! Isaías era amigo de reis; era erudito freqüentador dos círculos palacianos; sentia-se em casa nos recintos das cortes reais. E por que meio soou a vocação divina para este homem? "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor." Isaías ligara sua fé a Uzias. Uzias era "o sustentáculo das esperanças de um povo." Sobre a sua soberania forte e esclarecida estava sendo edificado e purificado um Estado firme. E agora caía aquela coluna e parecia que toda a bela e promissora estrutura haveria de ruir com ela, e a nação de novo cairia na impureza e confusão. No trono vazio, porém, Isaías descobriu a presença de Deus. Quebrara-se uma coluna humana; permanecia a Coluna do Universo. "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor." Isaías teve a visão de um Deus poderoso, movendo e removendo os homens como ministros do seu propósito grandioso e bom. Isaías lamentava a queda

de um rei quando ouviu o chamado para o ofício divino! "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" Um homem caíra; havia necessidade de outro! O chamado de Deus retumbou através das fileiras reduzidas e bateu no coração e na consciência de Isaías; e Isaías encontrou a sua vocação e o seu destino: '"Eis-me aqui, envia-me a mim."

Quão diversas, ainda, as circunstâncias presentes à vocação de Jeremias! Há líquidos que com uma sacudidura precipitam em sólidos; e há coisas fluídas e nebulosas na vida, fenômenos vagos jacentes ocultos nas névoas da consciência que, com algum sacudimento ou mudança repentina das circunstâncias, podem precipitar em clara intuição, em conhecimento firme —e passamos a possuir a mente e a vontade de Deus. Sim, uma pequena inclinação das condições, e a névoa cedem lugar à visão, e a incerteza se transforma em convicta percepção do destino. Creio que foi exatamente assim com Jeremias. Houvera em sua vida pensamentos sem conclusões, momentos obscuros de percepção sem orientação clara, longas meditações sem vocações definidas. Mas um dia, não sabemos como, as circunstâncias sofreram ligeiro desvio, e as suas vagas reflexões se mudaram em vivida convicção, e ele ouviu a voz do Senhor Deus a dizer-lhe: "Antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta." Era um chamamento evidente; mais semelhante ao relâmpago que semelhante à luz; e ele o temeu muito, aceitando com relutância.

Dei três exemplos dos vários tipos de chamados do nosso Deus; mas se fossem multiplicados indefinidamente chegando a incluir nesta apresentação o último a ouvir a voz mística,

ainda se veria que toda vocação genuína tem a sua própria singularidade, e que, através da originalidade das circunstâncias pessoais, o chamado divino é comunicado à alma individual. E assim nós não podemos relatar como o chamado há de vir a nós, ou qual será a maneira da sua vinda. Pode ser que a coação divina seja tão branda e gentil como um olhar: "Eu te guiarei com meus olhos." Talvez dificilmente possamos descrever a Sua direção — tão reservada, calma e discreta ela é. Ou pode ser que a coação nos agarre como com um aperto de mão invisível e forte, como se estiváramos custodiados por mão de ferro da qual não pudera escapar. Penso que esta é a significação da figura estranhamente violenta usada pelo profeta Isaías: "O Senhor me falou *com mão forte."* O chamado divino lançou-se ao jovem profeta à maneira de uma "forte mão" que o aprisionasse como tenaz! Sentia que não tinha alternativa! Foi arrastado pela coerção divina! '"A necessidade foi infligida" a ele! El$_e$ estava "em cadeias" e tinha que obedecer. E eu acho que esta sensação da "mão forte," este senso da misteriosa coerção é às vezes um constrangimento silencioso que outorga apenas ligeira iluminação ao juízo. O que eu quero dizer é isto: Alguém pode visualizar sua vocação ao ministério no poderoso imperativo de um aprisionamento que ele não pode explicar bem. Não duvida dessa impulsão. É tão manifesta como a lei da gravidade. Mas quando ele se põe a buscar explicações a fim de justificar-se, vê que se move na penumbra, ou no mais profundo mistério da noite. “Percebe a “sensação” da mão forte” que o move, mas não pode dar uma interpretação satisfatória do movimento. Se posso dizê-lo sem faltar com a descrição, este foi o caráter de meu próprio chamado —- o mais remoto — para o ministério. Por

algum tempo, estive como um cego conduzido pela "mão forte" de um guia silencioso. Havia a orientação de uma coerção, mas não havia nenhuma visão manifesta. Eu estava "'em cadeias", mas conhecia a "mão" e tinha que obedecer. "Eu levarei o cego por um caminho que ele não conhecia." "Tu pousaste a Tua mão sobre mim."

E assim é que o tipo de "chamado" de um homem pode ser bem diferente do tipo do "'chamado" de outro, pois na essência são uma e a mesma coisa. Quero declarar a minha convicção de que em todos os chamados genuínos para o ministério há uma sensação de que a iniciativa é divina, uma solene comunicação da vontade divina, um misterioso sentimento de comissão que não deixa ao homem alternativa alguma, mas que o coloca no caminho desta vocação depositando-lhe nos ombros a embaixada de servo e instrumento do Deus eterno. "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão se não há quem pregue? e como pregarão *se não forem enviados?"* A certeza de ser enviado é o elemento vital da nossa comissão. Mas ouçamos de novo a Palavra de Deus: "Não mandei os profetas, e todavia eles foram correndo; não falei a eles e, todavia, profetizaram." A ausência do senso de vocação tirará a responsabilidade da pessoa e tenderá a secularizar completamente o seu ministério.

Ora, o homem que entra no ministério pela porta da vocação divina, certamente aprenderá "a glória" da sua vocação. Ele estará sempre maravilhado e a sua admiração será um anti-séptico moral — de que *ele* tenha sido nomeado servo no erário da

graça, para tornar conhecidas "as insondáveis riquezas de Cristo." Os senhores não podem deixar de ver esse tipo de admiração na vida do apóstolo Paulo. Depois do infinito amor do seu Salvador, e da assombrosa glória da salvação da sua pessoa, sua admiração é atraída e alentada pela sobrepujante glória da sua vocação. Seu "chamado" nunca se perde na mistura de profissões. A luz do privilégio está sempre fulgindo no caminho do dever. A auréola da sua obra jamais se apaga e a sua estrada nunca fica toda escura, nem se torna inteiramente vulgar. Ele parece prender a respiração toda vez que medita na sua missão, e no meio de grandes adversidades, a glória é ainda maior. Daí, desde o momento da sua conversão e chamado até a hora da sua morte, esta é a espécie de música e de cântico que nele encontramos sempre: "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo." "Por esta causa eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós, gentios; se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós." "Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na verdade!" Não sentem os senhores uma sagrada e ardente admiração nestas exclamações, um orgulho santo e exultante em sua vocação — ligado a uma humildade maravilhosa — de que a mística mão da ordenação pousara sobre ele? Aquele assombro permanente fazia parte do seu equipamento apostólico, e o seu senso da glória da sua vocação enriquecia a sua proclamação das glórias da graça redentora. Se perdermos o senso da transcenda da nossa comissão, nós nos tornaremos semelhantes a

comerciantes comuns, num mercado comum, parolando acerca de mercadoria comum.

Eu acho que os senhores haverão de descobrir que todos os grandes pregadores preservaram este admirável senso da grandeza da sua vocação. Isto é impressionantemente verdadeiro com relação ao Dr. Dale, distinguido preletor de Yale, e meu predecessor no púlpito, em Carrs Lane. Freqüentemente os membros da minha velha congregação tentam descrever-me o misto de dignidade e humildade com que ele proclamava o evangelho de salvação. Dizem que às vezes ele faltava com uma espécie de modéstia pessoal nascida de uma grande surpresa: A de ter sido achado digno de "levar os vasos do Senhor." Eles me contam que isso era peculiarmente manifesto à Mesa do Senhor e em outras ocasiões em que, ao tratar dos mais augustos temas, levava sua gente aos mais íntimos segredos do lugar santo. Tudo isso era igualmente verdadeiro em referência a outro homem, dotado de equipamento mental bem diferente do possuído pelo Dr. Dale. Trata-se de Robert M'Cheyne que, na Escócia, levou as riquezas da graça a multidões quase incontáveis. Andrew Bonar, amigo íntimo de M'Cheney, narrou--nos com que plena e delicada admiração ele cumpria o seu ministério no Senhor. Quando conversava, muitas vezes se expandia em profunda e alegre surpresa. A glória do seu ministério iluminou o dever comum à semelhança de um halo, e se lhe tornaram cânticos os estatutos de Deus. Não me admiro de que Andrew Bonar escrevesse estas palavras sobre ele: "Era tão reverente para com Deus, tão satisfeito em suas aspirações com referência a Ele... Jamais parecia desprevenido. Sua lâmpada sempre estava ardendo, e os lombos sempre cingidos. Seu

esquecimento de tudo aquilo que julgava não visar à glória de Deus era notável e parece que nunca houve ocasião em que ele não sentisse bem a presença de Deus."

Esta atitude de grandioso espanto pessoal face à glória da nossa vocação, conquanto nos mantenha humildes, também nos engrandecerá. Impedirá que nos tornemos pequenos oficiais de empresas transitórias. Far-nos-á verdadeiramente grandes e, portanto, nos livrará de gastarmos os nossos dias com quefazeres triviais. Emerson disse algures de que os homens cujos deveres são cumpridos sob cúpulas elevadas e soberbas, conquistam progresso nobre e certa sublimidade de conduta. E os pregadores do Evangelho, cuja obra é realizada debaixo do zimbório altaneiro de algum glorioso e maravilhoso conceito do seu ministério, adquirirão certa grandeza de procedimento em que a petulância e outras leviandades nem podem respirar. "Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, *quando dilatares o meu coração."*

Pois bem, se tal é o cunho sagrado da nossa vocação e sua glória conseqüente, não podemos permanecer cegos diante das suas solenes responsabilidades. É um grande encargo, e terrível, e santo. Somos chamados para guias e guardiães das almas humanas, conduzindo-as no "caminho da paz." Temos de estar sempre ocupados nos interesses eternos, levando os pensamentos e os desejos dos homens para as coisas de primeira importância e desembaraçando-os dos interesses menores ou inferiores, os quais retêm os homens em escravidão. Temos que ser os amigos do Noivo, ganhando almas, não para nós mesmos, mas para Ele, preparando as

bodas para o Senhor, grandemente satisfeitos quando promovemos o encontro da noiva com o Noivo. Não me causa espanto o fato de sucumbirem os homens diante da vocação, sobretudo quando lhe percebem a glória! Não me causa espanto o temor santo dos homens, quando se acercam do sagrado ofício! Ouçam estas palavras de Charles Kingsley, escritas no seu diário particular, lavradas no alvor do dia em que havia de ser ordenado ao ministério do Senhor: "Durante algumas horas, toda a minha alma estará aguardando em silêncio os selos da admissão ao serviço de Deus, honra de que a muito custo ouso considerar-me digno... Há meses, dia e noite, minha oração tem sido — Oh Deus, se não sou digno, se o meu pecado em levar almas para longe de Ti ainda está sem perdão, se o meu desejo de ser ministro não é exclusivamente com o propósito de servir-Te, se é mister me seja mostrada a minha fraqueza e a santidade do Teu ofício com maior força ainda, oh Deus, rejeita-me!" Afirmo que não me causa espanto este abatimento, e eu é que não haveria de orar para que chegasse o dia em que tal abatimento desaparecesse por completo, pois poderia ser que, levados à perigosa confiança em nós mesmos, viéssemos a perder a noção do esplendor da glória, adquirindo uma empobrecida concepção da nossa grandiosa vocação. Neste ponto, como em outros muitos, "o temor do Senhor é uma fonte de vida", e "o temor do Senhor é o princípio da sabedoria."

II

Portanto, tal é a vocação do pregador — tão sagrada, tão cheia de responsabilidades, tão gloriosa; qual há de ser a missão de uma vocação assim? Possuímos alguma palavra clara de ilustração que a

coloque à nossa frente como vereda iluminada? Creio que sim. Sempre que eu quero reviver a missão superlativamente sublime da minha vocação, volto reverente para o lugar santo onde o nosso Mestre está em comunhão com o Pai, e naquela misteriosa comunhão eu ouço, definida, a minha vocação. "Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo." É dominante a serenidade que pervaga aquela seqüência. A tranqüilidade da passagem é a tranqüilidade das alturas assombrosas. É a serenidade do sublime. O "assim... também" que liga as duas sentenças no mesmo nível de pensamento e propósito é majestoso e divino. Coloca a missão dos pescadores de homens galileus em pé de igualdade com a missão redentora do Filho de Deus.

Movamo-nos com reverência naquele secreto lugar santo. "Assim como Tu Me enviaste." As palavras conduzem nosso lento e falho pensamento para o inconcebível estado que nosso Senhor descreveu como "a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo." Bem sei que não possuímos asas para elevar-nos ao reino misterioso, nem olhos para ver a candente bem-aventurança. Mas podemos sentir a majestade daquilo que não conseguimos exprimir. É bom perder-nos na ampla significação de palavras como estas: "a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo." Ponderem bem isso. A sublime habitação! A santa Paternidade! A luz inefável! As presenças místicas! Os querubins e serafins que "não têm descanso nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo!" Então, naquela glória, a missão redentora do Príncipe da Glória! Maravilha mais gloriosa que a glória é a renúncia da glória! "A Si mesmo Se esvaziou."

Assombro dos espíritos ao redor do trono! "E o Verbo se fez carne." Que maravilha!
Que reverência! "Assim como Tu Me enviaste ao mundo."

Agora, mudança de cena. A glória inconcebível é posta de lado. O Filho da Glória não está mais cercado pelos querubins e serafins alados e puros como a luz. Mas na forma de um aldeão Galileu tem ao seu redor alguns pescadores, rudes na apreensão do propósito espiritual, de coração tímido, de vontade irresoluta, muitas vezes buscando promoção pessoal em veia do progresso da verdade, muito defeituosos, muito apagados e todos muito imperfeitos e prontos para esquecê-Lo e fugir.

E as duas cenas são estreitamente relacionadas. "Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo." O fato de estar o primeiro "enviado" ligado aos outros é para mim a maravilha das maravilhas. O admirável é que ambos devem ser mencionados de um só fôlego, incluídos no mesmo feixe de pensamentos, compreendidos no mesmo propósito. Que significa, pois, esta associação? Significa a exaltação do apostolado cristão, a glorificação do ministério cristão. Significa que a ordenação mística que repousou sobre o Filho da Glória quando veio a terra, repousou também no pescador Pedro quando foi a Cesárea. Significa que a mesma santa comissão que operou no ministério redentor do Filho de Deus, operou também nas energias do apóstolo Paulo quando avançou rumo à Macedônia, Corinto, Atenas e Roma. Significa que os senhores, em sua esfera de serviço, e eu na minha, na posição em que estivermos, podemos participar da mesma comissão

jubilosa usufruída pelo Príncipe da Glória quando foi feito à semelhança do homem. É a glorificação da missão e do serviço do apóstolo. "Assim como Tu Me enviaste."

Portanto, precisamos examinar cuidadosamente o que é dito acerca da natureza e do caráter da missão do Senhor, se é que desejamos compreender a nossa comissão e assim perceber a glória da nossa designação e a dignidade do nosso serviço. Precisamos contemplar reverentemente a primeira para que, por ela, compreendamos a outra. Temos alguma orientação mais, concernente à missão de nosso Senhor? Ele a definiu porventura? Descreveu-a? Esboçou-a algures em traços que possamos compreender? Creio que tais luzes nos foram dadas. Somos informados de que Jesus foi a Nazaré num sábado. Entrou na sinagoga. Abriu um livro, escolheu e leu uma passagem, e depois fez a aplicação das palavras mostrando que elas descreviam a Sua pessoa e achavam cumprimento na Sua vida. Que texto era? "Ele me enviou a pregar o Evangelho aos pobres, a curar os quebrantados de coração, a pregar redenção aos cativos e restauração da vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos e há proclamar o ano aceitável do Senhor." (') Será possível que a passagem seja uma luz pela qual possamos interpretar o nosso ministério? Olhemos as palavra cardeais no texto — "pregar", "curar", "redimir", "pôr em liberdade", "proclamar"! Podemos extrair o valor comum dos vocábulos? Têm eles alguma significação geral? Existe algum denominador comum? Podemos dizer que em todas estas palavras diversas há um penetrante sentimento e propósito de emancipação? Não sugerem todas a idéia de levantamento, livramento? Passemos em

revista as palavras: "Enviou a pregar" — a possibilitar a visão aberta da graça divina àqueles cujo pensamento está sombriamente limitado e aprisionado. "A curar" — a dar a graça do conforto àqueles que se acham esmagados pelo inconcebível peso da tristeza e das preocupações. "A redimir os cativos" — a dar os espaços livres de uma nobre liberdade a todos quantos afrouxaram em qualquer tipo de servidão. "A pôr em liberdade os oprimidos" — dar trânsito livre a todos os que jazem com os ombros ou membros quebrantados, a todos cujas forças foram arruinadas pelo desapontamento e derrota. "A proclamar o ano aceitável do Senhor" — a anunciar a porta franca na hora presente, e a dizer que pela graça de Deus há um direito de passagem agora, da mais profunda escuridão da alma rumo à radiosa luz da aceitação junto a Deus. Em todas estas palavras parece haver este sentido geral de levantamento e libertação. Há uma abertura de mente, uma abertura de coração, uma abertura de olhos, uma abertura de portas. Em cada vocábulo os portais de ferro se afastam, e ressoa o cântico da liberdade.

Então, à luz destas palavras, ousamos tomar a deixa do Mestre e aplicar esta mesma interpretação à nossa missão, ao nosso serviço? Acredito que este é o nosso privilégio santo. É um aspecto do "Prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." "Assim como Tu Me enviaste ao mundo" — a pregar, a curar, a redimir, a abrir os portões de ferro, a agir como embaixadores de uma gloriosa liberdade para o corpo, para a mente e para a alma. Sim, eu acho que podemos aceitar esta iluminada interpretação de nossa vocação; a missão do apóstolo é determinada pela missão do Mestre, e o que vemos declarado é que essa missão é a de ampla e total emancipação.

Se for assim, se podemos ler a nossa vocação nas palavras do Mestre, com que método devemos seguir o ministério da emancipação? Temos de segui-lo por dois modos — pelo serviço de boas novas, e pelas boas novas de serviço. Primeiro, devemos achar a nossa missão no serviço de boas novas. A nossa vocação é primariamente esta: Temos que ser narradores de boas novas, arautos da salvação. Eis aqui palavras enfáticas: "Pregai!" e de novo, "Pregai!", "Proclamai!" "E, à medida que seguirdes, proclamai!" E qual há de ser o tema das boas novas? Isto será analisado mais pormenorizadamente adiante. Por enquanto, diga-se o seguinte. Devem ser boas novas a respeito de Deus. Devem ser boas novas a respeito do Filho de Deus. Devem ser boas novas a respeito da vitória sobre a culpa e a respeito do perdão de pecados. Devem ser boas novas a respeito da sujeição do mundo, da carne e do diabo. Devem ser boas novas a respeito da transfiguração da tristeza e do fenecimento das mil e uma raízes amargas da ansiedade e da inquietação. Devem ser boas novas a respeito do aniquilamento do aguilhão da morte, e a respeito do túmulo frustrado, sem mais razão de ser. Esta a nossa primeira missão no mundo — veículos de boas novas. Esta deve ser a nossa gloriosa missão. Temos que seguir o nosso caminho ao encontro de homens e mulheres oprimidos e quebrantados, deprimidos sob o peso de temores, aflições e mortes, encarquilhados no corpo e na mente, e com a luz prestes a extinguir-se-lhes na alma. E a nós compete levar-lhes as novas que serão como óleo para lâmpadas cuja luz desmaia, como o ar vitalizador para quem fraqueja, como a força de asas novas para pássaros derrubados em pleno vôo.

"As palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida."

Mas o nosso dever não se restringe a pregar as boas novas. Temos também que encarná-las em serviço vital. Nossa missão deve ser de emancipação tanto por palavras como por obras — evangelho e cruzada. Em toda parte deparamos com grandes iniqüidades, terríveis como castelos em prontidão para a guerra. Em torno de nós há prisões horrorosas onde jaz enterrada a inocência. No mundo inteiro existem cativos mantidos em mil e uma escravidões nocivas. E aqui está nossa missão — reflexo da missão de nosso Senhor — "Ele me enviou a dar liberdade aos cativos." A palavra da graça tem que ser confirmada por ações graciosas. O Evangelho precisa ser corroborado pelo testemunho de ousadas proezas. O arauto precisa ser como valente cavaleiro, revelando o poder da sua mensagem nas suas atitudes como cavaleiro. Isto quer dizer que pousa sobre o pregador o supremo privilégio do dever e do sacrifício. É mister que ele esteja cheio do "amor e piedade" que são as próprias energias da redenção. As boas novas sem as boas ações nos deixarão incapacitados. Mas o espírito do amor sacrificial nos fará invencíveis.

Há muita coisa que nos pode causar temor. Mesmo os termos da nossa comissão podem encher-nos de medo. "Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos." Quão quixotesco nos parece o empreendimento! Deixemos os nossos pensamentos regressarem até os primeiros que se atiraram à cruzada da pregação, tão visivelmente fracos, mas destemidos, comparáveis a ovelhas inocentes! E tais homens são enviados a um

ambiente lupino, onde a desigualdade desvantajosa parece dominante a perspectiva é a do fracasso desesperado e cruel. Pois as palavras da comissão não foram alteradas. O Mestre diz ainda aos senhores e a mim: "Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos" — contra a crueldade, a lascívia, a ambição, a indiferença, contra toda sorte de pecados, contra um exército de antagonistas ferozes e terríveis. Qual há de ser a nossa inspiração e confiança? Aventuro-me a colocar lado a lado duas passagens isoladas a fim de poder oferecer-lhes o encorajador segredo da sua comunhão. Eis uma delas: "Assim como Tu Me enviaste ao mundo." E aqui está a outra: "Eis o Cordeiro!" O Senhor que foi enviado para o ambiente brutal ou indiferente dos homens era o Cordeiro de Deus! O Cordeiro veio para o meio dos lobos. Agora porei em paralelo outro par de textos, e a analogia nos ajudará na busca da inspiração de que necessitamos. Eis aqui uma delas: "Também Eu os enviei ao mundo." Eis a outra: "Eu vos envio como ovelhas." O próprio Cordeiro de Deus veio para o meio de lobos. E Ele envia as Suas ovelhas para o meio dos mesmos elementos furiosos e destruidores. O Cordeiro envia as ovelhas!

Até onde será assim com o Cordeiro? Volto-me para a Palavra de Deus e leio: "Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá." "E olhei, e no meio do trono estava o Cordeiro, de pé." (') O Cordeiro em triunfo. Não foi o lobo o vencedor, e sim o Cordeiro, e na vitória do Cordeiro está à confirmação da segurança e vitória das ovelhas. Esta a nossa inspiração. "No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." Somos chamados "com santa vocação." A nossa missão é cercada de antagonismos. O caminho raramente —

senão jamais — será fácil. Mas na fé e obediência de nobres cavaleiros a vitória é certa.

PERIGOS DO PREGADOR

Segunda preleção

"Não venha eu mesmo a ser desqualificado."

Dou início à nossa consideração dos perigos do pregador citando esta espantosa afirmação do apóstolo Paulo: "Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado." E os senhores bem sabem que a palavra aqui traduzida por "castaway" (expulso), e na "Revised Version" traduzida por "rejected" (rejeitado) (') é aplicada a coisas que não podem suportar o teste padrão, que se revelam falsas e indignas quais moedas que não têm o verdadeiro "timbre" e que são postas à parte como inferiores e espúrias. E o apóstolo Paulo prevê o perigo de se tornar moeda falsa na circulação sagrada, falso intermediário das sublimes realidades, guia indigno para as "insondáveis riquezas de Cristo." Ele enxerga o sedicioso perigo de se tornarem profanos os que se ocupam de coisas santas. O homem pode estar lidando com "ouro refinado três vezes" e ainda

assim pode estar cada vez mais imiscuído nas escórias do mundo. Pode conduzir outros para a vereda celeste e ele mesmo perder o caminho. Pode ser diligente no atendimento à santa vocação e todavia degenerar-se cada vez mais profundamente. É o nefasto presságio daquilo que talvez seja a mais triste e patética tragédia da vida: O espetáculo do homem que, "tendo pregado a outros", viesse a tornar-se "desqualificado."

Ora, o apóstolo Paulo previa o perigo e, com diligência e oração, tomou providências contra ele. Os senhores e eu fomos escolhidos para andar ao longo deste caminho, e haveremos de encontrar todos os perigos que o infestam. Nenhum de nós será imune ao seu assédio. Os perigos são sempre os assistentes do privilégio e são mais abundantes em torno das posições mais elevadas. Suponho que cada profissão e cada ramo do comércio tenha os seus inimigos peculiares, exatamente como cada espécie de flor é atacada por suas pragas peculiares. Suponho ainda que cada profissão possa afirmar que estes micróbios diferentes são mais sutis e eficientes em sua esfera de ação particular. Contudo, creio firmemente que o artífice que trabalha com as mãos, ou o negociante ocupado no comércio, ou o profissional da jurisprudência, ou da medicina, ou da literatura, ou da música, ou da arte, não é capaz de conceber os insidiosos e mortais perigos que infestam a vida do ministro. O púlpito não raro é considerado como um círculo encantado, onde "a destruição que assola ao meio dia" nunca chega. Somos tidos como filhos favorecidos, "cuidadosamente equipados", protegidos por mil modos dos ventos cortantes que sopram impetuosos através da vida comum. Acham os outros que há muitas tentações sedutoras que não

expõem a sua brilhante mercadoria à nossa janela! Que há muitas inquietações mordazes que jamais mostram os dentes à nossa porta! Dizem eles que possuímos a era do conforto e "vestes repousantes", e que a nossa vida lembra um jardim mais que um campo de batalha.

Mas, cavalheiros, o desastroso defeito dessa afirmação consiste nisto: Fundamenta-se no falso raciocínio que leva à suposição de que o "privilégio" toma o lugar da "proteção", e que brandas condições garantem imunidade. O raciocínio implica a suposição de que um jardim é uma fortaleza e de que uma vida favorecida é poderosa defesa. O raciocínio é de que um jardim nunca pode ser um campo de luta quando, afinal de contas, um jardim serviu de cenário para o mais árduo combate na batalha de Waterloo. O privilégio jamais confere segurança; pelo contrário, dá surgimento às circunstâncias da mais renhida luta. Alegre e agradecido, reconheço que o ministro vive acarretado de privilégios inúmeros, mas reconheço também que a medida dos nossos privilégios é a medida exata dos nossos perigos; que o levantamento do inventário do nosso jardim ofereceria também o inventário das pestes destruidoras que perseguem todas as flores, plantas e árvores. É literal e terrivelmente verdadeiro que "onde a graça foi abundante" a morte pode ser também abundante, pois os nossos favores espirituais podem ser "cheiro de vida para vida ou cheiro de morte para morte." Talvez suceda que levemos gente para a riqueza, sendo nós mesmos impostores; talvez preguemos a outros enquanto que nós mesmos somos desqualificados. Proponho-me, pois, a examinar alguns destes perigos que se

nutrem do privilégio, estes inimigos que irão persegui-los até o fim da sua vida ministerial.

O primeiro que enumero — e o coloco em primeiro lugar porque seu contacto é assaz fatal — é o perigo da *mortífera familiar idade com* o *sublime.* No ministério, os senhores não demorarão a descobrir que é possível estar o ministro barulhentamente ocupado com o que diz respeito ao Lugar Santo e ao mesmo tempo perder a maravilhosa percepção do Senhor Santo. Podemos ter muito a ver com a religião sem que sejamos religiosos. Podemos transformar-nos em meros postes-guia quando importa que sejamos guias. Podemos indicar o caminho sem que sejamos achados nele. Podemos ser professores sem que sejamos peregrinos. Nossos gabinetes podem ser oficinas em lugar de "cenáculos." Nossa participação nas provisões de mesa pode ser a de analistas em lugar da de hóspedes. Podemos deixar-nos absorver tanto pelas palavras que nos esquecemos de alimentar-nos da Palavra. E a consumação do perigo sutil pode dar-se assim: Podemos vir a supor que falar bem é viver bem, que a habilidade expositiva é piedade profunda, e enquanto abraçamos afetuosamente o não essencial, escapa--nos a genuína essência.

Para mim, este é um dos mais traiçoeiros perigos, quiçá o predominante, na vida do pregador. O indivíduo pode morar numa região montanhosa e perder toda a sensação das alturas. E é um terrível empobrecimento este, quando a zona montanhosa vem a ter a significação vulgar das planícies. O pregador é convocado para viver entre estupendos assuntos de interesse humano. Os culminantes aspectos da vida constituem o seu ambiente familiar.

Vive quase todos os momentos com os olhos nas realidades imensas e eternas — a terrível soberania de Deus e os gloriosos, embora nebulosos, mistérios da graça redentora. Eis porém aí a possível tragédia: Pode viver em constante visão destas realidade tremendas e deixar de vê-las. Estas podem passar a ser meros "manequins" de gabinete, não mais as terríficas dignidades que prostram a alma em adoração e temor. Este o nosso perigo. Precisamos estar sempre falando dessas coisas, e podemos continuar falando vivamente dela mesmo depois de as termos perdido. Podemos reter nosso interesse em filosofia e perder a nossa reverência. Podemos manter ativo intercâmbio de palavras, mas "o temor das alturas" não mais nos faz tremer em face da realidade urgente. Podemos falar acerca de montanhas sendo cegos e insensíveis filhos das planícies. A abundância dos nossos privilégios pode deixar-nos entorpecidos. "Deixará o homem a neve do Líbano?" A calamidade é que podemos fazer isso sem que o saibamos jamais.

O segundo perigo na vida do pregador que desejo apontar é o da *mortífera familiaridade com os lugares-comuns.* Já mencionei a possibilidade de ficarmos insensíveis na presença das elevações; existe o perigo igualmente sutil de nos tornarmos amortecidos para as sangrentas tragédias da vida comum. Sombrias aparições que surgem a outros como visitantes ocasionais e assustadores, estão em nossa companhia todo dia. Movem-se em nossos arredores diariamente . Experiências que comovem e cativam os homens de negócio — porque incomuns — são os aprestos comuns da nossa vida. E o perigo possível sempre é o de que, acostumando-nos com as tragédias, fiquemos também endurecidos.

Há, por exemplo, a nossa familiaridade com a morte. Sei que existe algo com respeito à Morte, com tal cunho de mistério e inevitabilidade, que nunca passa como uma realidade assaz vulgar. O ar frígido de sua passagem jamais se perde totalmente. Contudo, os senhores verão a possibilidade de permanecer estranhamente impassíveis na casa visitada pela Morte. Haverá corações quebrantados à sua volta; para o meio deles veio a Morte qual fera cruel, quebrando e esmagando sem cuidado os frágeis juncos em sua marcha para os cursos d'água; e sentem que nunca serão capazes de erguer-se de novo a doce brisa e luz do sol. E os senhores poderão estar ali como qualquer estranho indiferente à tragédia! Bem sei que pode ser uma das misericordiosas atenções de Deus para conosco, como necessidade do nosso tipo de labor, colocar Ele a almofada do costume entre nós e os golpes momentâneos de circunstâncias negras e graves. Ninguém pode realizar sua tarefa se lhe não for dado consolo para o desaparecimento da vida. Se o costume não nos proporcionasse defesa, perderíamos o ânimo por pura exaustão.. O impacto de tais golpes sobre nós é atenuado a fim de que possamos ajudar aqueles sobre os quais caíram os golpes com toda a sua força estonteante. Mas esse possível ministério e torna impossível se a almofada vira pedra. Se a familiaridade incluir insensibilidade, então cessará a nossa capacidade de ministrar consolo.

Ora, este é um dos riscos que temos de correr, e muito real e freqüente. O perigo pode ser evitado mas aí está ele, uma das possíveis ameaças em nosso caminho. A familiaridade pode ser mortal, e podemos ser semelhantes a mortos no freqüente e per-

turbador aparecimento do infortúnio, do sofrimento e da morte. O patético pode deixar de enternecer-nos, o trágico pode cessar de chocar-nos. Podemos perder a capacidade de chorar. Até a fonte de nossas lágrimas pode vir a secar. As visitações que despertam e avivam os nossos semelhantes podem levar-nos ao sono fatal. O estupor nascido da familiaridade pode fazer-nos distanciados das necessidades comuns. Para empregar a frase do apóstolo, podemos chegar a ser "sem sentimento."

O terceiro perigo da carreira ministerial é *a possível perversão da nossa, vida emocional.* A pregação do evangelho do Senhor Jesus Cristo exige e produz no pregador certo poder de emoção digna, e esta mesma emoção torna-se o centro de nova ameaça ao ministério. Pois as emoções podem tornar-se pervertidas. Podem tornar-se mòrbidamente intensas e infamadoras. Podem aviltar-se. O emocional pode facilmente transformar-se em neurótico. Nem sei como expressar precisamente o perigo que vejo. As emoções do pregador podem ser tão constante e profundamente excitadas que as suas defesas morais venham a correr perigo. A emoção exagerada pode ser qual enchente a dominar e submergir os seus diques morais e a precipitá-lo ao desastre irreparável.

Lembro-me bem de que um dia assaz momentoso em que fiz longo passeio pela cidade de Londres junto com Hugh Price Hughes. No transcurso da nossa conversa, ele parou de repente e, agarrando meu braço à sua maneira impulsiva, disse-me: "Jowett, o pregador evangélico está sempre na beira do abismo!" Talvez haja excessivo colorido no julgamento, mas isto indica um sério

perigo que é imperativo nomear e contra o qual devemos estar sempre vigilantes. Creio que conheço o seu significado. A prédica que brande as emoções do pregador, movendo-o como vendavais marinos, exige demais dos nervos e às vezes produz esgotamento nervoso. Isto equivale a dizer que o pregador evangélico, constantemente ocupado com grandes fatos e verdades que bolem nos sentimentos, podem fazer-se vítima da depressão nervosa, e em seu depauperamento afrouxaram-se-lhe as defesas morais, o inimigo salta para dentro das portas, e o seu espírito cai prisioneiro de escravidão trevosa e carnal. "Quem tem ouvidos, ouça", e "Aquele pois que pensa estar em pé, veja e não caia."

Agora vou mencionar um perigo que há de ser mais evidente que aquele que acabei de indicar, porquanto o encontramos em toda a estrada da vida e porque mantemos relações com ele desde muito tempo antes de atirar-nos à obra do ministério propriamente dito. Refiro-me à *perigosa gravitação do mundo.* Afirmo-lhes que poderão encontrar este perigo em toda parte, mas em lugar nenhum de modo mais insidioso e persistente que no ministério cristão. Está ao redor de nós como a malária e bem podemos ficar suscetíveis de sofrer seu contágio. Ele se oferece espontâneo como o clima e corremos o risco de ser arrastados a aceitá-lo como a atmosfera da nossa existência. Suponho que uma das mais profundas características do mundanismo é um tipo ilegítimo de espírito de transigência. São-lhe atribuídos muitos nomes agradáveis tais como "diligência", "tato", "diplomacia", e às vezes ascende a planos superiores arrogando-se parentesco com "genialidade", "sociabilidade" e "amizade." Mas a

despeito destes belos atavios tomados de empréstimo, o espírito mundano de transigência é exatamente o sacrifício do ideal moral em favor do padrão popular, e a sujeição da convicção pessoal à opinião em voga. Existe no Livro do Eclesiastes um conselho meio cínico que descreve bem o que estou procurando exprimir: "Não sejas demasiadamente justo... Não sejas demasiadamente ímpio." Para mim, esta advertência moral coloca em relicário o próprio gênio do mundanismo. A transigência toma a linha média entre o branco e o preto e utiliza o pardo ambíguo. Não é partidário da meia noite nem do meio dia. Prefere o crepúsculo, mistura de meia noite com meio dia, e mantém idênticas relações com ambos. É portanto uma figura deveras especiosa, confraternizando-se com todos os tipos e condições de homens, acenando amigavelmente para o santo e tendo relações achegadas com o pecador, sentindo-se em casa em qualquer lugar, misturando-se ora com os cultuadores no templo, ora com cambistas no pátio do templo. A cor parda é muito útil, combinando bem com bodas ou com funerais. Entretanto, a palavra da Escritura Sagrada é clara e decisiva, exigindo o mais elevado padrão: "Mantém sempre alvos os teus vestidos."

Pois bem, os senhores encontrarão esse espírito de mundana transigência, e o encontrarão na sua mais sedutora forma. Ele procurará determinar--lhes o caráter da vida pessoal. Ele os tentará a usarem hábitos pardos quando se envolverem com os homens de negócio da sua congregação e tentará induzi-los a "palavras pardas" quando conversarem com eles. Certa delicadeza ou urbanidade surgirá espontânea, como veículo, e aos poucos irão permitindo a invasão de frouxos ideais

éticos. Isto não se trata de fantasia ociosa. Estou descrevendo a estrada que não poucos ministros têm percorrido chegando à mortal degeneração e incapacidade. Somos tentados a deixar atrás, no gabinete, as nossas "luzes mirídias" e a locomover-nos entre os homens do mundo com uma lanterna de furta-fogo que podemos manejar para adaptá-la à companhia do momento. Pagamos o tributo dos sorrisos ao baixo padrão comercial. Pagamos o tributo das gargalhadas à pilhéria do dia. Pagamos o tributo da tolerância fácil favorecendo prazeres duvidosos. Suavizamos tudo a uma condição de confortável aquiescência. Procuramos ser "todas as coisas para todos os homens" para agradar a todos. "Corremos com a lebre e caçamos com os galgos." Tentamos "servir a Deus e às riquezas." Tornamo-nos vítimas da criminosa transigência. Não há nada em nosso caráter que promova distinção. Nosso caráter não é uma coisa nem outra. Somos da espécie descrita pelo profeta Isaías: "O teu vinho se misturou com água", ou como aqueles assim retratados por Jeremias: "Prata rejeitada lhes chamarão."

Mas na perigosa gravitação do mundanismo há mais que o criminoso espírito de transigência: Há aquilo que chamarei de fascinação do brilhantismo. No decorrer do nosso ministério, todos nós estamos expostos às tentações que nosso Senhor enfrentou no deserto e que O afrontaram repetidas vezes antes de chegar à cruz. "Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares." Era a apresentação do esplendor carnal, o oferecimento de prêmio imediato. O tentador empregou o chamariz do "pomposo" e procurou eclipsar a visão da realidade. Usou o brilhan-

tismo para seduzir os olhos, afastando-os do "ouro refinado três vezes."

Este perigo os assediará no mesmo dia do início do seu ministério. E não é só: Ele já está com os senhores enquanto se preparam. Mesmo agora os senhores podem ser atraídos por fogos de artifício, perdendo a visão das estrelas. No dia em que forem ordenados, correrão o risco de cair vítimas do mundanismo, com a alma prostrada perante Mamon. Os senhores quiçá estejam a buscar "os reinos do mundo e a glória deles", a procurar "brilho" em lugar do "ouro" verdadeiro. Somos tentados a cobiçar eloqüência pomposa ao invés de profundo e discreto "espírito de poder." Podemos ficar mais interessados em encher os bancos reservados do templo que em almas redimidas. Podemos estar mais desejosos de ver aumentar o rol de membros que de ter os nomes do nosso povo "escrito no Céu." Podemos ter mais entusiasmo pelos "louvores dos homens" que pelo "bom prazer de Deus." São estes os perigos do mundanismo. A ameaça que nos assedia é a de irmos após o "brilhantismo", é a de "lutarmos" e "gritarmos" para que a nossa voz seja ouvida "nas ruas", é a de seguirmos o brilho fraco de vidro foco em vez do "fulgor" vero, e a de nos darmos por satisfeitos se os nossos nomes repercutirem bem nas corruptoras mansões da fama terrena.

Assim, mencionei muitos perigos que os afrontarão na sua vocação, e eles apresentam a tendência fatal e comum de arrastá-los para longe de Deus. Eles farão tudo para impeli-los para fora das "neves do Líbano", do grandioso celeiro dos seus recursos onde nascem os rios poderosos que levam aos homens a dinâmica de um ministério vigoroso e efi-

ciente. E, certamente, de todas as visões patéticas neste mundo de Deus, nenhuma é mais patética que a do pregador do Evangelho que, por causa do entorpecedor poder do hábito, ou pelos enganos e desenganos do mundo, foi separado de seu Deus! Pois quando o pregador, por impura absorção na mera letra da verdade, ou por triunfante investida do mundanismo, afasta-se de Deus, as medonhas conseqüências são imediatas e destruidoras. Permitam--me indicar alguns resultados.

Primeiro que tudo, nossos caracteres perderão a espiritualidade. Faltará em nós àquela delicada fragrância que faz o povo saber que habitamos "os jardins do Rei." Os "ares celestes" não mais circularão em torno do nosso espírito. Nossa presença não ocasionará aquela misteriosa mudança na atmosfera. Não mais conduzimos a energia do ar das montanhas para as comunidades fechadas e bolorentas. E o certo é que este deve ser um dos mais benéficos serviços do ministro cristão — produzir, com sua simples presença, um clima pelo qual sejam avivados os abatidos e sobrecarregados. No retrato que Paulo faz de seu amigo Onesíforo, há um traço excelente que descreve justamente esta característica do serviço ministerial: "Muitas vezes me deu refrigério." — e dar refrigério é exatamente comunicar novo ar é inspirar um sopro vitalizador, é renovar o clima para as almas enfraquecidas e fatigadas! A chegada de Onesíforo era como a abertura duma janela para aquele que estava em apertada prisão. Trazia ele consigo uma atmosfera que ele mesmo havia encontrado no sopro do Espírito Santo. Meus irmãos, a nossa espiritualidade é que prove essa atmosfera de refrigério e age quando estamos em silêncio como

quando falamos. Se formos arrastados para longe de Deus, essa atmosfera é desvitalizada, o nosso "ar" pessoal perde a capacidade de estimular, e nenhum "coração quebrantado" usufrui bênçãos quando passamos.

Mas um segundo fato sucede quando nos apartamos do Senhor a quem prometemos servir. O nosso falar carece daquela misteriosa impressão característica. Somos cheios de palavras mas vazios de poder. Somos eloqüentes mas não persuadimos. Somos bons argumentadores mas não convencemos. Pregamos bastante mas fazemos pouco. Ensinamos mas não cativamos. Fazemos "demonstração de forças" mas os homens não se abalam. Os homens vêm e vão, talvez interessados ou divertidos, mas não se dobram em penitente rendição aos pés do Senhor. Continuamos a falar, falar, e as manifestações do "maligno" proclamam com escárnio a nossa futilidade. As nossas palavras são exatamente as "palavras persuasivas de sabedoria humana" e não "em demonstração de Espírito e de poder."

O que acontece com a nossa pregação, acontece com os nossos empreendimentos. Se os perigos nos levam de vencida, as nossas realizações se transformam em passatempos em vez de cruzadas. Ficamos ocupados mas somos fúteis. Talvez estejamos em constante atividade, mas as fortalezas não caem. Tomamos múltiplas resoluções mas ninguém se mexe. Organizamos grêmios e sociedades mas não há movimento vital rumo a Deus.

O fato central da questão é este: Quando o pregador se afasta de Deus e do bom prazer de Deus — que ele não mais valoriza, deixando ele também de ser valorizado — o mal dança petulantemente na estrada

livre, aberta por sua atitude negligente, pois já não possui nenhum armamento milagroso com que cortá-lo ou destruí-lo.

Volto-me, porém, para um aspecto mais positivo do meu tema. Como evitar estes perigos? Além disso, como podemos fazer com que os nossos perigos prestem serviços a uma vida mais rica, mais poderosa e mais frutífera? Pois esta é a verdadeira vitória da vida — não ignorar os perigos, mas despojá-los. É possível tirar as forças de uma ameaça e incluí-las no rol dos nossos recursos. Nisto consiste o privilégio da tentação: Podemos saqueá-la e transferir a riqueza de suas forças para o tesouro da nossa vontade. Grande privilégio este! A vida do ministro corre muitos riscos e, portanto, conta com muitas provisões para possível enriquecimento. Não podemos afirmar isto a nós mesmos com demasiada freqüência e demasiada confiança; perigos vencidos tornam-se aliados; em cada triunfo há uma transferência de dinâmicas. Os perigos podem indicar nosso possível empobrecimento; indicam igualmente nosso possível enriquecimento.

Então, como há de ser feito? Pela estudiosa e reverente observação dos supremos lugares comuns da vida espiritual. Precisamos atender com assiduidade ao cultivo da nossa alma. Zelosa e sistematicamente precisamos arranjar tempo para oração e para leitura devocional da Palavra de Deus. Precisamos designar ocasiões particulares para deliberada e pessoal apropriação da Palavra Divina, para nos examinarmos perante as suas admoestações, para no humilharmos perante os seus juízos, para buscarmos novo vigor perante as suas gloriosas esperanças. No meio de nossas atividades barulhentas e

incessantes, em todas as frivolidades inúmeras que, qual nuvem de pó, ameaçam pôr nossas almas em estado de choque, o ministro necessita resguardar as suas horas tranqüilas e reclusas, não permitindo nenhuma interferência ou intrusão. Agora que vim trabalhar neste país (USA), dou este conselho com particular urgência. Estou profundamente convencido de que um dos mais graves perigos que assediam o ministério deste país é uma incessante dispersão de energias em assombrosa multiplicidade de interesses que não deixam margem de tempo nem de forças para receptiva e absorvente comunhão com Deus. Somos tentados a estar sempre "a correr" e a medir a nossa produtividade por nossas correrias e pelo terreno percorrido por nós durante a semana!

Cavalheiros, nem sempre nós produzimos mais quando parecemos estar mais atarefados. Talvez julguemos estar mais atarefados. Talvez julguemos estar deveras ocupados quando na verdade estamos apenas em movimento, e um breve retiro posto no programa enriqueceria sobremaneira os nossos relatórios. Somente somos grandes quando possuídos por Deus; escrupulosos esforços de aparelhamento no cenáculo com o Mestre hão de preparar-nos para as canseiras e durezas da mais estrênua campanha. Portanto, precisamos defender, firmes e perseverantes, este princípio primário de que, todas as coisas que necessitamos fazer, esta é a necessidade suprema — viver em íntima comunhão com Deus. Mantenhamos constantemente uma racional percepção de valores e coloquemos cada dever que apareça em seu devido lugar. E em qualquer classificação de valores, esta deveria ser a decisão básica: Não podemos fazer nada bem feito se nos desviamos de

Deus. Comunhão espiritual negligenciada é sinônimo de futilidade no percurso inteiro.

Mas a disciplina da alma deve ser séria e diligente. Este elevado cultivo não deve ser governado pelo acaso ou capricho. É mister que haja propósito, método e regularidade. Convençam-se de que quando se aplicarem seriamente assim ao cultivo da alma, isto será um trabalho e não uma distração. Se fosse fácil, não haveria de ser um bom conselho; é tremendamente difícil, mas as suas recompensas são infinitas. Um dos espíritos mais ilustrados do metodismo moderno, homem cujo estilo é tão forte quão elevados os seus pensamentos, recentemente emitiu esta opinião, após ter passado em revista os anos do seu ministério: "Nunca deixei de estudar; nunca deixei de visitar; nunca deixei de escrever e meditar; mas falhei na oração. . . .Mas por que não orava? Às vezes porque não queria; outras vezes porque não ousava; e ainda outras vezes porque tinha algo mais que fazer. Sejamos bem francos. É uma coisa magnífica encontrar um ministro que ora. ...Tenho ouvido homens que nunca ousaram na vida falarem sobre oração. Pensavam que o faziam; mas enquanto eram ouvidos faziam eles mesmos a sua confissão sem que o percebessem." Estas sentenças erguem o véu de uma experiência reveladora e expõem a verdade solene de que a oração é custosa, exigindo até mesmo sangue, e que as igrejas que possuem ministros que oram nem podem perceber o esforço por meio do qual o poder é obtido. É-nos dado contemplar o nosso Mestre em oração: "Ele, Jesus, nos dias da Sua carne, tendo oferecido com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas..." "E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o Seu suor se tornou como gotas de

sangue caindo sobre a terra." Havia algo ali de que jamais seremos capazes de participar e, contudo, há algo aí de que temos que participar, se é que pretendemos estar ligados ao Senhor no ministério da intercessão, e entrar na "comunhão de Seus sofrimentos."

Para ilustrar o preço deste cultivo intensivo da alma, talvez não me seja possível fazer mais que apresentar o exemplo do Dr. Andrew Bonar. O Dr. Bonar mourejou na Escócia uma geração ou duas atrás, tendo adornado o seu ministério com uma vida realmente santa e com serviço realmente produtivo. Ele manteve um diário ou jornal particular constando de dois pequenos volumes que encerram apontamentos desde 1828 até poucas semanas antes de sua morte em 1892. Sua filha permitiu que fosse entregue ao mundo aquele inapreciável registro da peregrinação de uma alma, "na crença de que a voz agora em silêncio na terra seja ainda ouvida nestas páginas, exortando-nos, como do mundo além, a que sejamos 'imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas'."

Tomo a liberdade de dar-lhes um ou dois extratos desse diário: "Pela graça de Deus e pelo poder do Seu Espírito Santo, desejo estabelecer a regra de não falar aos homens antes de falar a Deus; não fazer coisa nenhuma com minhas mãos antes de me pôr de joelhos; não ler cartas ou jornais antes de ler alguma porção das Santas Escrituras." . .. "Em oração no bosque por algum tempo, havendo separado três horas para devoção; senti-me deveras impelido a orar por aquela fragrância peculiar que têm ao redor de si os crentes que estão em constante comunhão com Deus."... "Ontem reservei o dia para mim, para

oração. Para mim, todo período de oração, ou quase todo, começa com um conflito. .." .. ."O meu mais profundo pesar é que oro tão pouco. Eu devia contar os dias não pelo que possua de novos exemplos de utilidade, mas pelas vezes que tenha sido habilitado a orar com fé, e a submeter-me a Deus." ..."Percebo que se não me mantenho fazendo breves orações todo dia e o dia todo, a intervalos, perco o espírito de oração." ...Trabalho demais sem oração correspondente. Hoje estou me dedicando à oração. "O Senhor não demora a enviar-me algo como um orvalho sobre a minha alma." .. ."Pude passar parte de quinta-feira no templo, orando. Depois disso tenho tido grande auxílio nos estudos." ..."A noite passada, pouco pude fazer além de conversar com o Senhor sobre o despertamento das almas e suplicar-Lhe esta bênção com fervor." ..."Passei hoje seis horas em oração e leitura da Bíblia, confessando pecados e buscando bênçãos para mim e para a igreja."

Palavras como estas, escritas não para olhos humanos mas para Deus ver, dá profunda significação à sentença que citei de nosso distinto amigo metodista: "É uma coisa magnífica encontrar um ministro que ora." Outro fato se evidencia a luz deste diário: O oração real é a que participa da "obra que faz vir o Reino de Deus." Andrew Bonar era um ardoroso ministro da "graça do Senhor Jesus," e na combativa comunhão da oração ficou poderoso para com Deus e os homens. Homens desse tipo, cujas almas são elevadas e refinadas por horas de sublime comunhão, encaram tudo "de cima" e não "de baixo," O problema com muitos de nós é justamente este — aproximamo-nos da nossa obra partindo de níveis inferiores, de ângulos vulgares, com pontos de vista

comuns. Desse modo é que vamos para os nossos sermões, para os nossos púlpitos, para o nosso trabalho pastoral e para as demais ocupações do interesse da Igreja. Somos "de baixo." Não nos atiramos a nossos labores vindos "de cima", com a sensação do celeste à nossa volta, com sereno sentimento de elevação, com forte poder de visão e com a percepção das proporções e dos valores das coisas. Os que são "de baixo" amesquinham e degradam as coisas que tocam. Os que são "de cima" exaltam--nas e conferem distinção e dignidade ao menor serviço. E se algum ministro pretende viver "nos lugares celestiais em Cristo Jesus" e pretende contar com este sublime ponto de apoio e com esta exaltadora coação em sua obra cotidiana, se pretende ser puro e promover purificação, deve então aprender a "orar sem cessar."

Devo acrescentar ainda uma palavra com referência à disciplina do caráter pelo cultivo da alma: Somente por este cultivo primário é que obtemos aquelas virtudes secundárias que desempenham papel tão vital em nossas defesas morais e na eficiência das nossas realizações. A fragrância do caráter normalmente surge das virtudes aparentemente subordinadas, virtudes comumente negligenciadas ou ignoradas. Todos os dez leprosos tinham fé; só um tinha gratidão, e este foi o único a adquirir permanente beleza e simpatia na estima do Senhor. E esta mesma graça da gratidão preenche grande parte da vida do ministro; assim também com a cortesia, a paciência, aquele fenômeno esplêndido chamado ponderação, a tolerância, e o bom temperamento. Chamei-as virtudes secundárias, mas estou receoso de lhes haver rebaixado a posição merecida, tão alto e principesco lugar ocupam no

fulgurante equipamento do ministério cristão. E eu as nomeio aqui a fim de ratificar a minha convicção de que estas graças tão poderosas e atraentes não são "obras"; são "frutos", são o desenvolvimento natural e espontâneo da intensa comunhão com Deus. O nosso caráter poderá exalar deliciosos aromas, fulgindo em beleza e poder, desde que habitemos os jardins do Rei.

Cavalheiros, mencionei os perigos que nos ameaçam e sugeri os recursos, os quais são mais que suficientes para aqueles. Uma carreira sem obstáculos não seria digna da nossa escolha. Os Senhores enfrentarão armadilhas e adversários, tentações e perseguições no caminho todo, mas "a graça é abundante", e "a alegria do Senhor é a vossa força."

OS TEMAS DO PREGADOR

Terceira preleção

"Pastoreia as minhas ovelhas."

Vou falar-lhes hoje sobre os temas do pregador e me aventurei a anexar ao título as palavras do nosso Mestre, ditas a Simão Pedro: "Pastoreia as minhas ovelhas." Não esqueço as condições particulares que deram surgimento ao conselho, mas creio que, sem qualquer violência ao texto, tem ele significação direta para esta nossa meditação. As palavras descrevem o cunho das relações pastorais — o pastor cuidando das necessidades do seu rebanho. O pastor deve levar as suas ovelhas da aridez do deserto, ou das nesgas de terra onde a forragem é escassa e insatisfatória, para os "verdes pastos" e "águas tranqüilas." E deve estar sempre alerta contra a fome e a sede. Deve "pastorear" as suas ovelhas, "encher a sua boca de bens."

As nossas relações também são de caráter pastoral. Um rebanho é entregue aos nossos cuidados. Há multiformes deveres ligados ao ofício, mas agora estamos pensando na responsabilidade precípua de defender as nossas ovelhas do perigo da fome. É nos confiado o solene dever de encontrar alimento. As ovelhas dependem muito dos seus pastores quanto

à riqueza ou pobreza das provisões à sua disposição. Temos que tomar providências contra a inanição total ou parcial que resulta da falta de substâncias nutritivas na forragem parca e que acaba em fraqueza, anemia e doença. Compete-nos escolher as pastagens. Onde faremos a escolha?

Concluindo a minha metáfora, os senhores e eu somos, por nossa própria vocação, considerados responsáveis pelo sustento de almas imortais. Virão a nós em busca de alimento espiritual. Recebemos a incumbência de satisfazê-las, de supri-las no tocante à nutrição substanciosa e saudável pela qual sejam capacitadas a carregar as suas cargas diárias e a lançar-se aos embates da vida sem esmorecimento ou exaustão. Isto é o que os senhores irão fazer no mundo. Os senhores terão que ser os guardiões da saúde da igreja, providenciando contra a fome espiritual e moral. Os senhores terão que agir de modo que o pão que "refrigera" a alma esteja sempre à mão. Quando os homens e mulheres vierem assentar-se à mesa espiritual, com dolorosos anseios e desejos, deverão achar provisões tais que lhes seja possível sair com as palavras do salmista nos lábios: "Pois fartou a alma sedenta, e encheu de bens a alma faminta." Nós seremos satisfeitos da bondade da Tua casa e do Teu santo templo."

Pois bem, que daremos nós a elas? Que entendemos por pão? A que aspectos da verdade deverão conduzir as almas? Qual há de ser a essência da nossa pregação? Quais os nossos temas? Das necessidades clamantes, a quais nos dirigiremos?"A vida", diz um observador deveras sábio, 'está ficando mais e mais acerba. A dor se torna mais interna. As tensões e angústias progridem ao lado da segurança

e conforto materiais. A civilização só serve para esconder no íntimo os problemas. Temos menos feridas, mas temos mais aborrecimentos. Somos mais bem cuidados, mas temos mais cuidados. “Talvez haja menos agonias, mas talvez também mais misérias.” "Que "pão da vida" levaremos às vidas tão sobrecarregadas e hostilizadas? Que pregaremos?

Suponho ser opinião geral que em muitas partes tem havido grande mudança no caráter dos temas dos púlpitos e no desenvolvimento deles. São apresentados hoje assuntos que nunca teriam merecido consideração até uma geração atrás. Em muitos casos, os assuntos não são temas propriamente ditos, no sentido da demonstração de grandes verdades, sendo antes "tópicos" — a consideração de alguma crise que passa, ou de alguma restrita combinação das circunstâncias, ou de algum incidente que esteja chamando a atenção da imprensa diária. Muitas razões são alegadas para explicar esta mudança.

Em primeiro lugar, dizem que a explicação é que a concepção da missão do pregador é agora mais ampla e mais sadia. Falam-nos que a ambição do pregador devia ser não só possuir "espírito de sabedoria" mas também "espírito de compreensão", não mero conhecimento de princípios, mas habilidade em sua aplicação prática. Ele deve ser mais que vidente, deve ser arquiteto, deve ser artesão. Sua predica tem que fazer mais que indicar ideais e metas: Tem que preparar o caminho que conduz às metas. O pregador tem que ser mais que "luz para o meu caminho"; tem que ser "lâmpada para os meus pés." Tudo isto significa que o ministro precisa ser mais que idealista, mais que teólogo, mais que

evangelista: Precisa meter-se nos domínios da economia política e social.

Pessoalmente, nada tenho a dizer menoscabando estes importantíssimos tipos de ministério, e presto profunda homenagem aos homens que neles estão envolvidos. É-me deveras grato reconhecer os dons e a visão singularmente especiais com que alguns homens alcançam o seu equipamento e a sua vocação para esta peculiar forma de serviço. Com igual prontidão e gratidão, reconheço o papel que alguns homens têm desempenhado na iluminação de ideais sociais, no desembaraço de complexidades sociais e na inspiração de serviços sociais. Com tudo isso, porém, os senhores me permitirão exprimir a minha convicção quanto aos perigos que cercam o pregador em temas e ministérios como esses. Não tenho dúvidas quanto à minha posição como cidadão, meus deveres e privilégios na vida da nação. É preciso que eu não esteja alheio à sociedade, isolado e distanciado das suas atividades e dores. Minhas forças devem juntar-se aos poderes reais e vitais que, através de obstáculos tremendos, procuram entronizar a justiça e a verdade. Concedo ainda que seja provável surgirem ocasiões críticas, quando o púlpito terá o dever de falar com a clareza do clarim sobre a política do estado ou da nação. Mas apesar destas admissões, vejo claramente o perigo de que a concepção ampla da missão do pregador leve à ênfase da mensagem de reforma, característica do Velho Testamento, em vez de ênfase à mensagem de redenção, do Novo Testamento. Os homens podem ficar tão absorvidos nos erros sociais que esquecem a doença mais profunda do pecado pessoal. Podem soltar os tirantes da opressão, deixando porém o

fardo da culpa. Podem esforçar-se por corrigir as irregularidades sociais, mal passando os olhos pela espantosa desordem da alma. Parece-me que alguns pregadores adaptaram sua mente a viver conforme o Velho Testamento e não conforme o Novo, e andar mais com o profeta do que com o apóstolo e com o evangelista. A escolha que o indivíduo faz do seu principal lugar de habitação determina diferenças surpreendentes: Se, digamos, habitar no Evangelho Segundo João, ou no Livro de Amos; se, digamos, nos maravilhosos domínios da Epistola aos Efésios, ou no pequeno mundo de Isaías ou Jeremias. É tudo uma questão de lugar para morada, de centro, de lar estabelecido. Onde vive o pregador? De que local começam as suas jornadas? A que limites chegam em seu regresso? Estes são os testes centrais, e a minha observação me leva a pensar que a concepção mais ampla da missão do pregador tende, às vezes, a atraí-lo para a periferia, para os subúrbios da vida, e a apagar em parte as tremendas verdades da graça redentora. Na amplitude fascinante, estamos sujeitos a perder a centralidade: Coisas secundárias e subordinadas podem tomar posse do trono.

Não seja eu mal compreendido. Enquanto escrevo estas palavras, trago em minha mente a lembrança do Dr. Dale e o caráter da sua vida e do seu ministério. Ora, o Dr. Dale foi grande político e amigo íntimo, além de colega, de Gladstone, Bright e Chamberlain. Ele ardia de paixão pela justiça. Aprofundou-se nas questões políticas, educacionais e sociais, e se lançava com desabrido entusiasmo em todas as campanhas promovidas em favor da retificação de condições erradas, em favor da soltura dos freios da liberdade e em favor do enriquecimento da vida da nação em geral. Sim, Dale foi grande

político, mas foi maior pregador, e os temas do seu púlpito eram mais vastos e de mais fundamental importância que os temas tratados em sua plataforma política. Jamais o púlpito foi dedicado a temas mais poderosos que quando ocupado por Dale! Vejamos o seu livro sobre "A Expiação": cada capítulo foi divulgado pelo seu púlpito! Tomemos a sua in-comparável obra sobre Efésios: foi toda pregada do seu púlpito! Ou examinemos a sua obra mais amadurecida, o grande livro sobre "Doutrina Cristã: cada palavra dele foi entregue à sua gente através do púlpito! "Ouvi dizer que você está pregando sermões doutrinários à congregação de Carrs Lane", disse-lhe certa vez um colega de ministério; "não suportarão isto." Dale replicou: "Terão que suportá-lo." E em todo o seu longo e nobre ministério não somente o suportaram, mas o receberam bem, regozijaram-se com isso, e foram alentados para o esplêndido serviço que aquela igreja tem prestado sempre à causa da liberdade civil e religiosa. No momento mesmo em que ocupava o primeiro lugar como político, o seu púlpito tratava dos terríveis mas gloriosos mistérios da graça redentora. O lar de Dale não estava entre os profetas, e sim entre os apóstolos e evangelistas. Visitava Isaías, mas vivia com Paulo. Além disso, habitava "nos lugares celestiais em Cristo Jesus", e eram as glórias dessa afinidade sublime — que ele havia conquistado pela graça e perante as quais estava sempre maravilhado — eram essas glórias que ele procurava desvendar domingo após domingo aos seus ouvintes. O seu púlpito era reservado para temas vitais e de capital importância; jamais permitia que as solicitações da cidadania de cunho mais amplo o afastassem do seu trono.

Indicarei outro perigo. O sentido da verdade bíblica é muito delicado, podendo ser facilmente enfraquecido. Todo pregador sabe como é sensível o órgão da percepção espiritual e com que vigilância deve ele ser protegido, desde que haja o desejo de conservar a visão e a percepção das "coisas mais profundas" de Deus. Os senhores verão no seu ministério que o mau temperamento pode torná-los cegos. Verão que a inveja pode picar-lhes os olhos até não mais ser percebida a luz dos céus. Verão que o temperamento mesquinho ergue nuvens de origem terrena entre os senhores e os montes de Deus. Quando entrarem no gabinete, verão que o seu estado moral e espiritual requer a sua primeira atenção. Já me aconteceu sentar-me para preparar o meu sermão, e os céus terem ficado como bronze! Tendo procurado o Evangelho Segundo João, foi--me como um deserto, sem vegetação, sem frescor! Sim, os senhores verão que quando o seu espírito estiver enfraquecido, a sua Bíblia, os seus dicionários e os seus comentários serão apenas como outros tantos óculos sem olhos atrás: os senhores estarão inteiramente cegos!

Provavelmente os senhores concordarão com tudo isto enquanto a nossa atenção se limita à influência do pecado premeditado sobre a visão espiritual. Mas, eu lhes pediria que analisassem a questão se o órgão espiritual do pregador não estará sujeito a prejuízos, desde que ele seja seduzido a aplicar todos os poderes da sua atenção a discussões e controvérsias secundárias, a matérias que certamente não ocupam a primeira plana dos interesses da alma. Eu creio que é possível o sociólogo estragar a qualidade de evangelista no pregador, e que o indivíduo pode perder a capacidade de desvendar e

tornar manifestas "as insondáveis riquezas de Cristo." Cavalheiros, este receio não é produto da imaginação. Tenho ouvido homens confessarem que adquiriram gosto e aptidão por certo tipo de pregação, e perderam o poder de expor aqueles assuntos mais profundos que engolfavam de modo absorvente o coração e a mente do apóstolo Paulo. Quando o pregador se faz economista, há homens de fora do ministério que podem sobrepujá-lo no ofício. A sua influência nestes remados secundários é relativamente pequena. O seu trono legítimo e indivisível está em outra parte e no meio de outros temas. A ele compete manter a pura, clara e verdadeira a percepção das coisas que mais importam, sondar o maravilhoso amor de Deus, escavar e explorar os tesouros da redenção, "nada saber entre os homens, senão a Jesus Cristo, e este crucificado"

Mas é dada uma segunda razão pela qual os temas do púlpito devem ser mais amplamente variados que os da geração passada. Dizem-nos que há uma queda trágica no interesse pela Igreja. A Igreja está agora cercada de interesses em conflito ou em competição. A vida moderna apresenta-se revestida de coloridos mais brilhantes; tornou-se mais deslumbrante, mais atraente, mais fascinante. A sociedade é hoje mais sedutora e as tentações dos prazeres pululam por toda parte. E tudo isto está fazendo a Igreja parecer muito apagada e sombria, e os seus métodos retrógrados e arcaicos lembram um trole no seio desta era fulgurante e veloz dos automóveis e aviões! Desta maneira, a Igreja tem que "apertar o passo" e fazer os seus serviços mais atraentes e agradáveis. Os seus temas devem ser atualizados. Devem ser assuntos "vivos" para ho-

mens "vivos"! Devem ser até um tanto sensacionais, se é que visam a prender o interesse dos homens que vivem no meio de copiosa sensação, todos os dias.

Compreendo bem os que tomam tal posição e acho que eles oferecem certos conselhos razoáveis que serão sábios ouvir com atenção. Por outro lado, porém, acho que essa estrada está ladeada de perigos para os quais precisamos atentar com a mesma vigilância. O apóstolo Paulo reconhecia certos tipos de alterações das circunstâncias e resolveu adotar alguma elasticidade, fazendo-se "tudo para com todos" para que pudesse "salvar alguns." Entretanto, em toda a elasticidade das suas relações, nunca ele mudou os seus temas. Ele andou no meio dos deslumbramentos de Éfeso, Corinto e Roma, porém nunca se apossou do esplendor que o rodeava para eclipsar com ele a Cruz. Nenhum "caminho do mundo" o seduzia para afastá-lo dos seus temas centrais. Aonde quer que fosse, quer a uma pequena reunião de oração a beira-rio em Filipos, quer ao seio do provocante e sensacional esplendor de Éfeso ou Corinto, ele "decidiu nada saber entre os homens, senão a Jesus Cristo, e este crucificado." E eu estou persuadido de que, no meio de todas as circunstâncias alteradas de nossos dias — as revoluções sociais, a corrida após riquezas, a busca de prazeres — não ganharemos coisa nenhuma com esta história de abraçar as coisas secundárias e de prestar homenagens à petulância e à frivolidade da nossa época. A Igreja está em rumos perigosos quando começa a imitar as notas sensacionalistas da hora que passa. Um dos mais ilustres e sábios conselheiros dos nossos tempos, conhecedor dos segredos dos homens porque habitava "no esconderijo do Altíssimo", deu este excelente

conselho ao ministério, há algum tempo: "Contra o sensacionalismo religioso, as afirmações exageradas, as elocuções assustadoras, as palavras profanas, as orações irreverentes, os jovens ministros devem tomar pé com firmeza, pelo amor da Igreja e do mundo, pelo amor da sua carreira e de si mesmos." Para mim, estas palavras não descrevem um perigo imaginário. O perigo está já às nossas portas; em alguns lugares já se transformou em ameaça real ao culto, e aqui e ali essa ameaça já é uma "destruição que assola ao meio-dia." Existe certa dignidade reservada e reticente que será sempre um dos elementos essenciais do nosso poder entre os homens. Jamais atingiremos a sala mais interna da alma de qualquer pessoa se empregarmos os recursos do diretor de espetáculos ou do palhaço. O caminho da irreverência nunca nos levará ao lugar santo. Sejamos tão familiares em nossas relações quanto quisermos, mas com a familiaridade da simplicidade, a simplicidade que em tudo se veste com naturalidade, pureza e apuro. Penso que se nos exercitássemos nas coisas supinamente belas, acabaríamos por acertar nas coisas supinamente sensacionais, e que os ministros que usam temas impróprios, títulos pomposos e vociferações retumbantes no púlpito, são indesejáveis para o serviço de busca e cura de almas.

Quais as necessidades dos ouvintes que nos encaram dos bancos no templo? Qual será a súplica que se oculta no recôndito da sua alma? Estarão ansiosos por ouvir a discussão dos assuntos dos jornais, acrescentados apenas da sanção do santuário? Será o pregador assim, como um editor acessível, a apresentar a sua mensagem no meio de solenes inspirações de louvores e orações? Qual é a

orientação apostólica sobre a questão? Quando medito no testemunho e na pregação dos apóstolos, fico cada vez mais enlevado diante da plenitude e glória da mensagem. Seu alcance, sua amplitude, sua fulgurância e seu colorido têm-me feito andar cada vez mais maravilhado nestes últimos anos. Quando penso nisto, sinto-me como se estiver a em regiões alpinas: altitudes majestosas e tratos de neve pura; desafios de abismos intransponíveis e o mais significativo silêncio; rios notáveis cheios até as bordas o ano todo; campos de lindas flores abrigadas sob o desvelo protetor de vastidões alcantiladas; árvores frutíferas nas faldas mais abaixo, cada qual dando os seus frutos na estação própria; o canto dos pássaros; o ar estimulante; a tempestade terrível. Pensem em qualquer das epístolas de Paulo, e experimentarão este sentido de ar estimulante, de espaço, de altura e de grandeza. Meditem em Efésios, ou Colossenses, ou Romanos, e não se sentirão em alguma pequena região de colinas, e ainda menos em alguma planura inexpressiva e monótona; estarão, sim, repentinamente, numa zona montanhosa, terrível, dominante e, ao mesmo tempo, fascinante, amigavelmente convidativa, íntima. Na Carta aos Efésios, os senhores elevarão os olhos extasiados para a Glória inefável, mas também vagarão pelos rios da graça e caminharão nas veredas da luz, e colherão "os frutos do Espírito" da árvore que cresce no caminho. Eu lhes digo que, enquanto avançam os anos do meu ministério, mais me encanta, mais e mais me domina esta grandeza, esta glória da pregação apostólica. Há nela alguma coisa capaz de despertar a admiração dos homens, a levá-los ao temor santo, a prender o seu espírito, a expandir o seu entendimento, e a dilatar imensamente o seu pensamento e a sua vida.

E o que é certo quanto à pregação apostólica, também o é quanto a todas as grandes pregações através dos séculos até a hora presente. Tomemos o nome de Thomas Boston. É-nos dito que a sua língua se "atarefava e afadigava ao máximo, para medir e compreender", quando falava sobre "aquelas bênçãos redentoras que vão ao encontro de todas as necessidades dos homens... o pleno e irrevogável perdão de pecados; a restauração ao favor e à amizade de Deus; o dom do Espírito Santo em Suas influências iluminadoras, purificadoras e pacificadoras, transformando os homens em templos vivos do Deus vivo; a vitória na morte e sobre a morte; logo após a morte, a recepção da alma na casa do Pai celeste, e a beatífica visão de Deus." Estes foram os temas de transcendental interesse que enriqueceram e glorificaram a predica de Thomas Boston, e que fizeram dela um poder para o mais alto bem, poder tão grandioso que dificilmente haveria um lar em todo o distrito de Etterick em que não fossem achados alguns dos seus conversos.

Ou então tomemos o exemplo de Spurgeon. Os senhores talvez não gostem da sua teologia. Ou talvez fiquem chocados com certas partes da fraseologia que a sua teologia envolve. Mas eu lhes digo que, se tiverem a predica de Spurgeon como seu guia, os seus movimentos não se restringirão a uma espécie de exercícios formais numa estéril área de asfalto, nem se confinarão aos limites dum quintal acanhado. Ouçam-no falar do amor de Deus, da graça de Jesus Cristo, da Comunhão do Espírito Santo. Ouçam-no discorrer sobre textos como "Aceitos no Amado", "A Glória da Sua Graça", "O Espírito Santo da Promessa", "A Suprema Grandeza

do Seu Poder para com os que Cremos" — ouçam--no em temas como estes, e perceberão um sentimento de grandiosidade bem próxima daquela grandiosidade que lhes infunde reverência quando procuram ouvir o apóstolo Paulo. Cada divisão aparentemente simples do sermão é como a sincronização do telescópio com alguma nova galáxia de luminoso resplendor no firmamento insondável.

Ou ainda, pensemos em Newman. Que é que mantinham escravizadas em quase penoso silêncio as multidões na Igreja de Santa Maria? Bem sei que ali estava o mais alto gênio da pregação. Havia também aqueles misterioso fascínio que se liga sempre ao místico e ao asceta, àqueles que, de modo mais evidente, estão desligados dos impulsores e excitantes interesses do mundo. Mas acima e além disso, havia grandiosidade e intimidade nos temas de que tratava. Os seus ouvintes eram impelidos do escritório ao santuário, do mercado ao lugar santo, e até "os lugares celestiais em Cristo Jesus." Os próprios títulos dos seus sermões falam-nos do lugar de sua habitação: "Conhecimento Salvador"; "O Espírito Vivificador"; "A Humilhação do Filho Eterno"; "Santidade Necessária para a Bem-aventurança Futura"; "Cristo Manifesto em Rememoração"; "A Glória de Deus." A simples apresentação dos temas alarga a mente e induz àquele temor sagrado que é "o princípio da sabedoria." O pregador estava sempre a locomover-se num mundo vasto, a solene grandiosidade da vida estava continuamente sobre ele, e sempre estava presente a vocação do Infinito, mesmo nos conselhos práticos concernentes aos deveres do dia imediato.

Afirmo que tem sido esta a nota característica, e a maneira de ser de todas as grandes e eficientes pregações. Foi exatamente assim a predica de Thomas Binney. Diz alguém que o conhecia bem: "Ele parecia mirar o horizonte, e não um terreno circunscrito, nem o cenário de uma paisagem local. Tinha ele um modo maravilhoso de relacionar todos os assuntos com a eternidade por vir." Sim, e isto nós encontramos em Paulo e nos apóstolos. Era como se estivessem olhando um pedaço de madeira trincada na janela de uma vila suíça e, levantando os olhos, vissem a floresta onde crescera a madeira e, erguendo ainda mais a vista, contemplassem as neves eternas! De fato, assim acontecia com Binney e também com Dale, Bushnell, Newman e Spurgeon — estavam sempre querendo ficar à janela da vila, mas estabeleciam sempre ligação entre as ruas e as alturas e enviavam as almas aos seus cuidados a percorrerem o cume dos montes eternos de Deus. E isto é o que me impressiona sempre e cada vez mais — a solene amplidão dos seus temas, a glória dos seus desvendamentos, os seus esforços lingüísticos para tornar conhecida tal glória, a voz do Eterno em seus apelos práticos; e aí está o que impulsionava tão profundamente os seus ouvintes ao "arrebatamento, amor e louvor."

Pois bem, a nossa predica contemporânea é caracterizada por esta mesma amplidão dos temas apostólicos, por esta revelação da cativante riqueza e glória espiritual? Faço estas perguntas não para que registremos um veredito apressado e descuidado, mas para sugerir uma investigação pessoal e séria. O Dr. Gore, bispo de Oxford, contou-nos recentemente o que julga ser a perigosa tendência dos ministros e mestres da religião protestante. Declara

ele que nós estamos procurando refúgio das dificuldades de pensamento nas oportunidades de ação. Sugestão deveras grave. Significa que estamos intensamente ocupados na pequena oficina da aldeia, e não temos a visão dos pinheirais, nem dos augustos resplendores dos montes perenes. Significa ainda algo mais que isto. Não conseguiremos enriquecer as nossas ações pelo empobrecimento do nosso pensamento. Uma teologia superficial não produzirá uma filantropia mais profunda. Não passaremos a amar mais ardentemente os homens pelo esfriamento do nosso amor a Deus. Os senhores não poderão extinguir os grandes temas e produzir grandes santos.

Mas deixando de lado o que o Dr. Gore pensa a respeito da nossa predica, que pensamos nós dela? À luz do exemplo do apóstolo Paulo, do seu ensino e da sua predica, e pelo exemplo dos outros grandes pregadores que indiquei, que achamos do estado em que se encontram os temas com que estamos familiarizados? Estão eles sempre na oficina da aldeia, ou há sempre em torno deles a inspiração das montanhas? São eles franzinos, estreitos e da espécie dos anões? A nossa língua diz com facilidade tudo que temos para dizer, ou fracassa na transmissão da glória que gostaríamos de exprimir? Não é verdade que muitas vezes a nossa língua é grande demais para o nosso pensamento, e que o nosso pensamento é como uma colherada de vinho ruim matraqueando numa garrafa de fino acabamento? Os homens podem admirar a garrafa, mas não terão entusiasmo algum pelo vinho. Sim, os homens admiram, mas não reverenciam; apreciam, mas não se arrependem; ficam interessados, mas não se elevam. Eles dizem: "Que sermão excelente!",

e não: "Que Deus grandioso!" Dizem: "Que pregador preparado!", e não: "ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus!"

Esta nota de imensidade, este sempre presente sentido e sugestão do Infinito, é que eu acho que devemos recuperar em nossa predica moderna. Mesmo quando tratamos daquilo que às vezes infelizmente destacamos como deveres "práticos", precisamos ressaltar o seu enraizamento no eterno. O perigo mais grave é que dissociemos a teologia da ética e separemos o pensamento do dever para com os homens da idéia de sua relação com Deus. Quando o apóstolo Paulo, no Capítulo doze de Romanos, começa a fazer exortações, a emitir preceitos, a dar conselhos práticos, é porque já havia preparado a boa terra em que estas graças vigorosas e encantadoras poderiam desenvolver-se. Cada preceito do capítulo doze aprofunda as suas raízes através dos capítulos anteriores, através do rico e fértil solo da santificação, da justificação e das misteriosas energias da graça redentora. Empregamos um universo para produzir um lírio dos vales. Necessitamos do poder do Espírito Santo para produzir um fruto do Espírito. Precisamos da graça evangélica se queremos produzir a paciência evangélica. Precisamos da "verdade como ela é em Jesus" se desejamos sequer oferecer uma vida verdadeiramente cortês. Ruskin fala que se se cortasse uma polegada quadrada de qualquer dos céus de Turner, o infinito seria achado ali. E bom seria de fato que, se os homens tomassem apenas uma polegada quadrada da nossa pregação, encontrassem tal inspiração que os levasse ao "trono de Deus e do Cordeiro."

Tudo isto significa que devemos pregar baseados em grandes textos das Escrituras, em textos férteis, nas tremendas passagens cuja amplitude quase nos aterroriza quando delas nos aproximamos. Talvez nos sintamos como pigmeus apenas, diante da tarefa estupenda, mas nesta matéria não raro é melhor que nos percamos no imensurável do que restringir sempre o nosso barquinho às mensuráveis enseadas ao longo da costa. De fato, precisamos agarrar-nos às coisas grandiosas, coisas profundas, duradouras, coisas que têm importância permanente. Não somos designados só para dar bons conselhos, mas para proclamar boas novas. Portanto, os nossos temas têm que ser os temas apostólicos: A santidade de Deus; o amor de Deus; a graça do Senhor Jesus; as solenes maravilhas da cruz; o ministério do perdão divino; a participação nos Seus sofrimentos; o poder da Ressurreição; a bem-aventurança da comunhão divina; os lugares celestiais em Cristo Jesus; a mística habitação do Espírito Santo; a abolição do caráter imperdoável da morte; a vida que não envelhece; a casa do nosso Pai; o privilégio da glória dos filhos de Deus. Temas como estes, serão a nossa força e a nossa honra. "Tu, anunciador de boas novas a Sião, sobe tu a um monte alto. Tu, anunciador de boas novas a Jerusalém, levanta a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aqui está o vosso Deus."

Se é para ser tal a importante matéria da nossa pregação, decerto que devíamos ser deveras cuidadosos quanto ao modo de proclamá-la. O assunto pode ser prejudicado e espoliado pela maneira como é apresentado. A obra da graça pode ser frustrada por nossa falta de graça. Podemos falhar em trair e

cativar por causa da nossa inconsiderada falta de jeito. Há certas coisas que é preciso evitar, se queremos dar livre curso aos mais grandiosos temas. Primeiramente, precisamos evitar *o oficialis-mo frio.* Quando eu caminho entre as pedras respeitáveis e os dominadores elementos que compõem a Abadia de Westminster, nada me desagrada mais que ouvir os recitais dos oficiantes, frios, sem vida e indiferentes. Na verdade, há uma coisa mais desagradável ainda: Ouvir o grandioso evangelho do amor redentor recitado com a apatia metálica do fonógrafo, gèlidamente distante qual máquina incapaz de apreciar o que quer que seja. E este perigo é nosso também. O mundo está cansado do simples oficial e está faminto por homens dinâmicos. Quer mais que palradores; está em busca do profeta. Quer mais que um mero semáforo; procura um Magnânimo que conheça os caminhos de Sião, que os tenha descoberto em meio às lutas da própria alma, e exulte por suas fontes e flores e por todos os seus sublimes deleites. Aquele que não passa de oficial espectraliza os mais maravilhosos temas, oferecendo aos homens apenas o espectro de uma redenção e o espectro de um festim. "Não tenho estado na igreja", diz Robert Louis Stevenson em uma de suas cartas, "e nem por isso me sinto abatido!" Andemos pelo sugestivo corredor dessa frase e ponderemos sobre a sua significação. "Ouvi uma vez um pregador, conta Emerson em conhecida passagem, "que dolorosamente me tentou a dizer que não mais iria à igreja. Caía na ocasião uma tempestade de neve. A nevasca era real; o pregador, porém, era simplesmente espectral, e os olhos da gente, fixando-se nele e, a seguir, pela janela detrás dele, fixando-se na beleza meteórica da neve, percebiam o triste contraste. Ele tinha vivido em vão.

Ele não dizia palavra alguma que desse a idéia de que já houvesse rido ou chorado, que fosse casado ou estivesse enamorado, que tivesse recebido elogios ou que houvesse sido iludido ou entristecido. Se ele jamais vivera ou agira, nenhum de nós o soube. Ele não havia aprendido o segredo capital da sua carreira, isto é, trazer a vida à realidade. "Sim, ele nada mais era que um oficial deslocado das mais profundas vitalidades do seu ofício." Se alguma vez tivera "a visão esplêndida", esta lhe havia esmaecido no firmamento e não mais lhe inspirava na luz e calor. As suas palavras eram só palavras, não eram espírito e vida; ele habitava nos átrios mais distanciados do templo, perto de todos os demais comerciantes sacrílegos — não era um servo em serviço no lugar santo, não era um sacerdote vivo do Deus vivo. E o seu perigo é o nosso, sutil e insistente — o perigo do distanciamento dos suprimentos essenciais, o perigo de fazer que as substâncias assumam a aparência de sombras, e de fazer os santos esplendores parecerem sonhos imateriais. Portanto, não poderíamos acrescentar à nossa liturgia devocional particular uma intercessão extra, quem sabe a seguinte: "De todo frio oficialismo da mente e do coração; da ação mortífera do hábito e da rotina; do secularismo em que não há espírito e do ministério sem vida; de todo formalismo, artificialidade e simulação — ó bom Deus, livra-nos!"?

Há uma segunda tentação que, se nos dominar, diminuirá a eficiência dos mais grandiosos temas — *o perigo da atitude ditatorial.* Não estou sugerindo que devemos afetar flexibilidade em nossa predica e que devemos proclamar a palavra com trêmula hesitação e indecisão. Mas há um mundo de diferença entre o autorizado e o ditatorial. Nestes setores, o

mensageiro autorizado veste-se de humildade; o mensageiro ditatorial veste-se de orgulho sutil. Um vai sobre ondas; o outro "anda no temor do Senhor." Portanto, este transmite uma atmosfera junto com a mensagem, e possui graça junto da verdade. O ditatorial talvez tenha a forma da verdade, mas não traz consigo os aromas do jardim do Rei; falta-lhe a graça do Senhor Jesus. Pois bem, eu estou perfeitamente seguro de que encontramos aqui um motivo pelo qual freqüentemente o nosso ministério é tão ineficaz — confundimos o ditatorial com o autorizado, simplicidade com comoção, "falar corretamente" com "falar em outras línguas", conforme o Espírito conceda que falemos. Dizemos que "pau é pau e pedra é pedra" e com isso julgamos ter falado toda a verdade. Assim nós ditamos, mas não persuadimos; indicamos o rumo, mas poucos peregrinos tomam a estrada.

Olhemos a opressiva presença do pecado. Podemos lidar com ele autorizada ou ditatorialmente. O peso daquilo que falamos pode derivar da frágil elevação do nosso ofício, ou das sublimes culminâncias dos "lugares celestiais em Cristo Jesus." Se falarmos autorizadamente, seremos salvadores. Se só falarmos autorizadamente, seremos salvadores. Se formos apenas ditatoriais, falaremos com severidade; se somos autorizados, falaremos com severidade medicinada, e os homens e mulheres começarão a expor as suas feridas envenenadas ao nosso ministério saneador. Se formos apenas ditatoriais, a nossa palavra será tão remota como uma receita; se somos autorizados, estaremos perto como um cirurgião aplicado ao serviço atuante de salvação.

Pensemos, outrossim, na tenebrosa e ubíqua presença da tristeza. Nestes últimos anos, ando muito impressionado com um refrão que tenho encontrado no correr de muitas biografias. O Dr. Parker repetia freqüentemente: "Pregai aos corações quebrantados!" E aqui vai o testemunho de Ian McLaren: "O fim principal da predica é o conforto. Nunca posso esquecer o que um ilustre e erudito senhor, freqüentador habitual de minha igreja, certo dia me disse: 'O seu melhor serviço no púlpito tem sido o de encorajar os homens para a semana seguinte! '" Talvez convenha apresentar-lhes esta quase cruciante passagem do Dr. Dale: "Os ouvintes querem ser confortados... Eles necessitam de consolações — não é que as desejem apenas, necessitam realmente delas. Cheguei a esta conclusão há alguns anos já, mas não tenho conseguido jamais emendar os meus caminhos como gostaria de fazer. Faço as minhas tentativas, e às vezes alcanço êxito parcial; mas o êxito não deixa de ser somente parcial. Há quatro ou cinco meses preguei um sermão sobre 'Descansa no Senhor', e cheguei a pensar que tinha achado a pista; mas se isto se dera, perdi-a de novo. Domingo passado, preguei sobre "Quanto está longe o oriente do acidente, assim afasta de nós as nossas transgressões." Esse, penso eu, estava ainda mais perto do ponto exato; mas eu não o consigo manter."

Irmãos, se estes homens sentiram esta necessidade do povo e se também sentiram a dificuldade de fazer que o seu ministério lha satisfizesse, como há de ser com os senhores e comigo? Uma coisa é perfeitamente clara: Aquele que for simplesmente

ditatorial, nunca irá curar os quebrantados de coração, nem irá pensar as suas feridas que sangram. O nosso poder não há de ser encontrado em nossa classe oficial pelo simples fato de ser o que ela é, nem no respeito em geral prestado à nossa vocação. O nosso poder será achado na autoridade que recebemos — autoridade misteriosa e ainda assim realíssima, autoridade que não consiste em simples pagamento ou recompensa a que faça jus um emprego humano. Nós temos que ir até "o trono de Deus e do Cordeiro", temos que palmilhar o caminho banhado pelo rio místico; temos que colher da árvore da vida as folhas que são para "a cura dos povos"; e então poderemos, com a bela ternura da graça, aplicar essas folhas nas feridas e tristezas da nossa gente aflita.

E para toda esta incumbência tremenda, mas privilegiada, a qual procurei bosquejar nesta preleção — a apresentação de temas grandiosos de maneira grandiosa, socorrendo o pecado, a tristeza e a fragilidade da raça humana — contamos com os copiosos recursos de um Deus riquíssimo. Contamos com "a graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo"; e sendo estes os nossos aliados, os estatutos de Deus serão as nossas alegres canções.

O PREGADOR NO GABINETE.

Quarta preleção

"Prudente construtor."

Hoje devo solicitar-lhes a atenção para o seguinte assunto: "O Pregador no Gabinete." Que tipo de homem deve ser o pregador quando entra na sua oficina, e que espécie de trabalho vai ali fazer? Há pouco tempo, estive lendo a vida de um famoso juiz inglês, Lord Bowen, e numa declaração iluminadora quanto aos poderes e qualidades requeridas para o êxito no tribunal empregaram estes dizeres: "As causas são ganhas no quarto." Vale dizer que, no que se refere ao advogado, a sua arena decisiva não é a corte pública e sim o seu aposento particular. Ele não pretende alcançar triunfo pela destreza extemporânea, mas pelo duro labor. As causas não são ganhas com garbosas "saídas" constantes de apelos coruscantes, mas com fatos bem ordenados e argumentos disciplinados marchando em formação maciça com força invencível. "As causas são ganhas no quarto." Se o advogado deve praticamente vencer o júri antes de defrontá-lo, pela vitoriosa força e influência dos seus preparativos, será diferente com o pregador, antes de procurar o veredito da sua congregação? Conosco também "as causas são ganhas no quarto." Os homens não são profundamente influenciados por pensamentos improvisados. Não são eles transportados pela

correnteza da eloqüência que não sabe aonde vai. Sozinha, a loquacidade não põe algemas no auditório. Sermões soltos ao acaso não despertam a razão para nenhuma necessidade, nem levam nenhuma compulsão imperiosa ao coração. A predica que nada custa nada alcança, Se o gabinete é preguiça, o púlpito será insolência.

Portanto, é obrigatório que o pregador vá para o gabinete a trabalhar com empenho. Precisamos fazer o negociante de a nossa congregação sentir que lhe somos iguais no amor ao trabalho. Ninguém é mais depressa descoberto que o ministro ocioso, e ninguém há como ele, mais depressa visitado pelo desprezo. Podemos ocultar algumas coisas, mas a nossa ociosidade é tão descarada como se o apelido de mandrião estivera gravado a ferro em nossa testa. Como isto é verdadeiro! E aqui devemos pôr--nos na máxima vigilância contra a auto-ilusão. Pode ser que venhamos a supor que estamos trabalhando de fato, quando somente estamos gastando o tempo de que dispomos. A auto-ilusão pode resultar de inúmeras causas. Tenho notado que muita gente se julga generosa, mas isto só porque essa gente não tem nenhum método de contribuição e não registra as ofertas que faz. Os senhores verão, quando tiverem as suas igrejas, que não poucas pessoas confundem o número de apelos que ouviram com o número de vezes que elas contribuíram; e a simples lembrança dos apelos faz essas pessoas suarem sob o pesado sentimento de sua generosidade.

A ilusão com que se iludem não é intencional; é conseqüente: têm memória muito fraca e não empregam nenhum sistema para auxiliá-la. Sucede assim também com respeito ao trabalho. Se não

tivermos método, viremos a pensar que estamos trabalhando quando na verdade estamos apenas pensando nisso; e que estamos ocupados quando a verdade é que estamos somente empregados. Portanto, dou este conselho do fundo do coração — sejam tão metódicos como um negociante. Entrem no seu gabinete em hora marcada, e que essa hora seja tão cedo como à hora em que o homem de negócio mais madrugador vai para o seu armazém ou para o seu escritório. Recordo como em meus primeiros tempos eu costumava ouvir os industriários passando defronte de casa rumo às fábricas, onde entravam em serviço às seis horas. Posso relembrar bem o som dos seus tamancos ferrados a repicar rua além. O ruído dos tamancos arrancava-me do leito e me impulsionava para o trabalho. Não ouço mais os tamancos de York Shire, mas posso ver e ouvir os meus comerciantes, como começa cedo a luta pelo pão de cada dia. E o pastor deles, ficará atrás na busca do Pão da Vida? Iniciará ele o dia lerdo e atrasado, posto em vexame por aqueles que ele pretende comandar, e irá patentear-se a sua indolência nos serviços do santuário, quando "as ovelhas famintas procuram e não são alimentadas?" O ministro, digo eu, deve ser tão sistemático como o homem de negócio. Deve pôr em prática sistema e método e deve ser tão escrupulosamente pontual nos seus hábitos particulares, a serviço do seu Senhor, como teria que ser num encargo governamental, a serviço da pátria. E para haver regularidade, é preciso também que ele estabeleça as devidas proporções. Deve ele aquilatar os valores relativos das coisas. As primeiras coisas devem ser postas em primeiro lugar, e ele deve aplicar o frescor das suas energias a matérias de interesse fundamental !e precípuo. Cavalheiros, pagaremos isto tudo, e o pagamento

será em boas libras esterlinas. Os senhores ganharão o respeito de quantos estiverem aos seus cuidados, até mesmo dos mais ativos, e quando eles virem que os senhores "querem ação", vários obstáculos serão prontamente removidos do seu caminho; e os senhores encontrarão aberta a estrada para as próprias cidadelas das almas.

Ora, se temos que seguir por esta estrada espaçosa e honesta, havemos de ir para as nossas oficinas a fim de atirar-nos ao estudo sistemático. Não havemos de ser inconstantes e levianos. Não iremos gastar tempo a procurar trabalho, mas nos poremos a trabalhar duma vez. Não passaremos as primeiras horas do dia ciscando textos, mas sim em amplíssimas visões da verdade. Devemos ser exploradores do vasto continente da verdade; então, os textos isolados nos apanharão enquanto avançamos. Mesmo a nossa penetração nas verdades particulares depende da visão que tenhamos da verdade mais ampla. A nossa capacidade de perceber é determinada pela nossa capacidade de abranger. Homens cujos olhos percorrem as enormes pradarias possuem profundo discernimento das coisas que estão bem perto. O fabricante de relógios, cujos olhos estão aprisionados ao imediato, perde a força de visão e logo requer auxílio artificial para ver até mesmo o próprio imediato. A perspectiva grandiosa confere olhos de lince; o alcance telescópico possibilita igual discernimento microscópico. Precisamos estudar a verdade, se é que desejamos compreender os textos, assim como devemos estudar literatura para compreender a significação das palavras isoladas.

Como poderão os senhores abarcar a significação de frases como "regozijai-vos na esperança" ou "abençoai aos que vos perseguem", que se acham no capítulo doze de Romanos, se as não virem embebidos no esplendor da graça matinal e engastados nos radiosos panoramas da vida santificada? Não poderemos conservar a vida real se repelirmos estas coisas, não as considerando como possuidoras de correlações essenciais e infinitas. O fato importante é que estes conselhos práticos do apóstolo Paulo não foram anexados às suas cartas como se fossem um apêndice isolado, ligado casualmente à matéria sem ter com ela qualquer relação criteriosa. Cada conselho tem relações de sangue com tudo que o precede. Necessitamos da epístola inteira para a compreensão de uma só de suas partes. Um dever exposto no capítulo doze brilha com a luz recebida do capítulo cinco, refletindo-a, e pulsa com o motivo e a compulsão que nascem no capítulo oito. A verdade revelada elucida e confere poder ao dever prático.

Isto é o que pretendo dizer quando afirmo que temos que ser exploradores dos extensos territórios da revelação, e que temos que descobrir os nossos textos nesses vastos domínios. Portanto, quero concitar todos os jovens pregadores a que, no meio de todas as suas outras leituras, estejam sempre aplicados ao estudo compreensivo de algum livro da Bíblia. O livro deverá ser estudado com todos os hábitos esforçados dos tempos de estudante. Deverá ser empregada a diligência deliberada, o zelo penoso, a firme persistência com que, como estudante, preparava-se para exames rigorosos; também deve ser determinada uma certa parte de cada dia para que seja alcançado o domínio perfeito

do livro estudado. Os senhores verão que este hábito será de incalculável valor para o enriquecimento do seu ministério. Em primeiro lugar, lhes dará amplitude de visão e, portanto, lhes dará noção de proporção e perspectiva. Os senhores enxergarão cada texto como colorido e determinado por seu contexto e decerto perceberão a sua relação com vastos setores da verdade que, doutro modo, poderiam parecer remotos e sem importância. E os senhores estarão continuamente fertilizando a mente com descobertas e surpresas que os livrarão do parasitismo e os livrarão daquela beberagem enjoativa dos lugares-comuns, cujo habitual ramerrão põe por terra mesmo os mais rijos. Longas excursões e explorações desta espécie os aliviarão de todos os problemas quanto aos textos. Os textos bradarão reclamando atenção, é o único problema será achar tempo suficiente para considerá-los bem.

Também o ano lhes parecerá excessivamente curto para abordar a série de textos que ficam na fila a aguardar a vez, e para exibir as suas riquezas. Sim, os senhores ficarão embaraçados com a sua riqueza e não com a pobreza. Conheço um ministro que, quando voltava do templo para casa nos domingos à noite, quase invariavelmente dizia a um diácono que lhe fazia companhia — e o dizia em tom melancólico, meneando a cabeça: "Preciso de mais dois! Mais dois!" Ele enviava os olhos da imaginação a vagar pela roça pequena e pobre aonde constantemente vinha respigando, e ficava cheio de miserável pasmo, sem saber onde poderia colher mais algumas espigas de trigo para o pão da próxima semana! "Preciso de mais dois!" Ele não possuía celeiros ou, se os possuía, estavam vazios! Precisamos cultivar grandes fazendas; teremos então celeiros bem providos, e não seremos

impacientes respingadores a catar magras espigas em terreno acanhado e mal cultivado.

No gabinete, os senhores naturalmente haverão de tirar proveito do melhor que a erudição lhes possa oferecer para a interpretação da Palavra. Antes de pregar sobre qualquer passagem, deverão proceder ao mais paciente exame e, sob a orientação de reconhecidos mestres, procurarão aperceber-se das circunstâncias preciosas em que nasceram as palavras. Neste ponto, quero concitá-los ardentemente a cultivarem a faculdade da imaginação histórica, quer dizer, a capacidade de reconstituir os perecidos domínios do passado e repovoá-los com vida ativa. Jamais conseguiremos qualquer mensagem do mundo antigo, enquanto não reproduzirmos a vida do mundo antigo. Muitos de nós temos esta faculdade apenas parcialmente, e nos vemos desamparados perante as interpretações completas. Até certo ponto, podemos remodelar o passado mas este nos fica qual Pompéia — morto. Conseguimos a montagem, mas não a vida. As coisas não se movem. Não somos capazes de transportar-nos para trás com os nossos sentidos, nem de ver as suas ações e reações, nem de apanhar nos ares os sons e segredos, nem de manter contacto com o povo apressado nas ruas, nem de acenar para o pastor nas colinas. Talvez vejamos o passado como em fotografia, e não como em cinema. Não há vida nos seres! Ora, enxergar vivos os homens não é conquista fácil. Não se consegue tal por meio de sonhos; é o fruto da imaginação tenaz, perseverante e iluminada.

Como havemos de pregar sobre Amós, senão convivendo com ele nos outeiros de Técoa e enxer-

gando o seu ambiente como se fora parte das nossas vizinhanças, pondo em exercício ativo todos os sentidos, para adequada receptividade? Senão caminhando com ele para Betei, a observar as mesmas coisas que ele observa durante o percurso, e a notar a vida agitada, viciada e corrompida naquela cidade congestionada? Como podemos penetrar o ensino do profeta Oséias, senão recobrando o seu ambiente mediante a faculdade da imaginação vividamente exercitada? O Livro de Oséias está repleto de vistas, sons e perfumes. Devemos regressar até os seus dias, e todos os nossos sentidos devem ser como canais abertos às impressões que apelavam para ele. Precisamos andar com ele pelas ruas, precisamos ver o padeiro ao forno e os reis e príncipes nos palácios. Precisamos passear com ele pelas vielas e pelos campos, na alvorada, quando "a nuvem da manhã" começa a erguer-se e a relva é regada com "o orvalho da madrugada." Precisamos ver o torrão natal de Oséias, se queremos apreciar o seu linguajar com maior intimidade. Ou então, como havemos de pôr-nos a pregar, digamos, sobre o terno socorro que nosso Senhor prestou ao leproso, senão entrando na pele do leproso, olhando por suas janelas enegrecidas e retraindo-nos com a sua timidez, ou correndo a seu lado pela estrada e, na pessoa dele mesmo, ajoelhando-nos diante do Senhor? Precisamos ver esse homem, ouvi-lo, senti--luz; mais que isso, precisamos *ser* esse homem, se é que desejamos saber pregar sobre as palavras do Mestre: "Quero, fica limpo!"

Insisto na necessidade do cultivo da imaginação histórica porque estou persuadido de que a sua falta freqüentemente torna irreal a nossa predica. Se não percebemos o passado, não podemos entregar a

sua mensagem vital ao presente. O passado, descerrado nas páginas da Escritura, para muitos de nós permanece oculto como no seio de espessa vegetação; e os homens e as mulheres também estão assim ocultos: não lhes sentimos a respiração; não lhes escutamos os brados; não lhes ouvimos os risos; não nos misturamos com as suas características humanas e achamos que são exatamente como o povo que transita pela rua próxima de nós. Desta sorte, a mensagem não é viva. Não pulsa com o vigor da realidade. É quase sempre uma palavra morta, pertencente a um mundo morto, e não possui relevância atraente para a vida palpitante de nossos dias. Assim, eu os concito a cultivarem o poder latente de tornar reais, o poder de encher de fôlego as formas inertes do passado. Se necessário, antes de pregarem sobre qualquer mensagem do mundo antigo, gastem a manhã inteira no duro afã para evocar e vitalizar o mundo antigo até se tornar ele tão vivido que os senhores se sintam em dificuldade para explicar se cada um dos senhores é um pregador no seu gabinete ou um cidadão de alguma vila, cidade ou império do passado.

É claro que os senhores hão de consultar outras mentes sobre a sua mensagem, não para que aceitem imediatamente as suas opiniões, mas que as passem pelo moinho das suas próprias meditações. Na verdade, talvez não seja tanto das opiniões pormenorizadas deles que tenhamos necessidade, mas dos seus pontos de vista gerais. Uma das coisas melhores que podemos obter de alguém, não são conselhos minuciosos sobre problemas especiais, e sim a plataforma geral donde ele vistoria o reino da verdade. Sei que é preciso ter grande afinidade intelectual com um homem, antes de se conseguir tal

habilidade. É mais fácil reunir as suas opiniões que apropriar-se das suas atitudes e tendências mentais. É mais fácil ajuntar os vereditos da sua mente que tornar-se familiarizado com a sua posição. Mas é possível. Podemos vir a saber bastante acuradamente como se deve encarar determinado assunto, como se deve lançar mão dele. Mas eu acho que uma disciplina muitíssimo enriquecedora consiste em procurar ver os nossos temas partindo dos pontos de vista de outros. Como Fulano veria isto? Por que caminho o atacaria? Certa revista inglesa, ultimamente, vem propondo a seus leitores questões desta espécie. Uma semana, foi solicitado aos leitores que se identificassem com um tal Dr. Johnson, com a sua mentalidade, seu coração e suas maneiras, e que emitissem então as prováveis opiniões dele com respeito à questão do sufrágio feminino! E eu creio que uma disciplina algo semelhante deve ser empregada com relação à nossa interpretação da Palavra. Se me é permitido oferecer-lhes a minha experiência, durante muitos anos já, venho mantendo o hábito de seguir esta prática. Eu indago — como Newman consideraria este assunto? Como o abordaria Spurgeon? Como Dale trataria dele? Por que vereda Bushnell chegaria a ele? Onde McLaren tomaria posição para observá-lo? Onde Alexander Whyte lançaria mão dele? Os senhores talvez julguem presunçosa esta prática, e não tenho dúvida alguma de que várias conclusões minhas causariam horror aos santos homens de quem me atrevi a traçar os caminhos do coração. Mas, eis aqui o valor da prática: alargar e enriquecer a minha própria concepção do tema, mesmo que eu não tenha logrado interpretar corretamente os pontos de vista dos outros homens. Tenho contemplado o tema através de muitas janelas, e

com isto aparecem algumas coisas que eu nunca teria visto, se me tivesse limitado às janelas da minha mente e do meu coração.

Mas, enquanto os exorto a consultarem outras mentes, exorto-os, a que não se deixem dominar por elas. Respeitem reverentemente a sua própria individualidade. Não os admoesto a serem agressivamente diferentes, pois, neste caso, poderão revelar-se excêntricos, e a sua influência desaparecerá. Mas, sem que sejam angulosos, creiam no ângulo que lhes pertence, e trabalhem apoiados na certeza de que é mediante a personalidade de cada um — personalidade que se não repete .— que Deus pretende fazer a luz dos Seus servos irromper no mundo. Com reverência, acreditem na exclusividade de cada um dos senhores, e a consagrem ao serviço santo no poder do Espírito Santo. Cada um procure ser o que é mesmo, e não esteja a imitar servilmente a quem quer que seja. Não queiramos a grandeza imitativa, e sim a simplicidade grandiosa. Quando nos pomos a imitar, quase sempre imitamos o que não é essencial, as coisas terciárias que pouco importam. Mesmo na faculdade em que estudei, havia o perigo de nós, estudantes, nos transformarmos em Fairbairns ananzados ou em miniatura. Era-nos tão fácil adquirir a forma do seu estilo — aquelas agudas sentenças antitéticas volvendo sobre si mesmas e que nós talhávamos como peças de maquinarias padronizadas na fundição! Creio que cheguei a ser um tanto perito nesse processo, e durante algum tempo, os moldes de Fairbairn iam comigo aonde quer que eu fosse, só que, lamentavelmente, nada havia neles! Deste modo, aconselho-os a não copiarem os modelos do seu conhecimento, e a não

se deixarem intimidar pelos pontos de vista de outro homem. Consultem-no, sejam agradecidos por suas opiniões, mas prestem reverência à individualidade própria e respeitem o comportamento e as descobertas do próprio intelecto. Os senhores verão que o frescor da sua originalidade comunicará novo aroma e sabor novo ao banquete que oferecerem a seus ouvintes.

Quando já está escolhido o assunto, depois de terem buscado a orientação de tudo quanto lhes pode outorgar a erudição elevada e firme, depois de terem experimentado enriquecedora comunhão com muitas mentalidades, não se sintam forçados a pregar sobre tal tema no domingo seguinte. Talvez a mensagem se lhes fixe tão imperiosamente que os faça sentir a urgência da sua proclamação e que a hora para isto é chegada. Mas eu acho que muitas vezes acontece irmos para o púlpito com a verdade por digerir e com mensagens imaturas. A nossa mente não fez o seu trabalho completo, e quando apresentamos o nosso trabalho ao público, está cheio de sedimentos flutuando em nosso pensamento e, como conseqüência, as nossas palavras surgem obscurecidas. Portanto, é coisa boa deixar de lado o assunto para ganhar amadurecimento e clareza. Quando minha avó fazia licor de maçã, costumava deixá-lo muito tempo ao sol "para dar-lhe alma!" Pois eu acho que muitos sermões nossos, concluído o trabalho preliminar, deviam ser postos à parte antes de serem oferecidos às congregações. Há poderes subconscientes na vida que parecem continuar o processo de amadurecimento ao mesmo tempo em que o nosso consciente está em ação noutro setor. O assunto "ganha alma", os sedimentos se acumulam no fundo, e em sua lucidez, torna-se como o "rio da

água da vida, brilhante como cristal." Todo pregador experimentado lhe dirá que possui alguns sermões que "estão ao sol" há anos, amadurecendo devagar, e ainda não prontos para serem oferecidos ao público. Um membro da minha congregação em Birmingham, certa vez, pediu ao Dr. Dale pregasse um sermão sobre determinado texto da Epístola aos Romanos; o pregador prometeu-lhe que haveria de pensar seriamente nisso. Muito tempo depois, a referida pessoa lembrou-lhe a promessa feita, indagando-lhe quando sairia o sermão. O Dr. Dale respondeu-lhe com grande seriedade: "Ele não está pronto ainda!" Outra ocasião, outro congregado seu lhe solicitou que pregasse uma série de sermões sobre alguns dos grandiosos capítulos evangélicos do livro das profecias de Isaías. A resposta foi semelhante: "Eu não estou preparado ainda." Evoco um exemplo similar na vida de Beecher. Era para ele pregar por ocasião de uma cerimônia de ordenação na Nova Inglaterra. Disse ele ao Dr. Lyman Abbott: "Estou pensando, em pregar um sermão sobre a dinâmica do púlpito; gostaria que o colega lhe desse toda a atenção." "Eu o fiz", continuou o Dr. Lyman, "e o sermão nada mais era qual uma descrição das vantagens eventuais do ministério como profissão. Logo que me encontrei com Beecher, perguntei-lhe: 'Onde está o tal sermão sobre a dinâmica do púlpito? ' Ele respondeu: 'Ele não estava maduro! '"

A falácia dos pregadores mais fracos é que o seu "tempo sempre está pronto"; os pregadores poderosos têm longos períodos durante os quais não ignoram que o seu tempo "ainda não é chegado." Eles têm a capacidade de ir devagar e mesmo de "fazer pausa." Não "se precipitam para a imprensa", nem a falar, estando ainda com "os pensamentos

desajustados." Podem reter a mensagem, às vezes durante anos, até que algum dia ela ganhe alma e a seu redor haja uma vibração que os advirta de que "é chegada a hora." Acautelemo-nos contra a idéia fácil de que, ao sermos um dia notificados assim, estamos prontos para pregar sobre qualquer coisa! Cultivemos a faculdade de usar o vagar, os longos e vigorosos processos da meditação, o domínio próprio que se nega a ser prematuro, a disciplina capaz de aguardar pacientemente a maturidade. "Tenha, porém, a paciência a sua obra completa".

Estou convicto de que nenhum sermão está pronto para ser pregado, nem pronto para ser publicado, enquanto não nos for possível expressar o seu tema numa breve e fecunda sentença, tão clara como o cristal. Para mim, a conquista de tal sentença é o mais difícil, exigente e frutuoso trabalho no meu gabinete. Esforçar-se alguém por amoldar a sentença, para rejeitar todas as palavras vagas, ásperas e ambíguas, pensar em como atingir uma estrutura vocabular que defina o tema com escrupulosa exatidão — é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes e essenciais para a confecção de um sermão; e, segundo o meu modo de ver, nenhum sermão devia ser pregado, nem mesmo escrito, enquanto a sentença expressiva não emergisse, clara e lúcida como o luar sem nuvens. Não confundamos obscuridade com profundidade, e não imaginemos que lucidez é necessariamente igual à superficialidade. O pregador deve obrigar-se a procurar as concepções claras, e deve ajudar este seu esforço pela exigência que se imponha de que todo sermão que pregue tenha o seu tema e o seu objetivo expressos numa sentença tão clara quanto as suas forças lha possam ditar. Tudo isto significa

que o preparo dos sermões dominicais não pode ser iniciado sábado de manhã e concluído sábado à noite. O preparo é um processo longo; os melhores sermões não são feitos, crescem; encontram as sua analogias, não na manufatura, e sim no jardim e no campo.

Talvez me não seja necessário dizer que em todo o moroso preparo do sermão, precisamos manter--nos em constante e imediata relação com a vida. O sermão não deve ser como uma dissertação sobre a verdade abstrata, alguma exposição inteligente de filosofia sem aplicação, alguma brilhante manipulação da metafísica remota. O sermão tem que ser uma proclamação da verdade como vitalmente relacionada com os homens e mulheres que vivem. Precisa *tocar* a vida onde o toque seja significativo, tanto nas suas crises como nas suas corriqueirices. Precisa ser aquela verdade que viaja em companhia dos homens morro acima e morro abaixo, ou na planície monótona. E, portanto, a mensagem do pregador precisa, antes de tudo, "tocar" o próprio pregador. Precisa ser aquela verdade que o "acha" na sua vida cotidiana, verdade que se assenta inteiramente nas suas circunstâncias, que se ajusta às suas necessidades, que preenche as lacunas de suas carências como a maré alta enche as baías e concavidades do litoral. Se a verdade que ele prega não tem urgente relação consigo mesmo, se não tem negócios a tratar no seu caminho, se lhe não oferece íntimo e sério companheirismo para as suas viagens, melhor seria pôr de lado o sermão. Mas a verdade proclamada por um sermão também precisa proceder ao reconhecimento de vidas mais variadas que a própria, e no preparo do sermão, estas devem estar na mente. Sei que Deus "formou semelhantes os seus corações" e que as

necessidades fundamentais dos homens são as mesmas em toda parte; contudo, há grandes diferenças de temperamento e enormes variedades de circunstâncias que temos que levar em conta, se é que a nossa mensagem pretende obter ingresso em novas vidas e exercer atração com autoridade. Conto com a sua licença para mencionar o meu plano mesmo, como ilustração. Quando chego a ter o meu tema claramente definido e começo a preparar a sua exposição, conservo no âmbito de minha mente ao menos uma dúzia de homens e mulheres, muito variados quanto ao temperamento natural e bem diferentes quanto às circunstâncias da vida diária. Não são meras abstrações. Nem se trata de bonecos ou títeres. São homens e mulheres de verdade, que eu conheço: pessoas de profissões liberais, comerciantes, doutos e indoutos, ricos e pobres. Quando estou preparando o meu trabalho, minha mente está constantemente vislumbrando este círculo invisível, e me ponho a considerar como hei de servir o pão desta verdade isolada de modo que proveja nutrição satisfatória para todos. Que relação tem este ensino com aquele advogado? Como é que a verdade a ser anunciada pode ser relacionada com aquele médico? Que tenho aqui que sirva para aquele homem acerba-mente nervoso, de temperamento artístico? Há também aquele pobre corpo sobre o qual as correntes da aflição têm feito rolar as suas vagas por muitos anos — há algo na mensagem que lhe diga respeito? E assim por diante, vou passando em torno do círculo todo. Os senhores talvez não apreciem o meu método; provavelmente lhes não sirva e quiçá consigam inventar outro melhor; mas, seja como for, eis o que ele faz por mim — durante a fase inteira do meu preparo, ele me conserva em verdadeiro contato com a vida, com homens e

mulheres reais, fazendo locomover-me em ruas comuns, exposto às variações climáticas, ao "dia deslumbrante" e à noite fria, ao brando orvalho e aos vendavais furiosos. Ele me retém no terreno comum a todos; impede que me perca nas nuvens. Cavalheiros, as nossas mensagens têm que ser relacionadas com a vida, com as vidas, e precisamos fazer que toda gente sinta que a nossa chave serve na fechadura da porta de cada um.

Com o nosso propósito assim claramente definido, e tendo em vista homens e mulheres de carne e osso, disporemos o pensamento e a mensagem de maneira adequada. A exposição seguirá caminho reto, promovendo diretamente a iluminação da mente e conduzindo à captura da razão, ao despertamento da consciência, à conquista da vontade. Nesta última frase foi usada a figura de retórica simbólica da tática militar, e de fato precisamos de algo da estratégia militar, no sentido de sua vigilância e engenho, no esforço de ganhar a Alma Humana para o Senhor. Como expor e dispor a verdade, mediante aqueles instrumentos especiais para conduzi-la, e como transformar os perseguidores em aliados e ampliar as fronteiras do Reino de Cristo — eis o problema que o pregador depara toda vez que se põe a preparar o seu sermão. Talvez aconteça — e é bem provável — que os senhores rejeitem esboço após esboço, desfazendo-se deles todos por considerá-los muito indefinidos e incertos, até que seja elaborado um que parece conduzir, sem transvios, ao tão desejado alvo. Primeiro, tomem a sua estrada certa e deserta com objetivo claro; não partam enquanto a estrada não estiver pronta; daí por diante, poderão descobrir fontes de refrigério e poderão ter até flores e canto de pássaros ao longo do caminho. Mas antes

de tudo, eu lhes digo: "Preparai o caminho ao povo: aplainai, aplainai a estrada, limpai-a das pedras."

Findo todo o labor preliminar, tendo começado a escrever a mensagem, advirto-os a que não sejam escravos algemados à fraseologia estereotipada e a formas de expressão que já não possuem significação. Não os aconselho a serem indevidamente agressivos, e muito menos, irreverentes, em sua atitude para com a velha terminologia, mas encontrarão admirável poder na inovação de expressões cuidadosamente escolhidas, oferecidas como novos veículos da verdade antiga. Um médico famoso me disse que, muitas vezes, o apetite dos enfermos é estimulado por freqüentes mudanças da baixela em que lhes é servida a refeição. A baixela nova dá certo frescor ao alimento habitual. Assim é no ministério da Palavra. "Nova maneira de apresentar uma coisa" desperta o paladar e o. interesse naquilo em que a expressão costumeira poderiam deixar o ouvinte desatencioso e indiferente.

Nesta questão de expressão direi uma palavra mais. Não sejam doidos em dar valor ao desmazelo e à desordem. Tenham sagrada consideração pelo ministério de estilo. Quando exibem uma pedra preciosa, os senhores a guarnecem da melhor maneira possível. Quando exigem uma verdade, façam-no com a mais nobre expressão que puderem encontrar. Um pensamento excelente pode produzir uma excelente forma de expressão — e a requer deveras. Uma sentença bem ordenada e bem modelada, transportando o corpo e a alma da verdade, exercerá extraordinária influência, mesmo sobre o ouvinte inculto. Cometemos engano fatal se imaginamos que gente inculta gosta de coisas rudes.

Ouvi Henry Drummond quando dirigia uma reunião composta de "vadios e vazios", pequeno e sombrio grupo de rapazes de Edinburg, esfarrapados e desprezados; falou-lhes ele com simplicidade e acabado requinte que acrescentaram o encanto da beleza ao vigor da verdade. Não havia suntuosidade, nem retórica floreada; nada dessa espécie; mas o estilo funcionava como servo da verdade e, estivesse ele a transmitir-lhes admoestações ou palavras de encorajamento, causar-lhes riso ou pasmo, as frases eram "cavalheirescas", eram uma combinação de beleza e força.

E quanto às ilustrações que podemos utilizar em nossa exposição de uma verdade, tenho só uma palavra a dizer-lhes. A ilustração que requer explicação não vale à pena. A lâmpada deve fazer o que lhe compete. Tenho visto ilustrações belas como lâmpadas de salas de recepção atraindo a atenção sobre si mesmas. As verdadeiras ilustrações do pregador são como lâmpadas de rua, raramente notadas, mas que lançam fluxos de luz na via pública. Lâmpadas ornamentais serão de pouca ou nenhuma utilidade para os senhores; as simples lâmpadas de rua se prestarão ao seu propósito sempre.

Assim é que ponho fim a esta consideração de "o pregador no gabinete." Após tudo que disse, talvez não fosse preciso lembrar-lhes que "uma celeste disposição mental é o melhor intérprete da Escritura." A menos que o nosso gabinete seja também o nosso oratório, não teremos lídimas visões. Seremos como aqueles "que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade." Nestes domínios, mesmo o duro labor é vão, se não possuímos "a comunhão do Espírito Santo." Mas se o

nosso gabinete for o nosso santuário, o "esconderijo do Altíssimo", então a promessa dos dias antigos alcançará cumprimento em nós, "os olhos dos que vêem não escurecerão, e os ouvidos dos que ouvem estarão atentos" (), e a Obra do Senhor terá livre curso e será glorificada.

O PREGADOR NO PÚLPITO

Quinta preleção

"O serviço do santuário."

Devo falar-lhes hoje sobre a vida e o ministério do pregador no púlpito. Não há esfera de serviço mais revestida de santo privilégio e de promessas sagradas, e não há esfera onde o empobrecimento do indivíduo se apresenta de maneira mais dolorosa. O púlpito pode ser o centro de poder dominante, e pode ser o cenário de trágico revés. Qual a significação da nossa vocação quando ocupamos o púlpito? É o nosso encargo, dado por Deus, de guiar homens e mulheres cansados ou rebeldes, exultantes ou deprimidos, ardorosos ou indiferentes, para o "esconderijo do Altíssimo." Cumpre-nos auxiliar os que estão carregados de pecados a alcançarem a fonte da purificação, os escravos a alcançarem os cânticos de libertação. Cumpre-nos ajudar o coxo e o paralítico a recuperarem a agilidade perdida. Cumpre-nos socorrer as asas partidas, encaminhando-as à luz curativa dos "lugares celestiais em Cristo Jesus." Cumpre-nos enviar os corações sombrios ao calor da graça. Cumpre-nos auxiliar os levianos a se vestirem com o "vestido de louvor." Cumpre-nos ajudar a livrar os fortes do ateísmo do orgulho, e os fracos, do ateísmo do desespero. Cumpre-nos auxiliar as crianças a verem a gloriosa atração de Deus, e auxiliar os

adultos a perceberem o envolvente cuidado do Pai e a certeza do lar eterno. Isto é algo do que significa a nossa vocação quando ocupamos o púlpito no santuário. A nossa possível glória é esta — cumpri-lo. A nossa possível vergonha é esta — impedi-lo. Quando "os doentes e enfermos" estão reunidos, podemos prestar-lhes serviço ou embaraçar-lhes a obtenção da cura. Podemos ser obstáculos a mais ou auxílios espirituais. Podemos ser pedras de tropeço que as pessoas são forçadas a galgar na sua ânsia de estabelecer comunhão com Deus.

Ora, pode ser que não sejamos capazes de governar as forças do intelecto. Pode ser que não possuamos os dons de penetração exegética, de interpretação clara e de expressão eficiente e precisa. Jamais assustaremos os homens com demonstrações de inteligência, nem provocaremos a sua admiração com maciças estruturas de argumentação. Mas há outro e melhor caminho para a nossa tática. Com os poderes e meios de que dispomos, é-nos possível edificar um altar sincero, simples e honesto, e invocar e receber o fogo sagrado. Se nunca pudermos ser "grandes" no púlpito, quando julgados segundo os valores terrenos, poderemos, contudo, ambicionar piedosamente a bênção de ser puros, sinceros e inculpáveis. Se o recurso não é "grande", estejamos certos de que é puro, e que aí está um canal aberto e ininterrupto para as águas da graça.

Para se atingir tal fim, julgo necessário, antes de irmos para o púlpito, definir para nós mesmos, em termos simples, decisivos, a concepção que temos do propósito do ofício. Formulemos claramente o fim que almejamos. Ponhamo-lo em palavras. Não o ocultemos no reino nebuloso das suposições

indecisas. Detenhamo-nos no meio mesmo de nossas suposições e impulsionemo-nos a indicar e registrar os nossos fins. Apanhemos uma caneta e, a fim de que possamos banir para mais longe ainda o perigo da vacuidade, passemos para o papel o nosso propósito e a nossa aspiração para o dia. Demos-lhe a objetividade de uma carta marítima: Examinemos a rota e fitemos, firmes, o porto do nosso destino. Se, ao subirmos os degraus para o púlpito, surgisse um anjo a desafiar-nos a expormos a nossa missão, devíamos ser capazes de dar reposta imediata, sem hesitar nem gaguejar, que esta ou aquela é a mensagem com a qual procuramos servir a Deus hoje. Mas com muita freqüência a fraqueza do púlpito é esta: Somos propensos a deixar-nos arrastar ao léu através do ofício, quando a nossa obrigação é pilotar. Muito freqüentemente "navegamos em viagem transoceânica", mas não temos destino: Vamos "para qualquer lugar", mas para lugar nenhum em particular. A conseqüência é que o ofício assume a forma de vadiagem, quando devia ser possuído do espírito de verdadeira cruzada. Por outro lado, uma finalidade sublime, singela e soberana, entrelaça os elementos isolados do ofício, faz tudo funcionar cooperativamente e promove o relacionamento e a vitalização de todas as partes, mediante a influência penetrante do propósito que lhes é comum. "Aquele que mantém um fim em vista, torna úteis todas as coisas." Se o fim que procuramos é "a glória de Deus", todos os complementos do culto darão recompensa à pesquisa feita.

Agora, vejamos o que fará por nós esta definição de propósito santo, formulado com clareza. Primeiramente, assegurará a poderosa presença da reverência e da ordem. A irreverência emerge quan-

do não há percepção da "soberana vocação." "Pisamos os átrios do Senhor" ('), quando desviamos a vista da luz esplêndida. A menos que vejamos "o Senhor alto e exaltado" ('), coisas desordenadas e irreverentes surgirão enquanto dirigimos o culto. Não podemos desprezar estas coisas. Do contrário, cairemos na ociosidade e descuidaremos do púlpito. Teremos parte insignificante no culto que temos a pretensão de dirigir. A nossa curiosidade ociosa será mais ativa que a nossa obediência espiritual. Seremos tentados a usar entonação petulante, a ser descuidados no falar, e pode dar-se às vezes que escorreguemos pra o grosseiro e vulgar. A primeira necessidade, para se exercer polido ministério, no púlpito, é a de reverência, e se devemos ser reverentes, os nossos olhos têm que estar fitando "O Rei na Sua formosura."

Mencionarei, porém, um segundo amparo, alcançado quando o ofício religioso é dominado por algum alvo grandioso e elevado. O pregador será defendido contra o perigo da ostentação. Terá poder, mas não para exibição. Terá luz, mas no esplendor da glória, ele próprio ficará na penumbra. O auditório não se restringirá a vê-lo; cheio de admiração, irá além, até o Senhor exaltado. Quando estive em Northfield há dois anos, saí bem cedo certa manhã para dirigir uma reunião num acampamento num bosque. O acampamento era ocupado por duzentos ou trezentos homens da Water Street Mission, de New York. No início do serviço religioso, foi feita uma oração em meu favor, sendo que o intercessor abriu a oração com esta súplica inspirada, "ó Senhor, damos-Te graças por nosso irmão. Agora, apaga-o!" E a prece continuou: "Revela-nos a Tua glória com esplendor tão admirável que o homem seja olvidado."

Estava absolutamente certo, e a minha confiança é que a oração foi respondida. Mas cavalheiros, se nós mesmos admiramos a glória do Senhor, seremos apagados em nossa transparência. Se procuramos a glória do Senhor, seremos cercados pela pureza, simplicidade e singeleza na devoção, pureza, simplicidade e singeleza que se prestarão a mostrar o Rei; e os homens a ninguém verão "senão só a Jesus." Todas as partes do culto serão significativas e nada logrará primazia intrusa. Tudo cairá brandamente no lugar certo e contribuirá para a armação de um cenário reverente e sóbrio em que o nosso Senhor será revelado, "cheio de graça e de verdade." Ora, isto significa revolução no método de dirigir certas partes do nosso serviço religioso. Gostaria que os senhores considerassem seriamente a fraqueza patética — mais que isso, trágica — de muitas partes do culto que oferecemos a Deus. Freqüentemente, fixamos toda a atenção no sermão quando procuramos explicar a relativa falta de poder no ofício religioso, quando, talvez, a causa real da paralisia esteja em nossa morta e mortífera comunhão com Deus. Nada é mais poderoso que a pronunciação da oração espontânea, quando brota das profundezas da alma. Mas nada há mais terrível e inexpressivo que a oração extemporânea, que vai saltando pela superfície das coisas numa desordenada dança de palavras vazias, indo não sabemos para onde — um montão de palavras que não levam sangue, que não trazem à luz nenhum segredo da alma, um remoinho de expressões insignificantes, atrás de que não há pulsação vital, nem clamor soturno das profundezas solitárias e desoladas.

Não é difícil encontrar a causa mais profunda de alguns desses fracassos no púlpito. Antes de

tudo, devem eles encontrar explicação em nossa experiência espiritual pouco profunda. Não seremos fortes intercessores se não temos profunda e crescente familiaridade com os secretos caminhos da alma. Precisamos conhecer as suas enfermidades — suas épocas de corrupção, de abatimento e de desespero. Precisamos conhecer os seus gritos e lamentos, quando ela é enredada pelo pecado, ou quando está enfastiada com a licenciosidade resultante de liberdade ilegítima. Precisamos conhecer a alma na sua fase de cura, quando a vida está em ascensão, quando a morte espiritual perde o seu aguilhão e o túmulo espiritual perde a sua vitória. Precisamos conhecer a alma em sua convalescência, quando a fraqueza e a enfermidade estão sendo vencidas e a vida está recobrando a sua perdida capacidade de cantar. E precisamos conhecer a alma cheia de saúde, exuberante de novo, podendo já, em seu alegre bem-estar, "saltar como um cervo." Como haveremos de dirigir uma congregação na oração, se estas coisas são-nos ocultas, como pertencentes a mundos ignotos? Confesso que muitas vezes me afasto da obrigação, reconhecendo-o quando penso nas almas cheias de ricas experiências, as quais me compete conduzir na oração e louvor. Medito na profundidade e altitude do seu conhecimento de Deus. Penso no seu senso de pecado. Penso no seu arrebatamento, promovido pela bem-aventurança do perdão. E a mim compete, no culto público, ser o meio pelo qual sejam expressas as suas confissões, os seus anseios, o seu louvor e adoração! Sinto-me como se fora uma buzina de pastor de ovelhas, quando aquilo de que necessitam é um órgão! Muitas vezes, eles se vêem forçados a "encolher-se" à minha estatura nos exercícios de comunhão pública. As experiências religiosas superficiais do pregador

explicam em parte a pobreza da sua obra de intercessão.

Mas há uma segunda razão porque as nossas devoções públicas são freqüentemente empobrecidas. Trata-se da nossa imperfeita avaliação da suprema e vital importância destas partes do culto. Estas são, às vezes, descritas como "preliminares", matéria relacionada apenas com o vestíbulo, uma espécie de corredor medíocre conduzindo a uma para a ala fartamente iluminada, para a execução principal! Não conheço palavras que exprimam melhor isto do que ênfase errada e valores errados, e onde quer que estas palavras sejam próprias para descrever as nossas devoções, a congregação, que espera do púlpito orientação sagradas, encontrará aridez e trevas. Desde que consideremos a oração como um dos "preliminares", como tal a trataremos. Tropeçaremos nela. Tropeçaremos através dela. Diremos: "Isto nos vem a propósito", pois, qualquer coisa que "venha" será tão boa como nenhuma outra! Qualquer coisa serve para "preliminar." Havemos preparado as palavras que diremos aos homens, mas para a nossa comunhão com Deus qualquer linguagem, mesmo relaxada, basta! Assim os homens e mulheres de oração esfriam, e os homens e mulheres sem oração ficam empedernidos. Entregamos ao Senhor Deus um "preliminar" e, vejam: "Os céus são como bronze" e "A terra não recebe chuvas."

Quero mencionar ainda uma terceira razão da fraqueza e superficialidade da devoção pública — a falta de oração em secreto na vida do pregador. Se desconhecemos o caminho da comunhão em secreto, certamente não conseguiremos acertar com ele

em público. O homem que está sempre no "caminho", encontra instintivamente o jardim, seus aromas perfumados, seu ar maravilhosamente envolvente — pode fazer outros chegarem ali também. Mas, neste ponto, mais que em qualquer outra coisa, a nossa vida particular determinará o nosso poder em público. Os homens nunca aprendem a orar em público: Aprendem-no em particular. Não nos é possível despir-nos dos hábitos privados e assumir outros, públicos, com a roupa que usamos no púlpito. Se a oração é um item insignificante na vida particular, será um "preliminar" de quase nenhuma importância em público. Se jamais estamos no Getsêmani, quando sós, não acharemos o caminho para lá, quando estivermos com o povo. Se jamais clamamos "das profundezas" quando não há ninguém por perto, não haverá tal clamor quando nos juntamos à multidão. Eu repito que os nossos hábitos são modelados em particular, e ninguém pode mudar a própria pele simplesmente por vestir a toga.

Quero fazê-los assim fixarem o pensamento nesta falácia comum nas devoções dirigidas do púlpito, porque estou persuadido de que aqui tocamos a raiz de grande parte da incapacidade do nosso púlpito. Se os homens permanecem impassíveis com as nossas orações, também não se sentirão muito abalados por nossas predica. Não me passa pela cabeça que sempre há mais poder vital em nossos sermões que em nossas intercessões. O poder que soergue a vida mais profunda da alma começa a mover-se sobre nós durante a nossa comunhão com Deus. O clímax pode vir no sermão; os preparativos essenciais são feitos nos atos de devoção. Tenho ouvido, dirigidas do púlpito, intercessões tão tremendas em seu alcance, tão cheia de Deus, tão efi-

cientes na inspiração de temor, tão dominantes, tão comoventes, que era simplesmente impossível terem como conseqüência um sermão incapaz de prender a atenção. "O caminho do Senhor" tinha sido preparado. A alma fora despertada e prostrada de joelhos, e a mensagem veio como o engrandecedor "poder de Deus para a salvação." Mas por outro lado, tenho ouvido orações tão grosseiras, tão pesadas, tão mortiças, ou aparentando vida somente pelo emprego de entonações agudas e declamação inábil, que era simplesmente impossível produzir sermões cheios do poder do Espírito Santo. Eis, portanto, a exortação que lhes faço: Quando ocuparem o púlpito, considerem as orações como elementos essenciais e não como "preliminares" tio culto, e considerem o sermão como uma lâmpada cujo fulgor cativante precisa ser alimentado pelo óleo santo que flui da oliveira da consagrada comunhão com Deus.

Há um segundo "preliminar" no culto público necessitando de elevação ao lugar de precípua significação — a leitura da Palavra de Deus. Com muita freqüência, a leitura bíblica é exatamente aquilo que "se arranja a olho." Não se aplica nenhum esforço cuidadoso e diligente para a sua escolha. E o resultado é este — a "lição" é um dos pontos mortos no serviço religioso, e a sua influência amortecedor a deixa enregelado o culto inteiro. A importante mensagem é lida sem que se lhe atribua importância, e se apresenta vazia até mesmo da impressão ordinariamente exercida pela literatura geral. Quão poucos de nós recordamos celebrações de cultos em que a leitura bíblica prendia a congregação e a mantinha em assombro respeitoso e inteligente! Dizem que a leitura das Escrituras feita por Newman em Oxford constituía um momento tão grandioso

como a sua predica. Conheço um homem que sempre anima os ofícios fúnebres pelo modo maravilhoso como lê o capítulo da ressurreição, na carta de Paulo aos Coríntios. Enquanto lê, o ouvinte é capacitado a ver e a sentir a alvorada, embora se encontre no lar dos mortos! Os senhores precisavam ter ouvido Spurgeon ler o Salmo 103! É uma experiência vigorosa a que se tem quando a leitura é feita de tal modo que ela mesma faz o sermão, e a palavra viva torna cativos os corações, "sem qualquer exposição." Entretanto, há exposições feitas à nossa maneira, segundo o nosso modo de proceder, nos tons peculiares à nossa voz, inteiramente apoiadas em nós mesmos. Ouvi contar que havia sublime e impressionante respeito na maneira como John Angel James costumava abrir a Bíblia no púlpito, e uma impressão igualmente dominadora no modo como a fechava. Não se trata de pequenos truques, como os ensinados por mestres de declamação; são frutos do caráter. Caso sejam aprendidos como pequenos truques, servirão só para acrescentar artificialismo ao culto; caso sejam "o fruto do Espírito", contribuirão para vitalizá-lo.

Se a Escritura deve ser lida de modo que cause impressão assim, é da maior importância compreendê-la e ter alguma noção do contorno geral do país maravilhoso que ela constitui, posto que haja incontáveis profundidades que nunca sondamos e alturas que jamais escalamos. E se cabe a nós compreender a leitura, ainda que parcialmente, temos que estar dispostos a lutar por isto. Quando fui pela primeira vez a Carrs Lane, o exame que fiz do exemplar da Revised Version pertencente ao Dr. Dale, no qual fazia ele as leituras do púlpito, despertou-me profundo interesse. O volume trazia as

marcas da mais diligente devoção. Em capítulos difíceis, as palavras enfáticas eram cuidadosamente assinaladas, e as cláusulas e passagens parentéticas eram definidas com clareza. A aplicação da ênfase feita pelo Dr. Dale, às vezes, tem sido uma revelação para mim, quando uso a sua Bíblia na direção do culto público. Menciono este fato apenas para mostrar quão dedicado zelo um grande expositor dava à leitura bíblica. Não é de retórica que necessitamos, pelo menos da espécie de retórica ministrada em anos idos a estudantes de teologia, candidatos ao ministério. Aquilo era um aprisionamento em laços artificiais que, por amor a um tipo de vida repleta de energias mistificadas, destruía todo o senso de seriedade e dignidade. Não, o de que precisamos, em primeiro lugar, é exaltar o ministério da leitura no culto público, pôr-nos em reverente contacto com tal serviço, e depois, aplicar toda a diligência necessária para compreendê-lo e para transferir a nossa compreensão ao povo. Valorizemos a leitura da Palavra. Protejamo-la com a formação de condições convenientes. Livremo-la de toda sorte de distrações. Mantenhamos as portas cerradas. Não permitamos que nenhum retardatário fique a perambular pela nave enquanto a mensagem da Palavra está sendo entregue. Façamos tudo para que ela seja recebida em tranqüilo silêncio. Então será manifesto que a Palavra de Deus é ainda uma lâmpada para os pés e uma luz para os caminhos do homem.

Também, na persecução do alto propósito de glorificar a Deus no ministério do púlpito, havemos de aplicar consagrada diligência ao louvor em conjunto. Com isto, tocamos outra vez algo que pode ser habitação da morte ou fonte da ressurreição da vida.

Também nos voltamos aqui para mais uma coisa a que muitos pregadores dão pouca ou nenhuma atenção. E uma vez mais estou procurando transmitir-lhes a premente convicção de que cada item do ofício religioso traz a sua significação eficaz e peculiar, e que o descuido em relação a qualquer parte abaixará, inevitavelmente, a temperatura do culto inteiro. Estou absolutamente certo de que sucede com os hinos o que sucede com a leitura da Bíblia: A nossa negligência é punida por antagonismos que tornam duplamente difícil alcançar o nosso fim supremo. Muitos hinos que entoamos são artificiais. São superficiais e irreais. Freqüentemente exprimem anseios de que ninguém participa e de que nenhuma alma robusta e anelante jamais quer participar. Alguns hinos são claustrais, sepulcrais mesmo, cheirando a defunto, e distantes dos atuais meios de comunicação e da latejante pulsação das necessidades comuns. O sentimento é quase doentio e anêmico. Não é capaz de promover contrição nem aspirações. É lânguido, de romantismo fraco, mais apropriados para uma tarde na terra onde vive o Lotus que para peregrinos lutando em sua marcha para Deus. Além disso, estes hinos são escolhidos com indiferença, e os usamos e cantamos com tal ausência de espírito que o culto passa a ser mero pretexto musical. A coisa é vã e vazia de sentido e, através da vacuidade deste "preliminar", levamos os participantes do culto à verdade contida em nossa mensagem e esperamos que ela seja recebida. É um método supinamente insensato este — usar como preparação para a receptividade espiritual um mortal formalismo que fecha todos os poros da alma. Toda artificialidade no serviço religioso é acréscimo às barreiras existentes entre a alma e a verdade; toda veracidade prepara a alma

para a recepção do Senhor. O hino cantado antes do sermão, muitas vezes, agrava a tarefa do pregador.

Há outra questão que desejo mencionar com relação aos nossos hinos. Muitos hinos se caracterizam por individualismo exagerado que os pode tornar impróprios para uso geral no culto público. Sei quão singularmente doce e íntima pode ser a comunhão com nosso Senhor. Sei que nenhuma linguagem é capaz de expressar a delicadeza dos elos que ligam o Cordeiro e Sua Noiva. E é bom que a alma, sentindo o peso do glorioso fardo da graça redentora, seja capaz de cantar exprimindo a sua secreta confiança e de soltar versos exprimindo a sua fidelidade ao Senhor. "Ele *me* amou assim! E Se entregou por *mim!"* Todavia, penso que estes hinos de individualismo intenso devem ser escolhidos com escrupuloso cuidado e oração. O culto público não é um meio de graça em que cada um pode afirmar a sua individualidade e auferir auxílio só para si da solenidade comum a todos os participantes; é, sim, uma comunhão em que cada um pode auxiliar o irmão a alcançar "o que Deus tem preparado para aqueles que O amam." Não se deve supor que a congregação é uma porção de unidades isoladas, cada qual tendo em vista algo particular e pessoal a buscar. O ideal não é que cada indivíduo acotovele e se esgoele a seu favor, esticando o braço para tocar a orla das vestes de Cristo, e sim, que cada um seja ternamente solícito para com o outro e trate com especial desvelo os que têm "mãos ressequidas", tímidos e desanimados mesmo na presença do grande Médico.

Assim, o hino ideal para o culto público é aquele no qual nos movemos juntos qual comunidade, suportando pecados uns dos outros, participando

das vitórias uns dos outros, "chorando com os que choram e alegrando-nos com os que se alegram."

Nesta riqueza de simpatia envolvendo tudo é que precisamos selecionar os nossos hinos. É preciso haver um hino em que o triste pouse o seu fardo e o alegre o ajude a erguê-lo. É preciso haver um hino para os que são "valentes pela verdade", e para os tímidos e os medrosos se encorajarem enquanto o cantam. É preciso haver um hino em que a noiva recente veja a santa luz do seu novo dia, e a viúva recente colha os raios fulgurantes da manhã eterna. É preciso haver hinos em que os velhos e as crianças se encontrem e juntos vejam a beleza das folhas que nunca secam e a glória da eterna primavera. Quer dizer que os nossos hinos não podem ser escolhidos no último instante, uma vez que devem ser fatores essenciais para que haja vida no culto. Devem eles merecer diligente consideração, o seu conteúdo tem que ser cuidadosamente ponderado, e nós temos que avaliar bem a sua provável influência sobre o culto inteiro. Não sentem os senhores a razoabilidade e importância disto — que cada hino deve ser um ministério positivo, impelindo a congregação à íntima comunhão com Deus?

Mas até agora não tratei propriamente da parte musical do culto. Conjuro-os a cultivarem boas relações e a mais profunda amizade com o organista. Procurem alistar o espírito dele no elevado propósito que lhes pertence. Façam-no perceber, levando-o a participar dos mais profundos anseios dos senhores, que ele é um colaborador na obra de salvação dos homens, para a glória de Deus. Libertem a música da condição de entretenimento humano e façam que ela se torne uma revelação divina. Façam tudo para que

nunca seja ela um fim em si mesma, e sim, um meio de graça, uma realidade a ser esquecida na alvorada doutra maior. Que nunca seja considerada como exibição de uma habilidade humana, mas sim como transmissora de bênçãos espirituais; jamais como terminal e sempre como passagem. Portanto, conferenciem com o organista. Digam-lhe o que pretendem fazer no domingo que vem. Não se arreceiem de levar a conversa para questões mais profundas. Não o detenham nos átrios externos; conduzam-no ao lugar secreto. Relatem-lhe o seu propósito referente a cada hino bem como a influência que esperam cada um exerça sobre o público. Digam-lhe sobre que vão pregar e levem-no pela senda bem central dos desejos que lhes vão à alma. Contem-lhe que vão em busca do pródigo, ou a confortar os tristes, ou a despertar os relapsos, ou a encorajar os débeis. Digam-lhe que parte do imenso território das "riquezas insondáveis" os senhores pretendem desvendar aos ouvintes, e façam que os olhos dele se encham da glória que os seus olhos retêm. Aconselhem-se sobre o modo como ele pode cooperar com os senhores e vejam que haja dois homens numa só mensagem grandiosa. Deixem-no deliberar que espécie de improvisos ao órgão se prestará mais bem ao propósito de ambos e para preparar os corações dos participantes do culto para a visão de Deus. Que a modulação seja escolhida tendo-se em vista verificar aquela que melhor descerre a escondida riqueza do hino e abra a alma para recebê-la. Jamais permitam que a antífona seja "um libertino desqualificado" a tocar as suas burlas, sem nenhuma relação com o restante do culto — na melhor das hipóteses, um interlúdio; na pior, uma interrupção e obstáculo intolerável — e sim, esforcem-se para que a antífona esteja ligada ao

propósito dominante, impulsionando a alma em direção única e preparando "o caminho do Senhor." Em todas estas sugestões singelas, dou-lhes conselho de valor incalculável. O pregador e seu organista, profundamente unificados no espírito do Senhor Jesus, alcançam poder inconcebível no ministério da redenção.

Na verdade, o que disse a respeito do organista, digo também em referência a todos os que têm algum encargo no serviço do santuário. Alimentem o desejo de fazê-los cooperarem no plano que os senhores se impuseram. O ministério do púlpito é auxiliado ou estorvado por todo aquele que tem de lidar com a congregação, incluso até mesmo "o porteiro da casa do Senhor." Portanto, induzam os seus oficiais a entenderem que podem ser-lhes colaboradores, não se limitando a indicar lugares às pessoas, mas ajudando-as, por sua atitude e por seu espírito, a se aproximarem de Deus. Façam cada um dos seus auxiliares penetrar o íntimo das coisas e, no seu peculiar setor de serviço, cultuar a Deus "em espírito e em verdade."

Cavalheiros, nada é pedante ou insignificante nisso tudo. Pedante é quem nunca viu ou quem perdeu a grandiosidade real e, daí, faz a sua presunção engolfá-la. Estou procurando retratar o pregador que vive na visão da grandiosidade e que deseja elevar a esse esplendor todos os serviços do santuário, mesmo o mais obscuro. Os nossos cultos apresentam partes errantes e desatreladas do objetivo central, e o que almejo é reintegrar os seus poderes na missão certa de salvação dos homens —mais isto só pode ser feito quando o ministro introduz os seus colaboradores nas deliberações a que se aplica e os faz

sentirem-se à vontade com os secretos anelos que forja na alma. Precisamos considerar cada parte como de importância vital e sagrada, e cada parte precisa penetrar o santuário revestida de poder e de beleza.

Assim, com estes aliados poderosos — a oração, a Escritura e a música — todos pulsando com o poder do Espírito Santo, entregaremos a mensagem do sermão a um público bem preparado. Quanto ao sermão propriamente dito, há alguns pontos em relação aos quais sou um tanto indiferente. Se ele deve ser pregado tendo-se à vista um manuscrito completo ou algumas notas em esboço, se deve ser lido ou transmitido por meio de leitura ou com mais independência — estas questões pouco me importam. Qualquer método terá vida e eficácia, desde que atrás dele esteja um homem que tenha "vida", um homem veraz e ardoroso, inflamado de paixão pelas almas. O público precisa perceber que estamos devotados a uma ocupação séria, que há em nossa predica uma busca entusiástica, busca insone e imorredoura. O público precisa sentir no sermão a presença do "caçador celeste" a sulcar a alma em suas veredas mais ocultas, perseguindo-a no ministério da salvação, para arrastá-la da morte para a vida, da vida para vida mais abundante, "de graça em graça", "de força em força", "de glória em glória."

Também devemos pregar sempre visando a decisões. Temos que apresentar a nossa causa, temos que apelar por um veredicto, e temos que instar para que haja imediata execução do veredicto. Não ocupamos o púlpito para deleitar a imaginação. Nem mesmo para informar a mente, ou alvoroçar as

emoções, ou influenciar o juízo. Estes processos são apenas preparativos feitos durante a jornada. O nosso objetivo último é mover a vontade, removê-la para outro rumo, apertar-lhe o passo e fazê-la exultar nos "caminhos dos mandamentos de Deus." Sim, ocupamos o púlpito para sintonizar a vontade dos homens com a de Deus, a fim de que os estatutos de Deus se lhes tornem canções da alma. É uma vocação bendita, coibida por dificuldades, assediada por desapontamentos, mas as suas recompensas genuínas são "mais doces do que o mel e o licor dos favos." Não há na terra alegria comparável à daquele que acompanhou o grande Pastor, galgando a montanha exposta aos elementos, percorrendo vales fundos e sombrios em busca de Sua ovelha perdida; não há alegria, afirmo, comparável à sua, quando a ovelha é encontrada, e o Pastor a põe nos ombros com regozijo e a leva para casa, ao aprisco. "Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida!" E todos aqueles que tomam parte na faina da busca, participarão também da alegria do achado — "Co-participantes dos sofrimentos", serão também "co-participantes da glória." E certamente entrarão "no gozo" do seu Senhor.

O PREGADOR NOS LARES

Sexta preleção

"De casa em casa."

Em nossas preleções anteriores, estivemos considerando a vocação do pregador, a glória dos seus temas, a estudiosa preparação da sua mensagem, e a apresentação da mensagem no templo no meio de condições ordenadas e amoldadas de modo que sejam aliadas da verdade.

Agora vamos considerar a vocação do pregador quando ele deixa o santuário público e entra na residência particular. Há mudança de esfera mas não de missão. A linha de propósito permanece sem interrupção. O ministro é ainda um mensageiro a levar boas novas; é ainda um embaixador responsável pelos decretos do Deus eterno. O auditório é menor; a tarefa é a mesma.

Pois bem, a dificuldade da entrega da mensagem está na razão inversa ao tamanho do auditório. Quanto maior o auditório, mais fácil a tarefa; diminuindo o auditório, as dificuldades aumentam. Bem sei que a multidão traz seus perigos, e sutis são eles, e nem sempre fazemos a nossa obra mais poderosa quando estamos menos conscios dos perigos. As multidões podem contribuir para o nosso conforto, não necessariamente, porém, para os nossos

triunfos espirituais. Pode acontecer que sejamos eficientes quando acreditamos que a obra é mais fácil, e pode acontecer que nos vejamos em garras mortais se há dificuldades e resistências de todo lado. Pois eu acho que a experiência comum é esta, que as dificuldades do mensageiro são multiplicadas à medida que se apoucam os ouvintes. É mais difícil falar do Senhor a uma família que a uma congregação, e mais difícil ainda a um único membro de família — falar-lhe e entregar-lhe a mensagem. Enfrentar a alma individual com a Palavra de Deus, apresentar-lhe o pensamento do Mestre, quer por meio de conselhos ou de encorajamento, quer por reprovações ou por consolação, é uma das missões mais pesadas de que somos incumbidos. Para dez homens capazes de enfrentar multidões, há só um capaz de enfrentar o indivíduo. Que é que explica isto?

Bem, em primeiro lugar, o temor inspirado por um homem é mais sutil que o temor inspirado por um grupo de homens. O temor que um homem inspira arma ardil mais insidioso, e com muita freqüência, o temor é produzido por circunstâncias meramente acidentais e não por quaisquer dotes essenciais do caráter. Somos intimados mais pelo ofício que pelo oficial; mais pelos talentos de um homem que por sua disposição; mais por suas riquezas que por sua personalidade. Além disso, a nossa timidez, às vezes, surge mais do esplendor da casa que de qualquer esplendor da pessoa do morador. E o pregador não está isento de toda esta casta de temores. A armadilha está sempre perto dele, e ele pode medir o seu crescimento em graça pela força com que o enfrenta e supera. Foi um nobre tipo de coragem que estimulou Paulo a lutar "em Éfeso com feras"; foi com

coragem ainda mais nobre que defrontou o apóstolo Pedro, reputado "coluna da Igreja" e lhe resistiu "face a face, porque se tornara repreensível."

Confesso que esta parte da nossa comissão — levar a mensagem ao indivíduo — constitui o maior peso do início da minha carreira ministerial. Naturalmente, é deveras normal que no princípio do nosso ministério seja este o fardo mais pesado. A nossa falta de experiência, a timidez resultante de capacidades ainda não provadas, o valor atribuído à idade — tudo isso tende a deixar-nos medrosos e reservados, e pouco inclinados a falar com indivíduos sobre as suas relações pessoais com o Senhor. Um sermão é mais fácil que uma conversa. Contudo, esta obrigação é lançada sobre os nossos ombros desde os primeiros momentos da nossa carreira ministerial, e não podemos negligenciá-la sem arriscar a saúde e a felicidade de almas imortais. E como lhe fugimos! Tenho vivida na memória a primeira grande batalha que travei com a tentação logo no começo do meu ministério. Ouvi — de fonte fidedigna — que certo membro da minha igreja estava "abrindo alas para a bebida." Era um homem de alguma posição na igreja e possuía fortuna considerável. Eu já havia pregado mais que um sermão sobre a temperança, mas sempre mensagens gerais, dirigidas à congregação. Agora, meu Mestre me ordenava que levasse a mensagem a um indivíduo e habilmente lhe resistisse face a face, porque se tornara repreensível!

Como eu me retorci sob a comissão! Como a evitei! Como a protelei! Mesmo depois de ter chegado quase à sua porta, relutante embora, hesitei na rua, com a falta de confiança a me retardar ainda mais. Mas, por fim, a coragem sobrepujou o medo, con-

frontei-me com o homem, entreguei-lhe, trêmulo, a minha mensagem e, pela graça de Deus, ele escutou a voz de Deus e foi salvo dum abismo horrível e dum charco de lodo. Cavalheiros, parecia-me que enquanto estivesse pregando meus sermões, jamais encontraria demônio algum; mas, logo que comecei a apresentar os meus sermões aos indivíduos em particular, as ruas começaram a encher-se de demônios, e eu tinha que estar como o homem armado de "O Peregrino" que, "após ter recebido e feito muitas feridas nos que tentavam retê-lo do lado de fora, abriu caminho entre eles todos e apressou-se a entrar no palácio." Entretanto, digo-lhes de novo: "O temor do homem traz insídias."

Mas talvez haja outro motivo porque evitamos estes encargos de cunho individual. Há sempre uma certa secularidade de que freqüentemente se embebem os nossos caracteres e que nos torna um tanto envergonhados de "comentar religião" em particular. O "artigo" parece fora de lugar. Podemos "comentar" política, negócios e desportos, mas a religião parece um intruso que decerto irá causar ressentimento. Os homens aspiram de longe o perfume de "mirra das vestes", mas se vão à sua aproximação. E a secularidade em nossa alma coaduna-se com essa aversão, ficamos enredados no silêncio pecaminoso, e a nossa incumbência solene fica sem cumprimento. Deste modo, o espírito do mundo aninha-se em nossa alma e delimita o âmbito da nossa comissão. O Senhor promulga o decreto, mas a mundaneidade tem permissão de demarcar as suas fronteiras.

Menciono ainda um terceiro motivo pelo qual o ministério em função do indivíduo é cercado .por

tanta relutância e timidez. Há um certo recato que faz que nos retraiamos de qualquer coisa que leve a supor superioridade moral e espiritual. Quando ministramos do púlpito e dali proclamamos os rigorosos mandamentos do Senhor, podemos considerar a proclamação como feita por outra voz que não a nossa e podemos incluir-nos na turbada e conturbada congregação ouvindo os decretos do grande trono branco. Podemos pregar a verdadeira multidão numerando-nos em suas fileiras intimidadas. Mas quando vamos ao indivíduo a servi-lo nas questões da vida superior, não vamos como uma voz apenas, mas como uma encarnação. Não podemos esconder de nós mesmos que vamos não só com o poder da mensagem, mas também na pressuposição de uma conquista. E às vezes a evitamos, a menos que a pressuposição assuma a aparência de presunção e a menos que desejemos parecer contaminados pelo orgulho e pela profissão farisaicos. Tentação deveras sutil. Nasce no meio das delicadas reservas e reticências da humildade verdadeira, mas pode perverter-se até a infidelidade de criminoso opróbrio. Uma coisa é sermos humildes quanto às nossas conquistas espirituais; coisa muito diferente é sermos arrastados a agir como se não tivéssemos nenhum toque do favor celeste e não contáramos com nenhuma riqueza do tesouro da graça. A falsa modéstia nos torna desleais: a verdadeira humildade nos compele a gloriar-nos no Senhor. Esta nos deixa calados quanto a nós mesmos; aquela nos deixa calados quanto ao Senhor.

Talvez haja outras razões — além das mencionadas — pelas quais muitos ministros não têm boa disposição para tratar de religião individualmente. Todavia, por mais completa que seja a explicação,

permanece este fato: Tememos o indivíduo mais que a multidão. Inúmeros ministros, capazes de pescar com a rede, relutam em pescar com o anzol. Mas ir após "uma" ovelha é parte da nossa missão, tão evidentemente como servir "as noventa e nove"; portanto, somos exortados a dominar a relutância e os temores e, com lealdade estável, a transferir o ministério do púlpito para os lares, da grande assembléia para as almas em particular.

Quero agora confessar-lhes a minha convicção de que, nesse empenho de exercer o ministério nos lares, há trágica perda de tempo. Digo-o com franqueza. Não deposito confiança alguma no tipo de ministério que faz o cálculo da obra realizada nas tardes à base do número de campainhas tocadas, do número de ruas percorridas e do número de ilusórias visitas rápidas que podem ser registrados nos livros pastorais. Ligo pouca importância ao serviço que consiste em bater friamente à porta de alguém, dizer com impaciência: "Como vai?", e correr logo para outra porta, transpirando, a repetir o apressado recado. Dou menos valor ainda àquela impetuosa e breve série de palestras em família, nas horas da tarde, as quais palestras só deslizam pela superfície das coisas, jamais logrando a visão daquelas alturas e profundidades estupendas que valem tudo para as almas imortais. "Andando de casa em casa... tagarelas e intrigantes, falando o que não devem." Digo-lhes que esta espécie de ministério, incômodo e cansativo como é, não passa de obra efeminada e opera trágica devastação no tempo de que dispõe o indivíduo másculo. Mas aí também, um plano grandioso, cheio de luz, santificador, claro e bem definido, será a nossa defesa segura contra as puerilidades e contra todo desperdício pecaminoso

de tempo e de energias. Sempre e em toda parte, no púlpito e fora dele, no meio de muita ou de pouca gente, ou a sós com o indivíduo, o ministro fiel se orientará impondo-se este desafio restritivo: "Atrás de que me vou?", e renovará constantemente a sua visão e os seus anseios pela contemplação do alvo apostólico: Apresentar "todo homem perfeito em Cristo".

Não há necessidade alguma de que o ministro seja um fanático justamente porque sem cessar nutre na alma um ideal glorioso. Além disso, será impossível subsistir o pedante piedoso no homem que procura viver na glória da sua "soberana vocação em Cristo Jesus." Um propósito elevado pode prestar serviço por meio de um procedimento mais suave. Pode consagrar os sinos da igreja e tocar um repique festivo, como também pode consagrar os sinos de incêndio e fazer soar o seu forte alarma. Pode buscar os seus fins austeros através de risos bem como através de lágrimas. Na busca do Santo Gral a que se lança, encontra, durante o percurso, muitos dias esplêndidos e alegres. Pode empregar os serviços da finura de espírito e do humor, sem contudo jamais perder de vista a sua finalidade. Quão fielmente isto retrata Spurgeon! Ele era capaz de pescar nos mares mais ensolarados! A sua genialidade era companheira constante da sua piedade, e os seus sorrisos nunca iam longe das suas lágrimas. Ele perseguia um grande objetivo, e um enorme comboio de poderes locomovia-se no seu trem. Tais poderes o acompanhavam em particular e em público, quando estava associado ao indivíduo e quando servia a multidão. Isto também representa fielmente o que se dava com Moody. Ele era um filho da luz, luminosamente humano a serviço do divino, humano

ao máximo porque buscava cada vez mais a glória de Deus. Ele comovia os homens e os ganhava por sua naturalidade. Tinha a capacidade de lançar o anzol através da ação espirituosa e cômica, mas no âmago de toda a sua jocosidade havia um santo lugar onde tudo que fosse comum ou impuro não encontrava morada. Assim, digo eu, o ministro não precisa ser um Stiggins — um melancólico Stiggins — pois que a sua vida é dominada por um propósito elevado e sério. Por outro lado, se a sua vida perder a finalidade santa e bem delineada, mais certo que qualquer outro indivíduo, cairá em realizações efeminadas, em ociosas infantilidades, em conversinhas vazias, em reuniõezinhas destituídas de significado espiritual — com o acréscimo da tragédia de que ele pode vir a dar--se por satisfeito com seu terreno estéril.

Então, quando deixamos o púlpito e, numa santa busca, procuramos alcançar estreita relação com o indivíduo, que podemos fazer por ele? Antes de tudo, podemos levar a uma pessoa *o ministério do ouvir com simpatia.* Os senhores verão que, às vezes, tudo que uma pessoa requer é um audiente simpático. Não é que precisa da nossa fala; precisa dos nossos ouvidos. "Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos." Aflições não repartidas produzem velhice precoce. A aflição de que podemos falar perde um pouco do seu peso. Uma audiência traz, para muita gente, uma simplificação dos seus problemas. Muitas vezes, uma luz singular irrompe sobre nós enquanto revelamos a outrem as nossas lutas. Quando começamos a explanar as nossas dificuldades, freqüentemente as solucionamos. O problema fica embaraçado até o momento em que começa a ser descrito. Os

senhores verão que este princípio opera no púlpito. Enquanto estiverem tentando expor a outros a verdade, os senhores a enxergarão com maior clareza. As coisas ficam mais luminosas enquanto são distribuídas. Tornam-se transparentes na comunhão. As nossas audiências avultam as nossas posses. Ora, muita gente carece de audiências e, portanto, não as tendo, jamais chegam a alcançar as suas próprias riquezas. A nós compete suprir falta de audiências; e o nosso ministério em função do indivíduo consiste muitas vezes exatamente nesta provisão de amizade, no oferecimento de uma oportunidade pela qual uma alma pode "falar" rumo à luz e à liberdade.

Consideremos como tantos temores obsessivos se desvanecem quando tentamos exprimi-los verbalmente. A sua força está na sua indeterminação. Terríveis porque indefinidos. Expressos, são quase sempre banidos. Procuramos dar-lhes expressão, e eles se vão! Um temor assim repartido com outrem é muitas vezes um temor destruído. Quantas e quantas vezes tenho tido esta experiência no meu ministério! Tenho-me sentado a ouvir homens e mulheres enquanto externavam a história de suas penas e temores. Dificilmente uma palavra transpunha os meus lábios. Parecia-me não estar fazendo nada, mas talvez seja em tais serviços que entrem em ação as mais santas energias que jamais tenhamos imaginado. Quem conhece os místicos poderes que operam quando duas almas se unem em relação de profunda simpatia e uma, aparentemente passiva, ouve a narrativa das angústias da outra? Seja como for, muitas vezes fui um participante silencioso em tal tipo de contacto e, não raro, ao me despedir, a alma aflita me dizia: "Não

lhe posso dizer quanto o senhor me ajudou"; e eu podia ver que, pelas misteriosas operações da graça de Deus, ficara leve o fardo e suave o jugo.

Outrossim, o ministro prove o indivíduo de uma audiência, mas não só para exteriorização de problemas, dificuldades e temores, mas também para a transfiguração e enriquecimento da alegria. Pois, a alegria que nunca é repartida para que dela outros participem, nunca amadurece plenamente. A alegria que conta a sua história é como um pássaro engaiolado que se vê no ar ensolarado dos espaços mais amplos. É fortalecida e vitalizada, descobrindo novas forças para canto e encanto. Mais uma vez, a audiência enriquece o cantor pelo simples fato de dar ocasião para cantar. Há pessoas carregadas de experiências relacionadas com a Providência que se tornariam muitíssimo mais ricas se narrassem com simplicidade a história da graça operada em sua vida. "Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias", mas ele seria tanto mais rico logo após ter contado ao seu pastor este capítulo da história daquilo que o Senhor tem feito por sua alma. Fortalecemos a fé a uma pessoa quando lhe damos oportunidade para confissão; enriquecemos-lhe o gozo real quando lhe ouvimos os cânticos entoados no Senhor.

Há, porém, outra face neste ministério individual. Somos enviados por nosso Deus não apenas para a graça fortalecedora do ouvir com simpatia, mas também para *a graça fortalecedora do falar com simpatia.* Que podemos dizer a um homem que defrontamos face a face? O nosso Deus nos inspirará o conselho, se amarmos e buscarmos a Sua glória. Ele apontará os meios, se respeitarmos os

Seus fins. Se eu seguir "a luz" para o meu caminho, Ele guardará "os meus pés." É nos serviços prestados particularmente à alma que a promessa do nosso Senhor tem cumprimento rico e imediato: "Naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer." O nosso discernimento será tornado sensível, a nossa afetividade será mantida simpática, a nossa razão será iluminada, e as nossas palavras funcionarão como chaves que servem nas fechaduras — e a "porta de ferro" das almas se abrirá. Não precisamos preocupar-nos com os pormenores da nossa aproximação ao indivíduo, desde que o nosso propósito dominante seja puro e elevado.

Então, qual há de ser o nosso propósito soberano ao nos locomovermos entre os homens em meio aos quefazeres comuns? O propósito, certamente, deverá relacionar o comum com o divino e levar a visão do santuário para a rua, para o mercado, para os lares. Devemos andar entre os homens ajudando-os a verem a auréola no corriqueiro, a discernirem o fogo sagrado na planta caseira. No templo, os homens freqüentemente estão cônscios dos estímulos de uma atmosfera celeste, mas nas ruas perdem tais inspirações. No templo, muitas vezes alcançam o fulgor do ideal e, não raro, sentem a Sagrada Presença do Senhor nas veredas da oração e do louvor em público, mas o fulgor fenece quando eles tomam contacto com as lides cotidianas, e a noção da Sagrada Presença perde-se no tráfego intenso das vias do comércio. Compete ao nosso ministério auxiliá-los a recuperarem a herança perdida e a conservarem o sentido da comunhão celeste enquanto lutam pelo pão de cada dia. Realizamos obra grandiosa quando sustentamos em

alguém o sentido do Deus vivo no meio de todos os torpores do mundo que endurecem o coração. Às vezes uma palavra basta; às vezes nem isto é necessário. Ian McLaren conta que quando Henry Drummond entrava num recinto, a temperatura parecia sofrer alteração. A aparência e a impressão do tato de todas as coisas ficavam diferentes, e o meio de comunicação se tornava claro e brilhante. Os sentidos espirituais dos homens se cansam, eles perdem as mais sublimes percepções, a orientação da vida torna-se vulgar e profana — e aí pode entrar em ação o nosso ministério pelo vigor da nossa comunhão com eles, independentemente do que falamos, podemos "refrescá-los" e restaurá-los às santas bem-aventuranças perdidas. Quem sabe encontremos um homem de negócio vivendo como se a vida consistisse apenas em uma planície triste e monótona, e nós possamos "refrescá-lo", levando-o a recobrar a visão dos "montes de Deus." Também faz parte da nossa missão restabelecer a luz divina não somente sobre o trabalho diário, mas também sobre as tristezas comuns' que com tanta freqüência surgem sombrias e hostis. Este aspecto do ministério é deveras belo, um dos mais graciosos privilégios confiados às nossas mãos. Temos que ir aonde a nuvem é baixa, negra, ameaçadora, e tratar de revelar o seu forro de prata. Temos que descobrir "nascentes em terra sedenta." Temos que descobrir as flores da misericórdia divina, as não-te-esqueças da graça do céu florescendo nas estradas mais difíceis e cheias de sulcos. Temos que ir aos lares onde reina a tristeza e ali prestar o meigo serviço de mostrar que Jesus reina. Temos que encontrar a "Igreja no deserto." Os senhores terão em alta estima este privilégio deveras precioso, e o estimarão cada vez mais conforme corram os anos. Os senhores

terão sono bom e tranqüilo nos dias em que tiverem alumiado o caminho do triste, quando tiverem mostrado o esplendor divino pousando no barro, e quando o coração temeroso e ferido estiver tranqüilizado, na certeza de que Deus está perto.

Certa vez, a minha presença foi solicitada na casa de um sapateiro numa cidadezinha a beira-mar, na parte norte da Inglaterra. Ele trabalhava sozinho num verdadeiro cubículo. Indaguei-lhe se alguma vez não se sentira deprimido pelo aprisionamento em seu pequenino compartimento. "Oh, não", respondeu, "se algum sentimento desta espécie ameaça aparecer, abro logo esta porta!" — E logo abriu uma porta que se comunicava com outra sala que lhe oferecia gloriosa vista do mar! A sala diminuta era glorificada pelas vastidões com que estava relacionada. Dali vinha para a banca do sapateiro a inspiração do infinito. Realmente, cavalheiros, creio que isto expressa o conceito que tenho do nosso ministério quando encontramos homens e mulheres no seu cantinho diário. Temos que abrir a porta para a entrada da inspiração do Infinito! Deve ser nosso intento relacionar habilmente as coisas todas com Deus — o trabalho mais humilde, o dever mais repudiado, a tarefa em que há ferimentos de espinhos, o desapontamento sombrio, a negra aflição — temos que abrir a porta e fazer entrar a luz dos desígnios infinitos e as cálidas inspirações do amor eterno. Pode acontecer, às vezes, que a abertura da porta assuste e atemorize o indivíduo, em vez de aliviá-lo e confortá-lo. Pode ser que ele deliberadamente a mantenha fechada e, em conforto pecaminoso, esteja vivendo sem pensar em Deus. Bem, neste caso, não devemos esquivar-nos da nossa obrigação. Devemos abrir a porta, gentis mas firmes, ainda que a luz ofus-

que como o relâmpago e o homem se encha de ira presentânea. A ira passará e o mais provável é que se transforme em gratidão e, recuperada a visão de Deus, o indivíduo recuperará a si próprio bem como a todas as riquezas e poderes da sua arruinada propriedade. Pois assim diz o Senhor: "A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois ou virá a palavra da minha boca, e lha anunciará da minha parte. Se eu disser ao ímpio: ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para desviar o ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniqüidade, mas o seu sangue eu o demandarei da tua mão. Mas quando tu tiveres falado para desviar o ímpio do seu caminho, para que se converta dele, e ele se não converter do seu caminho, ele morrerá na sua iniqüidade, mas tu livraste a tua alma."

Ninguém vá pensar agora que este ministério de ação individual é, da nossa parte, puro dispêndio sem qualquer retorno correspondente. A recompensa pessoal nessa espécie de labor é farta. Em primeiro lugar, descobrimos como são extraordinariamente copiosas as variedades da experiência humana. O caleidoscópio das circunstâncias toma formas e normas com que nunca sonhamos. E veremos que, mudada a classe das circunstâncias, alteram-se as condições de guerra, de modo que, embora a batalha geral da vida seja uma e a mesma para todos nós, os combates individuais nunca são semelhantes. Cada vida tem o seu campo de lutas peculiar, no qual descobriremos condições de guerra que nunca experimentamos. E então, em segundo lugar, através dessa variegada multiplicidade das necessidades humanas, nós apreenderemos de modo mais esplêndido a plenitude

e a glória dos recursos da graça de que dispomos. Somos tentados bastante a interpretar a nossa própria individualidade como representando o tipo comum e a expressar a nossa mensagem por intermédio das nossas circunstâncias peculiares. O que vemos é a vida de um ministro, os perigos de um ministro, os conflitos de um ministro — e estas condições muito freqüentemente regulam a montagem dos nossos sermões, resultando que as demais pessoas sentem-se como se vivessem noutro mundo assaz diverso; e os nossos conselhos e admoestações parecem descabidos. O ministério em função do indivíduo descobre a individualidade doutros, a vida se divide em vidas, cada qual com seu feitio e, quando aplicamos às necessidades diversas a graça comum, o nosso conceito de graça amplia-se imensuràvelmente, sendo o mesmo "o Senhor de todos, rico para com todos os que O invocam."

Pois bem, para este ministério em função do indivíduo, o mero conhecimento livresco é de pouca ou nenhuma utilidade. O nosso conhecimento tem que ser pessoal, experimental, prático e imediato. Necessitamos do conhecimento experimental de Deus. Tem que haver algo sólido e satisfatório. *Temos que saber alguma coisa,* alguma coisa a respeito de que possamos ser dogmáticos, a respeito de que possamos falar empregando palavras e tons que indiquem certeza. "Eu senti"; "Eu vi"; "Sei em quem tenho crio e estou certo." — É mister que seja esta a firme e confirmadora segurança a trasbordar em nossa confissão da graça e do amor de Deus. E ao conhecimento experimental de Deus, acrescente-se o conhecimento experimental dos caminhos do Rei. Se a Magnânimo cabe guiar os peregrinos da Cidade da Destruição até a Cidade Celestial, é preciso que

ele conheça o caminho, é preciso que seja sagaz o bastante para reconhecer os atalhos convidativos e perigosos que não passam de floridos caminhos para a destruição. E para isso tudo, precisamos de um conhecimento inteligente e experimental das misteriosas operações do nosso coração, das nossas inclinações e aversões, e de como o inimigo vence ou é vencido em nossa alma. Apesar disso tudo, em nosso ministério a bem do indivíduo, encontraremos problemas para os quais não temos solução. Ser-nos-ão dirigidas perguntas para as quais não possuímos chaves. Como então? Não há nada mais pernicioso para o ministro e sua grei que arrogar-se ele conhecimentos e convicções que não possui. Desencorajamos as nossas ovelhas quando falamos ligeira e aèreamente de culminâncias que jamais escalamos, e quando nos movimentamos simulando estar familiarizados com regiões onde não temos luz nenhuma. O melhor auxílio que podemos oferecer a certas pessoas é dizer-lhes que participamos da sua dúvida e do seu temor, e que a porta a que estamos batendo nunca se nos abriu. Façamo-los sentirem que lhes estamos unidos na incerteza quando a incerteza reina, e não tenhamos a pretensão de anunciar um dia sem nuvens quando somente se vislumbram indecisos raios de uma aurora incerta. Em nosso ministério, agimos de modo nocivo quando professamos experiências que para nós e para os outros estão na região dos sonhos fascinantes. Quando os senhores estiverem seguros, falem com fé, "em nada duvidando"; quando estiverem inseguros, quando a luz for dúbia ainda, falem como quem está aguardando o raiar do dia — "Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos"; e, quanto às coisas que ignoramos, a atitude mais sábia que o

ministro pode tomar é a de confessar-se ignorante e esperar, tranqüilo e esperançoso, que se desvendem oportunamente.

Em tudo quanto lhes disse nesta preleção, suponho que nas suas relações pessoais com os homens, os senhores agirão como "o amigo do Noivo." Haverão de estar envolvidos em Seus mais santos interesses, procurando ganhar almas para o Senhor e prestar serviços às santas relações que unem o Noivo e a noiva. Esta incumbência é nossa e, portanto, temos que estar atentos sempre, pois do contrário nossa atitude ou disposição dará falsa impressão do Noivo afugentando a noiva em perspectiva. É preciso que sejamos vigilantemente cuidadosos, senão, a impressão que imprimirmos do púlpito se apagará assim que entremos nos lares. "Chocarrices, coisas essas inconvenientes", não demonstram amizade ao Noivo. Atitudes espirituais são deveras ternas, tão ternas e delicadas como os sinais primeiros do primeiro amor. Pode-se pensar em algo mais belo que o amor de uma menina, amor recém-nascido em sua alma, amor que ela procura ocultar quase de si mesma até que, cheia do mais intenso pudor, evita expressar? Só conheço uma coisa mais bela — a primeira atitude da alma quando sente os primeiros impulsos de amor pelo Senhor. Sim, "o despertar da alma" é mais belo ainda. E este amor votado ao Noivo pode ser reprimido e ferido pelo amigo do Noivo: ele pode transformar tal visão em fantasias e pode perverter a sua paixão nascente fazendo dela um sonho transitório. Mas por outro lado, pela graça e cortesia cristã, e pelo poder que nos vem de Deus, ele pode fortalecer os "desejos do coração" de uma amorosa pretendente, até que a alma, requestada pela mensagem e estimulada pela

vida do amigo do Noivo, torne-se a esposa daquele que "traz a bandeira entre dez mil" e que "é totalmente desejável."

Encerro esta preleção dando o meu testemunho pessoal do bem espiritual que tem sobrevindo aos meus passos através do ministério em favor dos enfermos e turbados, e dos que jazem cansados e feridos no caminho. Durante o percurso inteiro, esse ministério tem avivado e aprofundado a minha comunhão com Deus. Logo após haver entrado no ministério, fui chamado a visitar o presbítero mais velho da minha igreja, mortalmente enfermo. Fora ele um vulto augusto e nobre entre nós, uma espécie de graça e cortesia antiga a refletir-lhe a força e a dignidade da alma. Fora um grande amigo do Mestre, e de maneira grandiosa. Eu o vi duas ou três vezes antes da sua morte, quando era já sabido que o fim poderia chegar a qualquer momento, e notei que ele se deleitava com o "Pickwick Papers", de Dickens! Devo ter feito alguma alusão a isto e ele respondeu simplesmente que sempre havia gostado de Pickwick (') e que ele não sofreria vexame algum se, quando o Senhor viesse, o achasse brincando com tal humorismo inocente. Não sei que auxílio pude prestar-lhe, mas sei que ele me deu uma concepção amplamente humana de piedade amadurecida que enriqueceu todo o meu modo de entender os frutos do Espírito Santo. Certo dia, há bem pouco tempo, no meu campo ministerial, fui ver um homem que sofria de câncer na garganta. Periodicamente eu me associava a ele, e jamais uma palavra de queixa saiu dos seus lábios. A moléstia o foi dominando mais e mais, a sua voz reduziu-se a um sussurro, e por fim se extinguiu a capacidade de falar. Na primeira vez

em que o vi após ter ficado mudo, tomou um pedaço de papel e escreveu estas palavras: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios." Outra vez digo. que não sei que auxílio lhe prestei, mas sei que ele me outorgou a visão concreta, de mais alto alcance, das possibilidades humanas, da vitória austera e esplêndida forjada pelo poder da graça divina.

Estes dois incidentes são colhidos dos primeiros e dos derradeiros dias dos últimos vinte anos e são típicos da incontável sucessão de experiências que verteram muitos bens no meu tesouro, enriquecendo o meu patrimônio de fé, esperança e amor. E isto constará também do venturoso registro que os senhores hão de fazer dos seus labores. Enquanto estiverem dando, receberão. Enquanto estiverem aconselhando, alcançarão mais luz. Enquanto estiverem carregando o fardo alheio, sentirão aliviado o próprio fardo. Pois também nisto prevalece a Palavra do Senhor: "Quem acha a sua vida, perdê-la--á; quem todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á."

O PREGADOR COMO HOMEM DE NEGÓCIO

Sétima preleção

"Semelhante a um negociante."

No curso destas preleções temos considerado a vida e o ministério do pregador em muitas e variadas relações — no gabinete, no púlpito, nos lares — e temos procurado tornar palpável, em todas essas variegadas condições, a linha de propósito e de obrigação. Consideraremos hoje um tipo de relações completamente diferentes que talvez não sejam tão vividas, essenciais e momentosas quanto às outras, mas que, todavia, influem seriamente nos frutos das outras, ora retardando-os, ora adiantando-os indevidamente. Devo falar-lhes sobre o Pregador como homem de negócio, como aquele que se reúne com outros homens e consulta com eles sobre a administração dos negócios da igreja. E me aventuro a seguir a orientação e a idéia do Mestre quando Ele disse que o Reino dos Céus é também semelhante a um negociante." Isto é, o nosso Mestre ordena, torna apropriadas e santifica as inclinações e aptidões para negócios, no ministério do reino. Talentos e habilidades utilizados nos negócios do mundo, devem ser utilizados nos interesses dos "negócios do Pai" nosso. "Os filhos do mundo" não devem ser mais sábios que "os filhos da luz." Não devemos julgar como "ferro velho" os dons para negócios e contar com alguma influência misteriosa que opere sem eles. Temos que ser vigilantes, pontuais, em-

preendedores, decididos, submetendo todos os nossos sentidos à obra e, notadamente, o sentido principal, aquele que torna todos os outros eficientes — o poder do senso comum. Como negociantes, devemos ter sobriedade, sanidade integral, raciocínio vivo mas frio, sendo espertos mas não apressados, entusiastas mas prudentes, tratando dos negócios do Rei como negócios mesmo.

Pois bem, acho que os senhores verão que é uma confissão bastante comum esta, que é exatamente nisto que muitos pregadores fracassam. Podem ser aceitáveis e até poderosos no púlpito. Podem ser agradáveis e bem recebidos nos lares. Mas são impossíveis quando tratam de negócios. Ninguém os agüenta. Não têm noção do que seja administrar ou gerir. São inoportunos quando se julgam oportunos, insensatos quando se julgam persistentes. As suas "mercadorias' podem ser admiráveis, mas lhes falta capacidade para comerciar com elas. Saem-se bem no púlpito, mas não têm força na Sala do Conselho. São capazes de "carregar" a congregação e incapazes de dirigir a Junta Diaconal ou o Conselho. Alcançam êxito como pregadores, mas fracassam como negociantes.

Esta falta de habilidade comercial às vezes se relaciona com a ausência de requisitos mais profundos de que deriva, razão porque desejo considerar com os senhores, dois ou três exemplos de coisas das quais depende a nossa verdadeira aptidão comercial. Então, antes de tudo, devo dizer que o requisito principal, se pretendemos lograr êxito como homens de negócio, é que sejamos *homens.* Há algum tempo apareceu numa revista americana um artigo intitulado: "Será que o pregador é um

maricás?" A certa altura do artigo, o autor faz a seguinte asserção: "Entre os fortes, resolutos e viris homens de negócio, bem como entre os jogadores de futebol e de basebol, há uma espécie de crença ou sentimento de que todos os pregadores pertencem, até certo ponto, à classe dos maricás." Pois bem, entendo que maricás é o indivíduo a quem falta resolução, energia ou varonil ousadia, e que o termo é usado como zombaria ou desprezo — e o meu receio é que ele expresse o conceito que se tem do pregador cristão que deve muitos favores aos homens do mundo. É claro que eu sei que o homem do mundo está sempre inclinado a considerar tudo que enxerga além do seu âmbito material como efeminado, e de modo nenhum a sua opinião estabelece o padrão final da vida pujante e sadia. Contudo, devemos dar atenção à sua opinião e ponderá-la bem, ainda que por fim a rejeitemos como praticamente indigna. Se houver alguma verdade no conceito de que ao pregador faltam os elementos da verdadeira varonilidade, o nosso dever é observá-la a fim de que não demos mais ocasião para tal juízo. Precisamos de mais ferro *no* sangue, mais visão nos ideais, mais vigor nos propósitos, mais sacrifício no serviço, mais tenacidade na vontade. Precisamos safar-nos de tudo que é mole, frouxo, tíbio e letárgico, e manifestar aos homens aquela combinação de firmeza e bondade que é o fruto da mais bela religiosidade e a característica da verdadeira virilidade. No que diz respeito à visão, a vida do pregador deverá tocar as raias do romântico; no que diz respeito ao labor, deverá tocar as raias do heróico; e em todo o seu contacto com os homens, estes devem ser compelidos a sentir que o pregador é dono de vigor resoluto e saudável a atestar claramente que ele achou a fonte da vitalidade e que

ele bebe do "rio da água da vida." O certo é que jamais seremos negociantes vitoriosos se não formos, antes de mais nada, homens.

Uma segunda necessidade, para que sejamos competentes homens de negócio, é um competente conhecimento dos homens. Os oficiais, companheiros nossos no governo da igreja, não devem ser comparados a bolas de bilhar, vazias de personalidade, tendo precisamente o mesmo peso, rolando precisamente do mesmo jeito e, dada a sua constituição, compelidas a um mesmo movimento per princípios precisamente iguais. Quando lidamos com pessoas, quanto mais longe estivermos da idéia de uma bola de bilhar, melhor será para o progresso das questões em foco. Temos que estudar os homens, temos que conhecer as suas divergências e convergências a fim de sabermos quais os diferentes motivos que poderão ser encaminhados a produzir um movimento conjunto. Os senhores ficarão surpreendidos ao perceberem quantos tipos de caráter há dentro do círculo de um Conselho ou de uma Junta Diaconal. Há os ativos, rápidos na visão e na opinião, que vêem o alvo e saltam logo para a decisão. Há os de entendimento lerdo, que seguem os demais como um caminhão carregado, no rasto de um automóvel, chegando à percepção clara após estádios obscuros, primeiro vendo "os homens... como árvores... andando", perturbados por dúvidas e vacilações. Os senhores terão que lidar com homens assim, e é preciso que saibam quando eles estão ainda no estádio do "andar de árvore" para que os não façam correr por um caminho ainda um tanto escuro. Prosseguindo, há os homens geniais, cujas disposições são confluentes e conciliáveis como um fluido fervente pronto para qualquer fôrma. Há

também os irredutíveis, os rígidos, com disposições raramente flexíveis, e que se sentem feridos e ficam ressentidos se são inoportunamente comprimidos em alguma fôrma recém-moldada. A coisa mais certa é os senhores encontrarem tais homens, e constitui arte e ciência da mais fina compreensão humana e do mais excelente ministério abrandar-lhes a rigidez sem que o saibam quase, e encaminhar o seu espírito livre para o modificado padrão de um novo dia. Ainda há os anciãos, cujo valor está nos anos vividos, retrospectivos eles, muitas vezes achando a sua "idade de ouro" nos dias já passados, nos "dias que foram", sendo as suas almas inclinadas ao conservadorismo e a velhos convencionalismos. E há os mais jovens, para os quais, o que importa é viver "os dias que têm pela frente", eletrizados por idealismos radiosos, alimentando-se de expectativas ao invés de recordações, inclinados a tomar os atalhos mais curtos para depressa atingirem os fins colunados, e a usar processos radicais para afastar tudo que lhes obstrua o caminho. É bem provável que os senhores encontrem todos estes tipos singularmente variados dentro da entidade que governa a sua igreja, e são eles os seus co-laboradores nos negócios da Igreja. A cooperação deles é necessária para o bom desenvolvimento dos setores administrativos, e o ministro é a única pessoa a quem cabe tornar a cooperação possível e eficaz. Alguns oficiais estão equipados de olhos, outros de mãos. Uns trazem as asas da comunhão, outros só podem oferecer os pés. Há o artista e o artesão, o arquiteto e o construtor, o homem prático e o sonhador de sonhos. Que havemos de fazer com eles todos se não tivermos algum conhecimento dos homens? Sem esse conhecimento, podemos ter energia, mas falharemos como guias; podemos ter

arrojo, mas nos faltará coragem; talvez tenhamos abundância de boas experiências eventuais, mas haverá pouco avanço real; talvez haja progresso aparente, mas haverá também repressões e relutâncias que esfriarão a alma do progresso.

Como há de ser adquirido tal conhecimento? Deverá ser adquirido principalmente pela cultura geral e pelo aperfeiçoamento do nosso caráter. Mesmo a "comunhão dos santos" não deve ser deixada a cargo do acaso indolente ou às invenções do capricho. A comunhão proveitosa é o prêmio do cultivo; os sublimes elementos da concórdia entre os homens são as excelentes manifestações dos persistentes processos da disciplina moral. Não chegaremos a conhecer os homens sem "tomar dores", o que é apenas outro modo de dizer que todo conhecimento valioso é alcançado no fim de uma estrada penosa. Se queremos conhecer os homens, temos que disciplinar os nossos poderes de discernimento. Temos que levantar os olhos para além do círculo do nosso Ego e dirigi-los aos fatores que se movem no círculo de outrem. "Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros." Isto, já de si mesmo, é um exercício bastante útil, bom para se reconhecer que existem outros campos cujos contornos e traços diferem dos nossos. Então, disciplinado o discernimento, precisamos disciplinar a imaginação. O discernimento comum pode fornecer-nos da configuração externa do campo alheio, mas somente uma excelente imaginação nos capacitará a interpretá-la. Estou usando a palavra "imaginação" no sentido de simpatia esclarecida, o poder de entrar na pele doutra pessoa, de olhar através das suas janelas e de obter a sua perspectiva do mundo. Re-

firo-me ao poder pelo qual um homem pode identificar-se com outro e perceber-lhe o sentimento geral e o modo como aprecia as coisas com que lidamos. Isto não é fácil, de modo algum; se alguém pensa que é fácil é porque decerto não dominou ainda a arte poderosa e graciosa. Havendo eu estudado biografias e autobiografias, não conheço ninguém que tenha tido tal dom em maior medida que Frederick Robertson de Brighton. Ele conhecia os homens de maneira surpreendente e, mesmo quando as opiniões e convicções deles diferiam quase imensuràvelmente das dele, fazia laboriosos esforços para compreender-lhes as posições e apreciar-lhes o valor e significação. Em conseqüência, o que se nota nele é uma bela catolicidade na mente, um nobre companheirismo nas atitudes, agindo ele com inteligente e simpático discernimento daqueles com cujas conclusões não compartilhava. Mas isso tudo .— afirmo — não é conquista fácil; é fruto de cultivo perseverante; e se os senhores e eu temos que ser guias sábios e poderosos de homens cujo tipo mental e cujas normas emocionais variam tanto, precisamos sujeitar-nos à mesma disciplina serena e séria, precisamos sujeitar-lhes a personalidade com simpatia e imaginação, precisamos compreender-lhes os pontos de vista peculiares.

Ora, a disciplina dessa espécie, o treino do discernimento e da imaginação simpática, far-nos-á homens de tato, o que constitui inestimável posse. Às vezes ouço dizer que se uma pessoa não possui tato por natureza, nunca o virá a ter por aquisição; que é sempre inato e jamais uma realização. Não o creio. Não atribuo tão fatal e cabal soberania ao impulso da hereditariedade. A minha crença é que quando Deus

outorga a Sua boa graça, todas as boas graças estão incluídas na dádiva, e que estas, pelo indispensável cuidado e cultivo, podem envolver com toda aquela regularidade e certeza características da produção de flores e frutos. Eu acredito que gente grosseira pode ganhar tino, que indivíduos rudes e brutos podem tornar-se afáveis e polidos, e que os impassíveis e irrefletidos podem tornar-se ponderados e devotados. Para a nossa falta de tato não há desculpa e, mesmo que a nossa falta de tato seja motivada pelo temperamento, o nosso dever urgente é modificá-lo mediante o ministério da disciplina e da graça.

Mas que problemas e desastres a ausência de tato está causando no seio do ministério evangélico nas igrejas! Fico aterrado com os relatos que ouço referentes a desatinos quase incríveis pela revelação que fazem da ignorância infantil dos homens neles envolvidos. Conheço igrejas em que a vida espiritual esmoreceu e os empreendimentos espirituais foram arruinados pela falta de tato dos ministros na maneira de lidar com homens que podiam levar os seus desejos e planos à concretização. Tais ministros tratam os oficiais, seus companheiros, como se foram títeres e, (vejam!) os títeres provam--se vivos, possuidores de personalidades bem marcantes e vivazes, e o resultado são discórdias e lutas. Portanto, eu os concito, com todas as veras da alma, a que analisem e conheçam os seus colaboradores; procurem conhecê-los por meio da imaginação dedicada e simpática, e os tenham em alta e respeitosa consideração. Assim, os senhores virão a possuir tato, aquela agudeza de sentidos que apreende as águas ocultas da vida mais esquiva e mais reclusa. Contudo, isto ainda não é suficiente. Uma vez que o

nosso aparelhamento para a obtenção do conhecimento dos homens deve ser ao menos razoavelmente completo ,temos que excitar um cordial senso de humor por cuja luz benevolente seremos libertos de piedosas estupidezes e daquela mentalidade grotesca que vê tragédia na comédia, grifos em asnos e montanhas em monturos. Cavalheiros, temos necessidade de conhecer os homens, e quando os nossos companheiros percebem que os conhecemos, consideramos e respeitamos, estejam absolutamente seguros de que temos posto a chave certa na fechadura que lhes abre o mais recôndito portal.

Tenho mais uma palavra a dizer-lhes sobre as nossas relações com aqueles com quem temos de colaborar na administração dos negócios da Igreja. Tomem o cuidado de exaltar-lhes a grandiosa e nobre dignidade do ofício. Cerquem-no de reverência e devota consideração. Façam cada homem sentir que jamais lhe virá ao encontro honra maior que a honra de ser designado para servir na Igreja do Senhor. Livrem o ofício de degenerar em mera distinção social. Elevem-no à condição de solene e santo privilégio no Senhor. Nunca deixem um indivíduo assumir um ofício sem ter oportunidade de contemplar e admirar a sua "soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." Façam-no levantar os olhos para os montes! Conversem com ele sobre isso. Escrevam-lhe sobre isso. E após ter ele entrado no ofício, mesmo que já tenha passado anos no exercício do cargo, procurem intimidade com ele periodicamente a fim de lhe renovar o senso da sagrada honra e da responsabilidade da sua vocação. Verão que ele receberá bem tal iniciativa, que lhes será agradecido e que tomará atitude

condizente, correspondendo--lhes à expectativa. E nunca permitam qualquer apoio dado ao divórcio dos negócios seculares e espirituais da igreja, como se aquele que trabalha na administração dos negócios temporais esteja aplicado à missão menos sagrada que aquele que labora no serviço do culto e da comunhão. Exaltem-nos a ambos igualmente; imprimam-lhes o mesmo selo de santidade; e induzam o "porteiro da casa do nosso Deus" a sentir que o seu ofício é tão sagrado como o ofício daquele que acende as candeias do altar e como o daquele que ergue intercessões no lugar santo. E não se esqueçam disto: a atmosfera e o espírito com que cada ocupação é empreendida determinam a verdadeira qualidade e o real valor da ocupação. Não esqueçam também isto: no grupo de oficiais da igreja, o principal criador da atmosfera ambiente é o ministro, e, portanto, se ele é mesquinho, grosseiro, impaciente, irritável e obstinado, produz condições em que toda sorte de mesquinharia brota e enflora; mas se tem mente larga, liberalidade, paciência, domínio próprio, ele cria condições e disposições ambientes favoráveis, em que as realidades grandiosas respiram com facilidade, e os propósitos generosos encontram ali hospitalidade congenial e apoio.

Desejo agora oferecer-lhes uns poucos princípios gerais sobre a administração dos negócios que os senhores farão bem em seguir no ministério. O primeiro é este: *Jamais se atirem p, realizações contando só com pequenas maiorias.* Nunca dê um passo importante na vida da igreja se uma grande minoria se opõe aos seus projetos. Herdei este princípio do Dr. Dale, e tenho procurado respeitá-lo firmemente através dos anos do meu ministério. A

Junta Diaconal da igreja pastoreada pelo Dr. Dale tinha discutido algumas novas propostas quando se soube que certa minoria dos diáconos se lhes opunha; as propostas foram deixadas sobre a mesa e nenhuma foi posta em execução. Os senhores talvez lamentem a perda de tempo, as freqüentes e irritantes procrastinações! De fato, mas lembremos que quando a Junta Diaconal da igreja, do Dr. Dale agiu daquele modo, fê-lo com algum objetivo, com inquebrantável solidez e sem nenhuma hesitação embaraçosa em suas fileiras. Não houvera atitudes dúbias — os pés avançando e os olhos voltados para a retaguarda, vacilantes. Sua ação foi esclarecida, esperançosa e irresistível. Uma pequena minoria apática e não convicta pode lançar gelo ao coração do melhor empreendimento. Pois os senhores sabem o que acontece com os homens. Quando são simplesmente derrotados na votação e compelidos a agir contra as suas opiniões, comumente tem início o processo de justificação própria que vorazmente busca evidências que confirmem a sua posição. "Ele, porém, querendo justificar-se." Esta sutil tentativa governa o nosso comportamento mesmo além da nossa percepção disto. Gostamos de sustentar as nossas conclusões pessoais mesmo quando já tenha sido iniciada alguma ação contrária, e sentimos no íntimo grande prazer quando acontece alguma coisa que ponha a perder a iniciativa que não aprovamos, ou que de algum modo impeça os resultados esperados. Não percebemos que talvez um dos fatores que tornam estagnado e desapontador um empreendimento, seja a nossa relutância cheia de revolta e desconfiança. Colocamo-nos na posição de simples espectadores, observando os outros enquanto agem, mas, na realidade, tomando essa atitude, estamos sendo agentes muito ocupados, "querendo",

sequiosos, "justificar" o nosso modo de pensar e de agir, atrapalhando com isso aqueles que iniciaram um movimento contrário à nossa opinião. Assim, aconselho-os a não se lançarem a movimentos tendo o apoio de maiorias diminutas. É muito melhor esperar que tentar o apressamento de algum novo mecanismo contando só com água morna. Esperem por mais entusiasmo; esperem e orem pela unanimidade decorrente de poderosa devoção. É verdade preeminente em questões relacionadas com a administração eclesiástica que é preciso haver luz antes de haver calor, que é preciso haver convicção antes de haver consagração resoluta, que é preciso haver razões esclarecidas antes de haver vontades vigorosas e frutíferas. Conheço igrejas arruinadas pela negligência deste princípio. Iniciativas grandiosas foram tomadas sem que houvesse união profunda, e movimentos imaturos deixaram atrás de si remanescentes inconvictos e irritados que não queriam marchar como aliados e cuja posição dificilmente poderia imbuí-los do salutar espírito amigável. Em todos estes pontos, talvez não tomemos atitude melhor que a de abraçar como ideal a condição retratada num texto oculto e mal conhecido do Livro de Crônicas, onde um exército forte e vitorioso é descrito como saindo "para a batalha, cinqüenta mil, hábeis na guerra, que defenderiam as fileiras; eles não eram de coração dobre" (*). Sempre achei que um ministro que dispõe de uma Junta Diaconal e de um Conselho em que haja sólida união e simpatia, pode fazer quase tudo!

O segundo princípio útil para uma boa administração que lhes aconselho é o seguinte: *Evitem a atitude notória e vã de sempre querer novidades.* Há indivíduos que têm novos planos para os ofícios da

sua igreja em quase todas as suas reuniões. Plano após plano são idealizados e elaborados, cada qual eliminando a significação do anterior, a ponto de, na multidão de projetos, nada ser levado a cabo. Os oficiais estão constantemente passando o tempo, não sob a inspiração proveniente de sábia visão e ação, mas no soporífero exercício de sonhar sonhos. Às vezes penso que seria útil — sempre surpreendente e talvez humilhante — se uma comissão competente e vigilante fosse nomeada eventualmente para fazer um exame completo do livro de atas da igreja, com o fim de exumar todas as resoluções que nasceram mortas, tudo que tivera vida independente mas que não recebeu boa oportunidade para crescimento, e tudo que, por qualquer má sorte, foi esquecido e morreu de pura inanição e abandono. O relatório de tal comissão constituiria provisão de assunto para uma das mais significativas e importantes reuniões! Isto poderia ser feito uma vez cada lustro, ou mesmo com mais freqüência onde o índice de mortalidade é anormalmente alto, onde os projetos e planos morrem quase tão logo nascem. Poderia ser convocada uma reunião para desenterrar e examinar as resoluções jamais postas em execução, as deliberações que jamais frutificaram os programas que tanto prometiam e desfaleceram, dos quais ninguém sabia sequer a hora do sepultamento! Seria uma reunião deveras sombria e melancólica. Seria como passar uma hora num cemitério. Mas estou certo de que a experiência não deixaria de ser proveitosa e poderíamos perceber a loucura que é estar continuamente dando origem a programas simplesmente para enterrá-los, a loucura de multiplicar os membros de uma família de planos e esquemas que logo em seguida afundam nos seus túmulos.

Desde que sejamos negociantes competentes para a administração dos negócios da Igreja, limitaremos os nossos programas e os executaremos até o último grama das nossas energias. Não desperdiçaremos nem dissiparemos as nossas forças em vinte excursões de reconhecimento de terrenos, e sim as empregaremos na escavação de uma ou duas minas, lavrando-as com nobres e persistentes explorações. Disto é que precisamos no ministério — homens que se concentrem em uma ou duas minas prometedoras e, semana após semana, extraiam o precioso minério. Se o púlpito é a sua mina, não brinquem com ele; lavrem-no dia e noite. Se a Escola Dominical é a sua mina, aprofundem-lhe os poços mais e mais, ponham à vista novos filões e veios do tesouro e façam a mina justificar-se abundantemente por seus produtos. Seja qual for a sua mina, empreguem todas as forças nela. Sou crente ardoroso na eficácia do emprego de bem poucos planos, mas provados ao máximo; creio em mui poucas minas, mas exploradas em tudo quanto elas possuam de valor. A vida hodierna tenta fazer-nos dispersivos. Somos tentados a colocar ferros demais na forja e a não bater nenhum o bastante para que alcance a "forma e o uso" finais. Cavalheiros, tenham poucos planos de ação, bem delineados e bem equilibrados. Não se percam em sonhos. Ponham as mãos em poucas coisas, mantenham-se-lhes seguros, tão inexoráveis como a morte, e façam-nas pagar tributo diário ao Senhor seu Deus. Dominem alguma coisa. Acabem algum empreendimento, ou sejam encontrados trabalhando nele quando promovidos pelo Senhor a um serviço mais elevado. Este foi o método seguido pelo Mestre. "Consumei a obra que Tu Me deste a fazer." (). Ele "voltou Seu *rosto"*

firmemente para ,a Obra, nada o afastou dela, e a concluiu. "Tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até o fim." Sua afeição, tendo em mira o Seu objetivo sublime, continuou a prestar os seus serviços com tenaz e imorredoura perseverança, não fenecendo jamais! Também este foi o método que Paulo seguiu. "Uma cousa faço!" A vida e a obra do apóstolo foram reguladas por uma gloriosa concentração, prosseguindo na sua trilha como um cão de caça que encontrasse a pista. Sigam o seu inspirado exemplo. Não fiquem com perpétua comichão por inovações. Não se metam a mudar o terreno constantemente. "Conserva o que tens", segurem-no com firmeza, e "a perseverança tenha ação completa."

Ofereço-lhes um terceiro princípio para sua orientação nas atividades administrativas da Igreja. *Jamais confundam o aumento da organização com a ampliação e o enriquecimento da obra.* Não se iludam pensando que estão fazendo serviço quando somente se preparam para fazê-lo. É bem possível desenvolver e aperfeiçoar a nossa maquinaria sem aumentar a produção. Podemos ter muito mecanismo e pouca ou nenhuma vida. Este é um dos enormes perigos atuais, e os ministros da Igreja de Cristo estão peculiarmente expostos a ele. Organizamos, organizamos e organizamos! Suponho que nunca houve tempo em que a organização fosse tão abundante como hoje em dia. Pode-se-lhe ouvir o ruído dos ossos unindo-se. Podem-se ouvir os movimentos da sua junção combinada. Nunca foi demonstrada tal habilidade na obra de incorporação. Ossos juntam-se a ossos, acrescentando-se-lhes a força dos músculos e nervos bem como a graciosidade da carne e da pele. Eis, porém, a questão vital: Trata-se apenas de

uma engenhosa manufatura ou de uma criação inspirada? O produto vive — vive, quero dizer, com a vida de Deus? Eu sei que grande parte da organização é vibrante de vida santa e realizadora e que os seus movimentos benéficos estão cheios do sopro divino. Entretanto, quão grande parte das nossas organizações não passa de um cadáver articulado! Não carrega fardo nenhum; pelo contrário, é um fardo a ser suportado. É um organização, mas não um organismo! Não tem alma no cerne, não tem vida nem fôlego. Fica aquém do vital, do inspirador, do divino. Tem tudo, menos Deus!

Acho que o de que este mundo velho está precisando na hora presente, não é tanto do incremento da organização, e sim do batismo do Espírito Santo. Temos pilhas de organizações, mas jazem tombadas no chão — sociedade de mortos. Temos organização suficiente para revolucionar a raça toda. A carência não é de mais programas, sociedades e reuniões; a carência é do sopro e do fogo do Espírito Santo. Uma pequena organização em que há tal sopro, pode fazer a obra de um exército. Não estou censurando as instituições. São necessárias. Indispensáveis. O meu receio, porém, é de que, nos dias que passam, nós ministros podemos ficar tão acostumados com a organização que descansamos satisfeitos quando vemos o corpo articulado, ainda que esteja estirado sem fôlego no solo. Podemos dar tanta atenção às comissões que não achamos tempo para o cenáculo. Podemos ser tão "públicos" que acabamos esquecendo "o lugar secreto." Podemos ficar absortos na idealização de maquinismos, descuidando-nos do poder que os aciona. Corremos este risco. Eu o sei. Sinto-o. Podemos ocupar-nos em organizações sem que tenhamos vida orgânica. E se nos limitamos

a ampliar as instalações e a multiplicar os mecanismos, somos ainda capazes de pensar que estamos estendendo o Reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. "Não vos enganeis." Mantenham os olhos fixos no essencial. "Orai sem cessar", aguardando, vigilantes, "o fruto do Espírito", refreando qualquer satisfação que não seja em honra do nome do grandioso Redentor.

Há um quarto princípio para o qual os senhores serão sábios em atentar, quando, juntos com os seus colaboradores, estiverem avaliando os negócios da Igreja. *Nunca se tornem vítimas do critério dos números.* Neste negócio santo, a estatística não possibilita bons cálculos referentes ao empreendimento. O rol de membros de modo algum define os limites da influência da igreja e da atividade ministerial. "Não vem o Reino de Deus com visível aparência." Pode ele estar-se movendo aqui e ali qual brisa a mais branda, como a quase imperceptível viração do alvorecer. Pode estar aqui e ali, ocasionando visões e sonhos, aliviando temores ocultos, curando ignotas angústias, libertando almas de pecados secretos. Conheço o conforto e a inspiração que sobrevêm a um ministro pela confissão franca dos filhos de Deus, quando a confissão é singela, séria e ver az. Mas não restrinjo o conceito que faço dos frutos do meu ministério a produtos semelhantes a esses. Há muita gente que se encontra com Deus sem nunca se encontrar comigo. Há muitos filhos do desespero e do desânimo que se retiram dos cultos dirigidos por mim imbuídos do sentimento de que "passou o inverno" e de que "o tempo de cantar chega." Mas nenhuma notícia do nascer da sua primavera entra no meu diário, nem acha lugar nos diários da Igreja. Quantos cansados homens de

negócio, tendo sido durante a semana toda vítimas das planícies poeirentas, arrastam-se para dentro do templo, alcançam a visão dos montes de Deus, têm a alma renovada — mas as boas novas das felizes excursões da sua alma não me são dadas. Cavalheiros, nós nos espantaríamos, cheios de surpresa, se soubéssemos todos os acontecimentos secretos que se dão toda vez que ministramos da parte do Senhor Jesus em sinceridade e verdade! *Alguma coisa sempre acontece* — profunda, boa e bela, e o grande Agricultor, que nunca deixa de ver nem perde fruto algum, fará a sua colheita para a vida eterna. Assim, aconselho-os a não se sobrecarregarem com excessiva preocupação com terríveis estatísticas, nem permitam que as suas forças sejam solapadas por inquietações que podem ser tranqüilamente depostas sobre o amor de Deus . "Confia no Senhor e faze o bem; habitarás na terra, e verdadeiramente serás alimentado."

Eis o último conselho que lhes dou, desejando que sejam bons administradores dos negócios do Reino: *Nunca pensem que favorecerão os negócios proclamando as suas qualidades pessoais.* A citação de vantagens pessoais é mortal no ministério do Senhor Jesus. Parágrafos pomposos e empolados a nosso próprio respeito e a respeito dos nossos trabalhos; exibições egocêntricas de nossas capacidades e realizações; todas as modalidades de confiança própria e de intrusão — isso tudo é absolutamente fatal à obra realmente mais profunda confiada às nossas mãos. Os nossos colaboradores sabem quando a nossa obra é desfigurada pela nossa presunção. O demônio goza quando consegue arrastar-nos para a exibição própria. Mesmo os nossos mais altos poderes sucumbem e fenecem quando o expomos ao

brilho da busca de publicidade. Eles não podem suportar luz desse tipo e depressa perdem a sua força e beleza. Conjuro-os a que o evitem. Jamais escrevam, para publicação em jornais, um só parágrafo confidencial que dê aos leitores semelhante informação. Eis o que foi dito sobre o Mestre a quem servimos: "Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça." "Foi este o caminho do Mestre. Não o trilhará o Seu servo?" Duma coisa podemos estar absolutamente certos: Quando nos exibimos, ocultamos a nosso Senhor; quando fazemos soar a nossa trombeta, os homens não ouvem "a voz mansa e delicada" de Deus.

Contudo, eu o fiz. Falei-lhes, nestas preleções, de registros pessoais no diário da minha vida, falei-lhes das descobertas pertencentes à minha experiência pessoal. É que eu achei que os senhores talvez gostassem de saber como alguém encontrou o caminho do serviço a que os senhores estão consagrando a vida. Contei-lhes onde achei perigos e onde achei caramanchões repousantes e mananciais refrescantes. A sua estrada pode ser bem diferente da minha; todavia, creio que os traçados principais serão os mesmos. Encontrarão o seu "Pântano do Desânimo", a sua "Colina da Dificuldade", a sua sedutora "Campina do Atalho", o seu "Vale da Humilhação", a sua "Terra Encantada" onde o espírito fica muito sonolento, e os seus claros píncaros donde avistarão os panoramas fascinantes da "Terra de Beulá', onde os pássaros cantam e o sol brilha dia e noite. Mas certamente os senhores verão que, por mais rápidas sejam as transformações características da estrada que terão que percorrer, a

provisão em Cristo sempre lhes será mais abundante.

Meus irmãos, a sua carreira os conduz a um grande mundo para enfrentarem grandes coisas. Há a "peste que anda na escuridão" e "mortandade que assola ao meio-dia." Há vitórias e derrotas, há pecado, agonia e morte. E de todos os apuros patéticos, o mais patético é, sem dúvida, o do ministro que anda pelo horrível campo das misérias de toda sorte, declarando-se médico mas não carregando na maleta nenhum bálsamo, nenhum fortificante, nenhum cautério para atender às clamantes necessidades humanas. Entretanto, de todas as carreiras privilegiadas, certamente a mais privilegiada é a de um Magnânimo a percorrer as estradas da vida, levando consigo tudo que é preciso para peregrinos desfalecidos, feridos e quebrantados, inteiramente confiante naquele "em Quem tem crido." Irmãos, a sua carreira é santa, deveras. A sua obra é difícil, deveras. O seu Salvador é poderoso, deveras. E "a alegria do Senhor é a vossa força."

Osvaldo Cruz, seis de abril de 1960.
ODAIR OLIVETTI (traduziu)

Esta obra foi composta e impressa pela IMPRENSA METODISTA, para a
EDITORA LIVRARIA EVANGÉLICA PRESBITERIANA LTDA.

http://slidepdf.com/reader/full/o-pregador-sua-vida-e-obra-john-henry-jowett